

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

**ADRIANA DE OLIVEIRA DIAS**

**NOS PASSOS DOS CONGOS**

**FRANCA**

**2008**

**ADRIANA DE OLIVEIRA DIAS**

**NOS PASSOS DOS CONGOS**

**Dissertação apresentada à Faculdade de História,  
Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do  
Título de Mestre em Serviço Social. Área de  
Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade.**

**Orientadora: Profa. Dra. Eliana Amábile Dancini**

**FRANCA**

**2008**

Dias, Adriana de Oliveira  
Nos passos dos congos / Adriana de Oliveira Dias.  
–Franca : UNESP, 2008

Dissertação – Mestrado – Serviço Social – Faculdade de  
História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Congadas – Passos (MG). 2. Congadeiros – Representações. 3. Religiosidade cultural.

CDD – 398.0981

**ADRIANA DE OLIVEIRA DIAS**

## **NOS PASSOS DOS CONGOS**

**Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do Título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade.**

### **BANCA EXAMINADORA**

**Presidente:** \_\_\_\_\_

**Profa. Dra. Eliana Amábile Dancini**

**1º Examinador:** \_\_\_\_\_

**Prof. Dr. Mário José Filho - FHDSS/Unesp**

**2º Examinador:** \_\_\_\_\_

**Prof. Dr. Edmilson Felipe da Silva – PCU-SP**

**Franca, \_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2008.**

*Dedico este trabalho aos meus eternos amores que, mesmo não tendo noção da importância da minha ausência, sempre deram sorrisos de aprovação, paradoxalmente, ainda que debaixo de choro: Andoni Gabriel e Juan Vitor.*

## AGRADECIMENTOS

Quisera poder agradecer nominalmente todas as pessoas que ao longo destes anos de Mestrado se dedicaram a mim de alguma forma, seja com um gesto, um carinho, uma palavra, várias palavras, agüentando meu choro, meu riso, minha ironia, meu sarcasmo, meu mau-humor, meu bom humor. Mas pecaria se tentasse me lembrar de todos que fizeram parte dessa caminhada, ora doce, ora dura, ora árdua. Então, aqueles que não tiverem seus nomes grafados aqui embaixo, sintam-se lisongeados. Meu agradecimento primeiro é para vocês, doces esquecidos...

Agradeço a Deus pela vida e ao Espírito Santo por iluminar meus caminhos.

Agradeço à minha mãe Divina, que ‘divinamente’, soube me incentivar a trilhar os caminhos dos ‘estudos’ que viriam a ser o das ciências.

À minha orientadora, Profa.Dra. Eliana Amábile Dancini com quem divido toda esta pesquisa. Meu imenso reconhecimento àquela que mais que orientadora é minha amiga.

Ao capitão do Terno de Congo da Coroa de São Benedito, Benedito de Souza, o Tijolinho, e sua esposa Dona Manoela, que me receberam como filha em sua casa.

À fiel escudeira Maria Luzia Cardoso Silva, que soube cuidar com carinho, presteza e dedicação dos meus filhos. Eu sempre saí de casa para estudar tendo a certeza de que com ela em casa tudo daria certo. Posso afirmar: ela foi mãe dos meus filhos nas horas em que eu não pude estar presente.

Aos meus tios Paulo e Regina que por várias vezes foram ao meu socorro levando-me para Franca às pressas, a tempo de assistir aulas, palestras e, principalmente no dia da Banca de Qualificação, ajudando na preparação da apresentação.

Ao meu marido Romilson, que ‘tão longe, tão perto’, me incentivou e cobrou cada dia o término desta Dissertação.

Às ‘fofas’ Aline, Francine, Ana Elisa, Gracielle e Ericléa, que de maneira miúda a elas, mas grandiosa para mim, deram suas colaborações.

Às colegas de pós-graduação Cíntia e Adriana com as quais passei bons momentos nestes tempos de Mestrado.

Ao professor Pe. Mário José Filho, ex-coordenador do Programa de Pós-Graduação da Unesp de Franca, que por várias vezes foi solicitado a prestar sua ajuda, e ajudou.

À Gigi, do setor de Pós-graduação, com seu sorriso, pronta para resolver tantos ‘pepinos’ e segurar tantas ‘buchas’ desde o início quando fui aluna especial.

Ao grande amigo Alessandro Calixto, um anjo negro no meu caminho, sem o qual eu não teria chegado a tempo no dia da matrícula, tendo desviado seu trajeto de Guaxupé a São Sebastião do Paraíso, me conduzindo até Itaú de Minas para que eu pegasse o ônibus para Franca.

Ao ex-presidente da Associação Passense de Defesa do Folclore (APDF), Eurípedes Gaspar de Almeida, por possibilitar a pesquisa em diversos documentos e com seus depoimentos.

À presidente da APDF, Sandra de Fátima Jerônimo Silva, por me participar todos os eventos que iriam acontecer envolvendo os congadeiros.

Em especial a todos os 44 outros integrantes do Terno da Coroa de São Benedito, sem os quais esta pesquisa não seria possível.

Aos meus irmãos de sangue Dener e Cristina, pessoas às quais posso contar para o que for preciso. E sempre preciso.

Aos serviços prestimosos de Leonardo que conduziu, transportou e trafegou informações, impressões, encadernações, sempre com o sorriso aberto.

À CAPES eu agradeço por financiar três meses do projeto de pesquisa.

À FESP, patrocinadora da ajuda de custo para viagens durante o período do Mestrado.

À FAPEMIG que fomentou 10 meses os estudos da Dissertação



**Imagem de 'Tijolinho' e seu Terno feita pelo artesão Leo Machado – Foto Érico Andrade**

*“Um mundo mágico, mítico e místico, fantástico fantasioso se descortina aos nossos olhos quando cada um dos 45 integrantes do Terno da Coroa de São Benedito se enfileira no corredor estreito e comprido que liga o Barracão (sede do Terno de Congo da Coroa de São Benedito) à rua, no Bairro de São Benedito, em Passos-MG”.*

*Adriana de Oliveira Dias*

*“São Benedito  
Sua casa cheira  
Cheira cravo de rosa  
E fulô da laranjeira”.*

(Cântico em louvor a São Benedito)

*“Santa Figêna  
É nossa santa  
A cor é preta  
E a arma é branca”.*

(Cântico em louvor a Santa Efigênia)

*Oh Meus irmão  
vamo tirá o chapéu, uai  
A Senhora do Rosário  
A rainha do céu”.*

(Cântico em louvor a Nossa Senhora do Rosário)

DIAS, Adriana de Oliveira. **Nos passos dos congos**. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

## RESUMO

O estudo realizado entre os anos de 2005 e 2008 se refere ao esforço dos integrantes do Terno da Coroa de São Benedito no sentido da resistência cultural, manutenção e perpetuação da manifestação Congada, em Passos-MG. Procura expor em detalhes a construção de uma vida outra, sagrada, simbólica, mítica e mágica trançada do viver objetivo, preservando aquilo que tem de mais profundo e sagrado: as encantarias da festa do Rosário, de São Benedito, do Reinado e da Cavahada. No mundo real os congadeiros cumprem um ritual de morte e de (re) nascimento, que conta léguas e léguas de histórias do desterro forçado de seus povos. Choram a retirada de seus antepassados do Congo africano, choram pelo passado de escravidão; no mundo imaginário recriam a maravilha da festa de Reis e Rainhas, onde trabalhadores rurais, carpinteiros, pedreiros, serventes e donas-de-casa se transformam em famílias reais, desfilando num cortejo real. A Dissertação busca identificar e relacionar os aspectos de resistência da Congada e como fazem para manter as tradições de uma festividade com quase dois séculos na região, utilizando o suporte dos estudos da Antropologia Contemporânea como formadores de arcabouço teórico para fundamentação da pesquisa.

**Palavras-chave:** religiosidade cultural. imaginário. congadeiros. representações. educação.

DIAS, Adriana de Oliveira. **In the steps of the congos**. 2008. 168 f. Dissertation (Master's Degree in Social Work) – Faculty of History, Law and Service Work, University of São Paulo State “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

### **ABSTRACT**

The study conducted between the years of 2005 and 2008 refers to the efforts of members of Terno da Coroa de São Benedito in the sense of cultural resistance, maintenance and perpetuation of the demonstration Congada, Passos-MG. It exposes in details the construction of another life, sacred, symbolic, mythical and magical woven objective living, preserving what is deeper and sacred: the enchantary of Festa do Rosário, São Benedito, the Reinado and the Cavahada. In the real world Congadeiros meet a ritual of death and (re) birth, which account miles and miles of stories of forced exile from their people. They cry the withdrawal of their ancestors of the African Congo, crying the past of slavery, in the imaginary world recreate the wonder of the party of Kings and Queens, where rural workers, carpenters, bricklayers, servants and housewives are transformed into real families, parading a real procession. The Dissertation seeks to identify and relate aspects of the resistance Congada and how they maintain the traditions of a festivity with nearly two centuries in the region, using the support of studies of Contemporary Anthropology as trainers of theoretical framework for reasons of search.

**Keywords:** cultural religiosity. imaginary. congadeiros. representations. education.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>PRIMEIRO MOVIMENTO.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 1 ÁFRICA MUTILADA: DIÁLOGOS DO IMAGINÁRIO FANTÁSTICO ENTRE NEGROS DO CONGO DE CÁ E O CONGO NEGRO DE LÁ.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 2 A NOSSA ÁFRICA VAI À FESTA .....</b>	<b>49</b>
<b>SEGUNDO MOVIMENTO .....</b>	<b>85</b>
<b>CAPÍTULO 1 JOGANDO O CONGO: SABERES E FAZERES MÁGICOS .....</b>	<b>85</b>
<b>CAPÍTULO 2 A CONGADA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: MOMENTOS DE RESSURREIÇÃO .....</b>	<b>104</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>APÊNDICE A - UM PEDACINHO DE MIM .....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>140</b>
<b>APÊNDICE C – RETRATOS DO CONGO .....</b>	<b>157</b>
<b>APÊNDICE D – TERMOS DE CONSENTIMENTO .....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANEXO A – DOCUMENTOS: Atas.....</b>	<b>165</b>
<b>ANEXO B - PARA ENTENDER AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.....</b>	<b>167</b>

## INTRODUÇÃO

*“Essa casa é benta  
essa casa é bela  
essa casa tem encanto  
porque tem a Coroa Santa”*

(ponto cantado em louvor à família, nas vozes do Terno da Coroa de São Benedito, em dezembro de 2006).



**Imagens dos integrantes do Terno da Coroa de São Benedito produzidas a pedido das pesquisadoras ao artesão Leo Machado – Foto Érico Andrade**

As falas sobre a temática eixo da Dissertação de Mestrado dizem, na verdade, sobre uma vida de inquietações de ambas pesquisadoras, dispostas a enfrentarem juntas mais uma jornada de estudos. Os riscos, as incertezas e as buscas por conhecimentos, leituras de mundo, por ciências, saberes e fazeres de sentidos e significados plurais, contraditórios, paradoxais, complementares, volta a fazer parte, a mobilizar e a movimentar forte a complexidade da nossa trajetória de vida, da condição paradoxal de vivas antropos, vivas uno-múltiplas, essa

condição constitui um dos viabilizadores da comunicação entre os humanos aportados no espaço e no tempo.

Os dizeres dos poetas, literatos, filósofos, pensadores malditos ganham tonalidades fortes, reverberam, instigam, trafegam e marcam a nossa condição humana – ser vivo de complexidade singular. Uma identidade identificadora, construída e constituinte, um alimento alimentado e alimentador, uma unicidade garantida e garantia da diversidade vem marcando e intrigando as nossas vidas (pessoas/pesquisadoras).

Os tempos de convivência com o terno da Coroa de São Benedito, por volta de três anos, evidenciam um conjunto de sobressaltos e de imagens do terror, do feio e do belo, objetivados à frente dos pesquisados e pesquisadoras. O verossímil, já entrara em pane desde os primeiros dias da pesquisa de campo. O molde do cientista, entalhado com esmero, processo longo, fica impróprio ao corpo. Engordáramos demais. Inchadas do/pelo imaginário e pelas incertezas e dúvidas, parecíamos desafinadas cientistas ainda com as vestes em alinhavos. Engolimos tudo o que víamos e lembrávamos que o tecido se rompera. Nunca mais encontraríamos pano suficiente, qualquer que fosse o feitiço proposto. Gordura incômoda, nem mesmo o mais reluzente e belo traje seria capaz de dar sentido ao espetáculo da vida e da morte desses caminhantes solitários.

Espaço e tempo concentrados, definimos o ponto de encontro, o lugar de morada e passagem dos homens e mulheres de quem e com quem se fala: o terno da Coroa de São Benedito, com seus 45 integrantes, palco privilegiado dos saberes, fazeres do Congo, com o sagrado e o profano. Desenha-se o mais importante – o rastro da familiaridade do território, das pessoas.

Aos poucos, outras pessoas, outros jeitos de ler e viver a vida e a morte se apresentam junto e com velhos conhecidos. O sussurro, arrancado de mansinho do confessionário, se amplia em voz alta. O eu e seus duplos aprontam-se nos camarins. Pavoneado, o imaginário ocupa o centro da cena. Nas cores vivas do Mambembe, o dionisíaco prende o fôlego, cativa o olho que olha agora. Andarilho e boêmio de profissão e comunhão chegam regidos pelo inesperado, nas asas do faz de conta. Tem a obscuridade por contornos; a ambivalência, o contraditório e o simultâneo nos abismos dos tecidos. Dança à sombra da versatilidade do jogo, na sensibilidade da entrega, que constitui o ato de pesquisa.

Usando vários instrumentais, entre eles uma câmera de filmagem digital e fotográfica, registramos o cortejo inteiro de um dia de evento desde a saída do terno até seu retorno. Outras incursões no mundo mágico da Congada foram acompanhadas para entendermos como esta manifestação cultural se processa, resiste, mantém e reproduz-se.

Uma sala pequena e aconchegante, mais parecendo um altar, com uma constelação inteira de anjos e santos como: São Benedito, Padre Vitor, São Jorge Guerreiro, os Três Reis Magos, Jesus, Santa Luzia, São Jorge Guerreiro, São Cosme e São Damião, Santos Reis, Nossa Senhora Desatadora dos Nós, Mãe Rainha e a Santa Ceia, foi o camarim de nossas conversas com o capitão do Terno da Coroa de São Benedito, o personagem principal do nosso grande enredo, a Congada, Congo, Congado.

**África mutilada: diálogos do imaginário fantástico entre negros do Congo de cá e o Congo negro de lá** dá título e significado aos primeiros passos de uma trilha comprida. Nos confins da memória, em algum ponto da história de vida e de morte, a terra, de lado a lado, ganha forma e se expõe. Tomamos por base fragmentos da história da África privilegiando as fontes orais dos negros vivos contados pela África de Passos de hoje: os mestres do Congo, para que eles contem a história em uma narrativa mítica mágica. Para além da contextualização é necessário neste capítulo analisar o perfil do Terno de Congo da Coroa de São Benedito, dos brancos e dos pretos retintos, contada por eles mesmos. Contando as várias faces do Congo, com uma narrativa fantástica, encantada, e com várias versões, assumem aqui o estatuto de artífices das suas próprias histórias, de arranjadores das suas memórias, de grandes mestres de suas coisas.

A história é contada por mãos de gente de letras, pela boca de quem dança no Congo e história de muitas gentes. É também a história de espaços percorridos, de relações vividas, da rota forçada de homens, mulheres e crianças em busca de melhores lugares ou do que resta. É história de idas e vindas, de idas sem voltas, de chegadas sem partidas. É história de muitas estradas, de léguas e léguas de estradas. Nos passos dos dançantes, trilham misturados pobreza, miséria e indignação, andam em parceria a doença, a cachaça, uma pitada de sonhos e esperanças.

Os escritos da Dissertação não estão, de certa forma, descolados das preocupações que inquietam agora. Como antes, a proposta continua desafinando o tom mais usual quanto ao tema de escolha, à metodologia de opção que confere morte à investigação, à forma de escrita final que expõe o que os olhos, os sentidos, a paixão e a razão conseguiram apreender da vida de algumas pessoas, do terno de Congo da Coroa de São Benedito. Caminhante e contador do que viu e ouviu se mantêm na tentativa de estabelecer a parceria inquieta e difícil entre a razão e o sonho que banham os olhos, e a sensibilidade mantida à flor da pele, e a paixão que impulsiona para ir além do que se mostra à primeira vista. Meus demônios continuam, como antes, oferecendo a escolha do que atrai, do que fascina e encanta na realidade das pessoas de um grupo congadeiro.

Os sonhos são sempre desproporcionais para a fragilidade de quem os produz e os alimenta para a individualidade solitária. São sempre coletivos, mesmo que os personagens magicamente criados nem tenham sido consultados. Sempre supõem um outro imaginado. Persistem coletivos, dementes e fascinantes porque trazem embutidos a sedução, o convite feito à alteridade. Espectrais as imagens contracenam. Engramados nos fios da memória, os sinais ganham alma, representam as formas na leveza do ser. Nesse sentido, **a nossa África vai à festa** no segundo capítulo do primeiro movimento. Virtuais, mortos e vivos brotam do fundo da retina. Insubordinados, misturam-se, estabelecem dialogias. Virtual e real, real e imaginário combinam-se, confrontam-se incessantemente. Em revoada uma a uma se achegam bruxas e uma legião de imagens.

O capitão Tijolino, congadeiro, palhaço da Folia de Reis, rezador do Canto pras Almas e benzedor junto a outros magos, a galhofeiros, a foliões e fiéis seguidores, trançam e re-trançam, fiam e re-fiam a renda da magia fantástica dos humanos **jogando o Congo: saberes e fazeres mágicos**, primeiro capítulo do segundo movimento. No capítulo, a preocupação é desvelar os saberes, os saberes mágicos, quais são os saberes que aos iniciados devem ser passados e de que forma, quando é que termina o período da iniciação e se transforma em integrante dentro da hierarquia do Congo e levantar o processo educacional contado pelos integrantes do Terno da Coroa de São Benedito. Sob o ponto de vista deles, verifica-se se este processo educativo tem outros propósitos além da preocupação em formar os integrantes do Congo. Procuramos saber em que a Congada é importante para a construção das condições humanas nas pessoas, dentro desse universo do século XXI.

Findando nossa jornada mostramos **A Congada como forma de resistência: momentos de ressurreição**. Ainda com o espaço maior da escrita reservado à leitura e à interpretação dos congadeiros sobre a sua própria realidade. A centralidade dos nossos escritos, nesse momento é no sentido de saber até que ponto os rituais de Congo são vistos como uma das formas de resistência aos olhos do grupo considerado. Esse tema privilegiado de discussões comporta vários desdobramentos. O estudo das relações possíveis entre cultura, resistência e sustentabilidade, ancorado numa forma de compreender a *ecologia complexa* constitui um dos desdobramentos privilegiados por nós. A nosso ver, o caráter polidimensional da realidade e do pensamento é percebido como um dos indicadores de complexidade. A compreensão da ecologia sob uma variedade de aspectos ao mesmo tempo como o novo paradigma em direção a outra perspectiva de mundo, que supõe a crítica à lógica da sociedade moderna ocidental desenvolvida, norteadora das suas crises e da provável morte planetária em curto espaço de tempo; como reordenação epistemológica, como ingrediente

substancial para as reformas da produção de conhecimento, de pensamento e de ensino; como uma área de saber de características já transdisciplinar; como realidade complexa que comporta uma diversidade articulada de ecossistemas própria dos espaços urbanos e dos espaços naturais em sentido restrito, compreendendo por ecológico fundamentalmente a partir dos aspectos elencados, nossa forma de entender sustentabilidade envolve não só sustentabilidade econômica, ecológica *strito sensu*, das condições viabilizadoras das três reformas indicadas; da mestiçagem étnica que constitui um dos elementos identitários do Brasil.

Nosso trabalho fala de Congo, Congado e Congadas, sendo todos esses termos aceitos e ditos pelos integrantes do festejo, essa dança-dramática de origem africana, embora não tenhamos arcabouço teórico para propor que a dança aconteça em terras africanas da forma como nas brasileiras. A dança rememora costumes e fatos da vida tribal, em forma de cortejo real, com os integrantes desfilando danças cantadas.

A história percorrida e relatada em alinhavos na introdução, primeira porta de entrada do nosso projeto/estratégia, já demonstra a complexidade envolvida na escolha do tema de pesquisa. As várias justificativas apresentadas a partir desse momento do estudo dizem da importância do significado, da estrangeiridade dos nossos objetivos, bem como das particularidades, dos destinos do nosso trabalho que supõe, necessariamente, uma viagem de retorno aos conhecimentos obtidos para as vidas dos principais protagonistas das suas histórias de vida: os congadeiros.

Vamos nos ater a três tipos de justificativas. Para apresentar a primeira teremos que abrir mão da terceira pessoa do plural, ou seja, faço essa justificativa na primeira pessoa como um eu. Moradora de um chão de plantação em terras mineiras, trazia em mim, nas sombras mais escondidas do meu eu, os muitos medos do desconhecido, dos terrores do misterioso que andavam mascarados pelos caminhos de terras batidas, os foliões da Folia de Reis. O tocar dos tambores anunciava a chegada das máscaras do monstruoso, do terror que meu imaginário construía e a minha lembrança dizia aos cinco anos de idade. Da mesma forma que o palhaço desfilava a sua face mascarada eu escondia o meu verdadeiro rosto em lugares mais altos da fazenda, isto é, de um ponto em que eu não podia ser vista, mas podia ver o que se apresentava: misto de terror e sedução.

A variedade e os tons do colorido das vestes do palhaço mesclavam medo e encantamento. Conforme fui crescendo e com a saída do campo para uma moradia urbana, aos poucos aquelas imagens foram se dissipando. O meu encontro com os simulacros dos foliões de Reis, que me acompanharam como espectros por muito tempo, se deu numa manhã,

23 anos depois, em frente à porta de entrada da minha casa em Passos-MG. Eu estava agora diante dos congadeiros. Nesse reencontro o medo se dissipara, ficando apenas encantamentos e encantados. Os congadeiros não têm máscaras. Andavam pelas ruas num misto de festa e de sagrado.

O soar dos tambores, o negro da pele de homens, mulheres e crianças vêm empencados de símbolos, que desde o início carregaram de fascínio o meu olhar. Essas encantarias foram matizadas por tons do negro cada vez mais forte. Aos 26 anos, os laços afetivos com o negro estreitaram-se e ganharam força redirecionando os rumos da minha vida. A partir de certo momento eu já não caminhava só, trazia por companheiro a negritude que há muito seduziam os meus olhos.

Andoni Gabriel de Oliveira Madeira, primeiro filho mestiço gerado pelo encontro de etnias, passa a ocupar o centro do cenário. Com dois anos de idade, traços fortes tatuados por todo o corpo, Andoni, encurta as distâncias já estreitas entre o que já ressoava em mim: o forte dos tambores e rituais de todo o simbolismo que vem junto com o Terno de Congo da Coroa de São Benedito, com os seus mestres, iniciantes e iniciados.

Na segunda justificativa, Adriana e Eliana, voltam a cobrir com o negro da escrita as próximas páginas do trabalho, que trazem para o tema, o plural. Duas figuras caminham juntas, num processo contínuo de trabalho tornando impossível distinguir o real do virtual. A importância do estudo do tema delimitado tem por justificativa o largo espaço que os ternos de Congo ocupam nos cenários local e regional. Em outras palavras, fica impossível falar desse trecho de mundo, que orbita a cidade de Passos, sem dizer da relevância dos congadeiros no universo imagético da localidade.

Os grupos afro-brasileiros desfilam as suas identidades diversas ao mesmo tempo em que constroem representações e imaginários, produzindo narrativas que contam histórias de histórias de si, para si e para os outros. Os rituais de Congo misturam-se e confundem-se com outras manifestações culturais afro-brasileiras, tais como Folia de Reis, Jongo e Moçambique (Manifestações em Anexo), espalhando sons, cores, cheiros, odores e gestuais.

A terceira justificativa está para o contexto histórico mundial do século XXI. Está para a sustentabilidade da diversidade de culturas e do intercâmbio que essa diversidade de culturas faz com outros povos, índios e não-índios, negros e não-negros. É feito todo um trabalho no sentido de manter os traços da negritude, da religiosidade, dos rituais e práticas mágicas para as gerações futuras, permitindo a continuidade de tudo. Ao fazer isso, transformam em legados, em gestuais próprios da dádiva, da solidariedade, das gerações atuais em relação às futuras gerações. Em outras palavras, estamos dizendo que a diversidade

é garantia de sobrevivência, não só para os seres humanos, mas para todos os outros seres do planeta. É preciso ressaltar ainda que a comunicação, a troca entre culturas diversas pode se constituir em “novas luzes” necessárias para explicar, compreender e criar uma variedade e complexidade de respostas exigidas pelas realidades locais e globais hipercomplexas. A comunicação de culturas, povos, ecossistemas naturais, diversos entre si, são alguns dos sustentáculos da criatividade indispensável para manter a universalização da vida.

Ressaltamos ainda, que a diversidade das formas de organizações sociais, de cosmovisões, de saberes e fazeres tecem juntas uma teia polidimensional que se traduz como contraface dos tempos modernos. Esses povos mantêm articulados aspectos ao mesmo tempo paradoxais e complementares que foram separados pelo mundo ocidental moderno. O sério e o riso, a festa e o trabalho, o mágico/mítico/místico e a racionalidade, a objetividade e a subjetividade, Apolo e Dionísio, nessas culturas caminham encilhados. As respostas para os problemas tão complexos do mundo contemporâneo estão na convivência desses duplos, mesmo que essa convivência seja matizada por conflitos, contradições, ambigüidades e indisposições.

O objetivo deste projeto é estudar o Terno de Congo da Coroa de São Benedito que sai às ruas de Passos-MG, cumprindo um ritual de morte e de (re)nascimento, que conta e canta léguas e léguas de histórias do desterro forçado de povos. Isto é, seres espectrais e lendários que ficam perambulando pelos espaços reais e imaginários. Eles se alojam nos cérebros, nas cabeças, nos corpos das pessoas da Congada, formando um quadro onde estariam retratados os seus ancestrais. Este é um quadro imaginário, em que estão retratadas as famílias, os irmãos de sangue e de fé que precisam produzir histórias de nascimentos como mitos.

As narrativas míticas são histórias eufemizadas de si e do mundo, e contadas para si e para os outros. É necessário fantasiar pessoas, caminhos, lugares de onde eles vieram, dos berços onde estavam e ao mesmo tempo cruzar este quadro, que está sendo formado pela necessidade humana (de onde veio, que caminhos percorreu, quais foram os úteros onde foram gerados) e, ao mesmo tempo, a existência de outros seres não visíveis, que são os verdadeiros familiares e que não se encontram com estes.

Lá, os que viveram a história não encontram mais seus filhos, seus caminhos, e no quadro de lá, os berços balançam vazios e sujos, empoeirados numa terra sem ninguém. A busca daquilo que ali já não está, uma presença sem rostos, apenas retalhos formando redemoinhos de memórias, de imagens ficcionais, numa aflição por conseguir encontrar os corpos desgarrados, com lembranças desgarradas.

Há um desencontro entre as almas e nesse movimento alucinante de busca com uma ânsia de achar algo, pelo redemoinho que balança o berço e suas terras, num movimento revoltoso. É a busca pelo reconhecimento de onde eles estavam (lugares, corpos, coisas). Esse redemoinho, sob os sons da incerteza, do acaso, do indeterminado, do que não pode ser traçado mais, só pode aparecer como fantasmagoria, como construções fantasmagóricas.

Encantados destroços em estado de beleza são lindos procurando a si mesmos e às suas próprias identidades e às partículas com as quais eles podem se identificar. É uma busca de vida, na medida em que estão buscando cada fragmento do seu ser, do seu existir, na busca do retalho daquela terra que tem encantos, cores, que cegam de vida pelas tonalidades fortes e vibrantes. Esse povo nunca vai morrer, são eternos; são ao mesmo tempo a vida em que o finito é a ilusão e o real é a permanência, pelo fato de serem feitas do permanente, do infinito, do que não morre nunca. Torna essa vida e essa busca eterna, os mortos é que são finitos nessa dança de Xiva.

Toda identidade não é um eu apenas, é uma construção coletiva. É resultado de lugares percorridos, de onde nasceu, de barrigas de onde nasceu e que são também seus úteros inflados, carregados de filhos de outra pátria-mãe, que comunga a existência e a não existência. São fetos reais e não reais, mas isso não importa porque este grande útero é a África, pois estes fetos existiram de fato e ainda existem, pelas cores, estão vivos e tornando vivas as paredes das casas, a madeira dos berços, a face dos monumentos, estão mantendo vivos e dando vida ao rodopio alucinado da dança e da musicalidade, da sonoridade dos dialetos, das palavras que compunham os dialetos.

Isso que consideramos realidade é a fantasmagoria. Eles, de lá, querem saber para onde eles mesmos e seus filhos foram e buscam pela África, pelo Congo, onde supostamente, eles estão. Eles procuram a si e às milhares de gerações que não se sabe por onde foram.

Estão na cabeça dos povos do mundo inteiro. É tão cheia de mortes, de atrocidades e de tanta vida diferente, porque está como demônio no corpo de cada uma das pessoas deste cidadão planetário. África que encanta pelo belo, pelo feio, pelo mal e pelo bem. O objetivo é sair em busca do irreal que é mais real do que o real.

Vamos falar das cores, pois são constituídas e emanam energias, porque são energias de várias cores. Cada cor emana um tipo de energia, e falar delas, é falar de vida. Os olhares, os pensamentos refletem energia de várias cores com vários efeitos.

O estudo será feito por meio do histórico dos Ternos de Congo de Passos. Suas alternativas de sobrevivência, a partir de uma ótica que tenha como foco principal as necessidades dos congadeiros para a continuidade da Congada e como é o seu entendimento

como manifestação cultural, com capacidade aglutinadora e organizadora de comunidades. Também identificar o que faz com que os Ternos de Congo tenham, ainda em nossos dias, um trabalho essencialmente de caráter popular, respeitando as tradições da cultura de origem africana e aceitando as modificações impostas pela sociedade com tempo.

Considerando-se a importância do Serviço Social na dinâmica das relações na sociedade contemporânea, pode-se imaginar que o atual projeto tem como contribuir, guardadas suas limitações, no melhor entendimento do cotidiano dos congadeiros e na evolução da manifestação Congada na cidade de Passos, interior de Minas Gerais.

## PRIMEIRO MOVIMENTO

### 1 ÁFRICA MUTILADA: DIÁLOGOS DO IMAGINÁRIO FANTÁSTICO ENTRE NEGROS DO CONGO DE CÁ E O CONGO NEGRO DE LÁ

*“Pai João foi na mata tirá o cipó  
pá cercá o mundo ao redó”.*

(ponto africano passado de pai para filho, na voz de Tijolinho)

Na soleira da porta, um passo adentro da dissertação, consideramos de relevância estabelecer algumas considerações sobre o imaginário fantástico vivido cotidianamente por um grupo de congadeiros, homens, mulheres e crianças iniciados na fé, no jogo e na dança do Congo num espaço/tempo até onde a vista alcança. Na viagem em direção aos campos do ficcional, do real maravilhoso, do lendário, do monstruoso, das imagens de santos, deuses, demônios, anjos, duendes e outras figuras espectrais, as vozes dos integrantes do Terno da Coroa de São Benedito ganham espaço maior, assumem outras tonalidades.

O trajeto dos nossos escritos corta o território do *não visto*, mergulha no fascínio das sombras. O olho esgueira-se pelas fendas da vida social em busca do que exala dos seus porões, dos visgos que sustentam a sociabilidade de um grupo. Os domínios são do imaginário, do ficcional.

O tecido da vida é feito também de sonho, como o dos sonhos é feito de vida. A composição e a dose variam. Da mesma forma que necessita de afetividade, a realidade precisa do imaginário para ganhar consciência. Nosso mundo real é, nesse sentido, semi-imaginário. (MORIN, 2002, p. 132)

Costurado na duplicidade, regido por uma orquestra de símbolos, por mitos, ritos e práticas sacrificiais, o fantástico arma-se de potências mágicas na resistência astuciosa às injunções externas, ao peso do econômico e do político. Multifacetados, o imaginário, o reino do sensível, do poético, da afetividade, do estético, fazem-se suportes da complexidade do real. Por esses caminhos, as grandes teorias unificadoras e redutoras que penam de Mal-Estar no mundo moderno, mostram-se insuficientes para apreender o emaranhado de minúsculas situações as quais fazem o dia-a-dia mágico, ficcional dos congadeiros. Os riscos, os erros, a presença do acaso, das incertezas, do inusitado, caminham feito rastros nas pegadas das pesquisadoras, quando as sendas são do imaginário. O contexto envolvendo as questões

ligadas ao imaginário fantástico é de conhecimento de boa parte dos pensadores do real complexo.

A empreitada dos estudos torna-se um grande estímulo à medida que são rompidas as dicotomias: racional/irracional, visível/invisível, real/imaginário, inteligível/sensível, ciência/arte, mitos/logos. A bússola norteadora dos nossos passos na dissertação aponta para desafios inerentes ao Pensamento Complexo, a uma outra perspectiva de mundo, em que objetividade/subjetividade não ocupam campos apartados, nem se arranjam em hierarquias. Pressupõe-se, pois ao pensador, passar por um caos existencial.

Nosso olhar inicialmente recai sobre a dimensão objetiva da realidade delimitada da pesquisa: a história de Passos. Esta é (re)ordenada a partir dos fragmentos, dos recortes aos poucos encontrados. Em um primeiro raio x da cidade, temos dados de uma realidade passível de matematização e classificação. Passos, na fala de boa parte dos seus filhos, tem o *status* de cidade pólo do sudoeste mineiro. O município é um dos 853 do estado das Gerais, completa em 2008 seu sesquicentenário de emancipação político-administrativa. Já assumiu a condição de povoado do Senhor Bom Jesus dos Passos, elevado à “freguezia pelo [par.] 6º do Art. 1º da lei provincial n. 184, de 3 de abril de 1840. Depois, foi elevado à condição de villa pelo [par.] 1º do Art. 1º da lei n. 386, de 9 de Outubro de 1848 e à cidade pela lei n. 854, de 14 de Maio de 1858” (SILVA, 1878, p. 84). Em 1878 José Joaquim da Silva, em seu Tratado de geographia descriptiva especial da Provincia de Minas-Geraes, descreve a cidade de Passos “situada em uma vasta campina de pouca elevação, à distância de uma légua é rodeada de ricos mattos, que contem grande quantidade de madeiras de lei; é banhada pelo Rio Grande” (SILVA, 1878, p. 87).

No primeiro recenseamento municipal, realizado em 1831, a urbe aparece composta de aproximadamente 254 casas habitadas, 10 quarteirões, 1792 habitantes, 609 escravos e 74 proprietários de escravos. Em 1878 já contabiliza 700 casas, algumas delas de muito boa construção, segundo Silva. O espaço da cidade está esquadrihado por 33 ruas sem calçamento e seis largos, incluindo o da Matriz e o do Rosário, onde ficava a cadeia. “Além da Matriz, que é pequena, e mal construída e também mal collocada, tem mais as igrejas do Rosário, Santo Antonio, São Miguel e a de Nossa Senhora da Penha” (SILVA, 1878, p. 87).

Nos dias de dois mil e oito a cidade de Passos ainda preserva a igreja Matriz Senhor Bom Jesus dos Passos, a mais antiga do município, inaugurada dezoito anos antes da emancipação político-administrativa da cidade. Tem ainda cinco outras paróquias católicas apostólicas romanas: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora de Fátima e São Benedito. As paróquias são formadas pelas igrejas e

capelas de Santos Reis, Centenária da Penha, São Luiz Monfort, Santo Antônio de Pádua, Santa Rita de Cássia, São Judas Tadeu, Sagrada Família, Cemitério de São José Arcanjo, do Rosário, São José, do Colégio das Irmãs, da Santa Casa, Igreja São Francisco, Carmelo, Igreja São Judas Tadeu e Santuário Santo Aníbal Maria de Francia.

A Igreja do Rosário, uma das mais antigas, só existe na memória das pessoas e em documentos iconográficos. A Igreja foi erguida em taipa e alvenaria pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, por mãos de uma maioria de negros escravos entre 1823 e 1931, possivelmente. Sua construção deve-se a litígios políticos levando a cercear a prática religiosa de algumas famílias na Igreja de Senhor Bom Jesus dos Passos. Pela pressão dos vizinhos da igreja, sob a alegação da insegurança de suas torres, por volta de 1953 acontece a demolição. Há quem diga, porém, não ser este o real motivo da destruição da igreja. Para Tijolino, capitão do Terno da Coroa de São Benedito, a demolição desse templo religioso tem outras motivações.

É que sobre a Irmandade do Rosário nós sabe que ela é munto antiga e a demolição da Igreja do Rosário eu num sei bem. Sei que o povo falava que ela era munto no centro da cidade, e os preto nessa época num podia se misturá com branco de riqueza. Dancei Congo lá. Ela era feita de pau a pique, né. Qualquer um podia ir lá, num era só dos preto não. Ela tinha um bom tamanho. Lá nós num entrava com o terno não. Só começamo a entrá dentro memo da igreja aqui no São Benedito com aquele padre moreno, que falô que a festa era nossa. (TIJOLINHO, 2007).

O Cônego José Timóteo da Silva, pároco da Igreja de São Benedito, é o padre citado na fala de Tijolino. O Cônego José, personagem relevante da história, responde pela liberação da entrada dos ternos de Congo no interior desse espaço sagrado, por volta dos anos 60.



**FOTO 1 - Igreja do Rosário feita em 1920 incluída no Álbum de Passos**  
Fonte: monografia do município de Passos (MAIA, 1984, p. 13).

Nos idos de 1878, a população do município de Passos nos escritos de Silva, “orça por 21 mil almas, sendo que a da cidade e sua freguezia é de 4,561 almas” (SILVA, 1878, p. 84). Essa estimativa suscita dúvidas. Provavelmente os escravos não estavam contabilizados como *almas*. Os escravos da negra África, no ideário da época, recebiam a classificação de *peças*. Segundo o senso de 2007, apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em Passos vivem 102.765 *almas*.

A economia em Passos nos dois mil e oito se baseia na agricultura, pecuária e indústrias de confecções e moveleiras, além de prestação de serviços. O Produto Interno Bruto (PIB) a preço de mercado no ano de 2005 é de R\$ 874.550 mil. A área financeira é composta por agências bancárias.

Passos tem 51 bairros: Centro, São Benedito, Vila Rica, as Cohabs I, II, III, IV, V e VI, Penha, Penha II, Nossa Senhora de Lourdes, Nova Califórnia, Primavera I e II, Continental, Santa Helena, São Francisco, Eldorado, Exposição, Nossa Senhora das Graças, Canjeranus, Nossa Senhora Aparecida, São João, Maria Augusta, Serra das Brisas, Santa Luzia, Bela Vista e Bela Vista II, Panorama, Jardim Satélite, Jardim Itália, Jardim Canadá, Planalto, Santa Casa, Serra Verde, Recanto da Teka, Aclimação, Distrito Industrial I e II, Belo Horizonte, Coimbras, Parque da Estação, Carmelo, Polivalente, Jardim Elane, Polivalente, Novo Mundo, Casarão e Colégio Passos<sup>1</sup>.

Na visão do poder local, o município de Passos é o portal do Circuito Turístico Nascentes das Gerais com todas as auteridades: as naturais e as culturais. A poucos quilômetros do centro, na estrada para a Serra da Canastra, no Rio Grande, está o Porto Passos-Glória. A travessia por balsa e o pôr do sol são atrações imperdíveis.

O professor Eurípedes de Almeida (2007) afirma que as manifestações culturais em Passos sobrevivem graças à ajuda do povo, em especial os negros, pelo gosto de preservar suas tradições.

A ajuda de governantes nessa área é reduzida. Os governos, tanto municipal, quanto estadual e federal, está acordando para o grande patrimônio cultural do povo brasileiro. Estão começando a valorizar, mas não temos tanto apoio. Estamos sempre esperando mais. A cultura não é só um meio de resgate da história de um povo, mas também a forma de fomentar turismo na região. Os governantes estão vendo que as manifestações culturais fomentam a indústria turística. Basta ver o carnaval no Rio, em Salvador, no Recife, que movimenta dinheiro e gera empregos.

---

<sup>1</sup> A partir do bairro de São Benedito nós e os congadeiros desse bairro nos observamos e fazemos uma leitura dessa interioridade específica do terno e é da mesma forma, de dentro do Congo do bairro de São Benedito feita a leitura dos outros ternos de Congo de Passos e fora de Passos.

O município de Passos é rico em manifestações culturais assegurando-lhe o título de capital mineira do folclore, pela Federação de Reizado do Estado do Rio de Janeiro, conforme assegura o professor Eurípedes, embora não tenha nos fornecido documento comprovando a titulação. Na contabilidade de riquezas, Passos se transforma aos nossos olhos num celeiro de cultura. Os dados fornecidos pelo professor nos inspiram a compor um ponto<sup>2</sup>, nos moldes de um ponto da Congada.

### **Celeiro de Cultura**

“Passos tem terno de Congo?

Tem 13 sim sinhô!

Passos tem terno de Moçambique?

Tem 7 de louvor!

E Companhias de Reis?

Tem 20 de uma vez!

Passos tem grupos de Pastores?

São 5 para louvores!

Ainda tem as Pastorinhas?

Um grupo se anuncia!

E Rezadores para as Almas?

15 membros que as salvam!

Derrubadas ou Mutirão?

Cinco é um tanto bão!

Tem grupo de Catira?

Esse o povo nunca tira!

---

<sup>2</sup> Ponto criado pelas autoras a partir de informações fornecidas pela Associação Passense de Defesa do Folclore (APDF) sobre as manifestações culturais em Passos. Ponto, na fala de Tijolinho é uma composição criada em improviso a partir de um dado, um fato, um acontecimento, com a inspiração Divina e de Pretos Velhos, cantados pelos ternos de Congo e Moçambique.

Passos tem Caiapó?

Esse tem um só!

São Gonçalo, Passos tem?

Tem um, é bão, cê vê?

E os grupos de Capoeira?

Estes levantam poeira!

Grupos de Maculelê?

Tem que dançam até doer!

E tem outras folias?

Assim como as três Marias!

São Benedito,

Ah, não acredito!

São Sebastião,

Um amigão!

E do Divino,

Espírito Santo! Uai.

Passos tem benzedeadas?

15 cadastradas e trocentas rezadeiras!

Passos tem grupo de resistência?

Xii, tem muita resistência, é de negro é de índio, gente afro-brasileira

E nem sei mais lá o que

Você pensa que acabou?

Tem centro pá todo gosto!

Roda de Samba, Umbanda e Candomblé!

O número 80 é'!

O autor de “As Congadas no Brasil” num ensaio de justificativas, quase num pedido de desculpas, conta da seguinte forma um mapa que padece da estranha doença da invisibilidade. Entre os vários estudiosos das congadas no Brasil, um desafia uma fala comprida para dizer o que os nossos cinco ou mais sentidos já percebem.

É impossível com os elementos conhecidos realizar independentemente análises de tipos sincrônicos e diacrônicos, o que só poderia ser feito, em parte, através de um levantamento que cobrindo o território nacional em um dado momento, mostrasse a incidência atual da manifestação, o que permitiria selecionar os locais onde o mesmo fosse registrado, daqueles onde foi noticiado através dos anos, mas onde, devido a razões diversas de ordem social, não mais existem. Sem possibilidades materiais para realizar tal levantamento, e somente com os registros têmporo-espaciais, se pode traçar um quadro aproximado da ocorrência do folguedo, conjuntamente para o passado e o presente, que mostra a distribuição dessa manifestação popular nas seguintes unidades federativas do nosso país. (RABAÇAL, 1976, p. 39).

Beirando o território do absurdo, Passos, sem qualquer explicação é varrida de um mapa que só está traçado em terras fantasmáticas pelas mãos de “Rabaçal”, publicada em 1976 para compor o número 5 da coleção “Folclore”, do conselho estadual de cultura, do governo do estado de São Paulo. Ainda neste sentido:

[...] tem acarretado para o conjunto da bibliografia existente sobre o assunto, um emaranhado de pensamentos que se refletem principalmente na confusão que projetam nos leitores leigos que por circunstâncias várias dela tomam conhecimento, e, em alguns casos, nos seus próprios analistas, o que em parte decorre da insuficiência dessa mesma bibliografia. (RABAÇAL, 1976, p. 40).

Tomemos por base apenas Minas Gerais, nosso foco de interesse, com a colocação do autor de que são os municípios de **Alfenas**<sup>3</sup>, Alto Rio Doce, Belo Horizonte, Bom Sucesso, Cajuru de Itaúna, Campanha, Conceição, Coração de Jesus, Corrêa de Almeida, Cristina, Dolores do Indaiá, Itaúna, **Jacuí**, Morro Velho, Penacho, **Poços de Caldas**, **Pratápolis**, Prados, Sabará, São Gonçalo do Sapucaí, **São Sebastião do Paraíso**, **São Tomás de Aquino**, Serro, Tejuco, Ubá e **Machado**.

---

<sup>3</sup> Os municípios em negrito fazem parte do Sul de Minas próximos a Passos.



**FOTO 2 - Mapa de Minas Gerais com o Sul de Minas em destaque**

Fonte: CONSULADO DE PORTUGAL, online.

Nos escritos de Rabaçal são varridas do mapa Passos e cidades do Sul e Sudoeste de Minas com significativa expressão em Congadas, Moçambiques e outras manifestações. As informações fornecidas pelo ex-presidente da Associação Passense de Defesa do Folclore (APDF), Eurípedes Gaspar de Almeida, são imprecisas, especialmente no que diz respeito à identificação dos redutos do Congo, do Moçambique e da Folia de Reis.

Não obstante, tais imprecisões por parte de Eurípedes, oferecem dados que não são apresentados pelo pesquisador Rabaçal. Outros municípios surgem como territórios expressivos de várias manifestações de origem africana em Minas, tais como Alpinópolis, Arceburgo, Alterosa, Bom Jesus da Penha, Capitólio, Arcos, Capetinga, Cássia, Delfinópolis, Fortaleza de Minas, Guaranésia, Guapé, Guaxupé, Ibiraci, Ilicínea, Itamogi, Itaú de Minas, Monte Santo de Minas, Nova Resende, Nepomuceno, Olhos D'água, Piumhi, Pimenta, São José da Barra, Santo Antonio da Alegria, São João Batista do Glória, São Pedro da União.

Para Eurípedes de Almeida (2008), inexistem em qualquer órgão de seu conhecimento, mapas confiáveis sobre os locais de expressiva manifestação da Congada em Minas.

O que sabemos é ser uma manifestação cultural em extinção. Cremos não passar de 100 municípios com ternos de Congo em Minas Gerais. Estes que nós temos cadastrados, infelizmente não sabemos dizer se é de Congo, Moçambique ou de Folias de Reis, pois desenvolvemos o programa do encontro estadual convidando a todos. No 36º Encontro Estadual de Congos e Moçambiques, realizado em dois mil e sete, na praça da Igreja de São Benedito, em Passos, mais de 100 cidades foram convidadas a comparecer com seus ternos. Em dois mil e oito será o de número 37 e temos um grande compromisso, afinal é o sesquicentenário de Passos.

Professor Eurípedes Almeida (2008) parece ressaltar, em dado momento da pesquisa, a importância das manifestações culturais de origem negra. Ao mesmo tempo enaltece e considera suficiente a reunião de vários grupos em um só dia porque o encontro permite que ternos de cidades diferentes se visitem e prestigiem as festas que ocorrem em outras cidades ao longo do ano.

A visita é feita, conforme já dissemos antes, por meio de convites, tanto da nossa parte quando somos a promotora da festa, no caso a APDF se encarrega de convidar, ou recebemos os convites quando é de outros municípios [...] O bonito da raça negra é que mesmo sofrendo tudo o que sofreu com a escravidão, é um povo feliz, não deixando de realizar suas confraternizações, danças e ritos religiosos.

Na perspectiva do professor Eurípedes Almeida (2008) forma-se uma rede marcada por trocas simbólicas, trocas de convites, hospitalidade, almoços, cânticos costurando laços sociais. Os últimos anos são marcados por mortes de representantes de grande expressividade na cultura negra.

Nossa maior dificuldade foi encontrar pessoas dentro da família do folclore que pudessem substituir as pessoas que faleceram. Por causa destas baixas, os ternos de Congo e Moçambique vêm se renovando. A APDF fez um trabalho de resgate dos ternos, por isso os grupos representam uma nova geração. Estamos incentivando os jovens sobre a importância do folclore para a nossa cidade, mostrando que eles não podem ficar omissos à cultura popular que vem vindo há séculos. Assim, conseguimos o apoio e participação deles.

Diante de todo o quadro produzido por aqueles que se auto-classificam como seres portadores de *almas*, percebemos a presença de uma série de subterfúgios com objetivo claro, o de silenciar, ocultar a negritude de corpos estrangeiros.

As pesquisadoras das coisas e feições da Congada, uma, jornalista de profissão, mãe de fé de dois filhos, um deles, o primogênito, congadeiro insurreto desde os anos de dois mil e sete, por uma pluralidade de causas ainda não identificadas, outra, antropóloga juramentada que insiste em se dizer negra e índia, não obstante o incontestável da sua pele branca, pela primeira vez se encontram numa das esquinas do mundo encantadas pela dança, pela cantoria, pelo ritmo, pelo negro dos rostos dos congadeiros em dias de folia. Elas, nós, profissionais da observação

detalhista, a partir do primeiro encontro seguimos partilhando encantarias. Gradativamente os estoques de símbolos sobre a Congada foram ampliados. Em um instante qualquer um quadro trançado em alinhavos surge à frente dos nossos olhos. Em tonalidades ocre avermelhado, mãos imaginárias reviram berços numa região despida de verdes. Uma ventania sopra nuvens de terra a partir de ponto nenhum, numa situação de pós-refluxo da natureza.

As imagens vistas, em meio a um confusional, revelam mulheres magras, esqueléticas, desprovidas de qualquer traço identificador de seus rostos. As mulheres parecem caminhar atordoadas, sem rumo definido. Em gestuais trágicos reviram berços movidos em desalinho ao sabor do vento. Incansáveis, elas buscam por seus filhos, maridos, irmãos, por todo um universo do familiar. Mexem e remexem supostas covas rasas. As andanças, no encaixe do que pode restar dos seus filhos, desobedecem fronteiras, seguem desconhecendo tempo e espaço. O Congo aqui se espalha por toda a África, toda África é um Congo só. No quadro pintado a quatro mãos, fragmentos de vidas, de coisas, de objetos, de lembranças, de saberes e fazeres, se reagrupam formando uma outra África, sem oceano por obstáculo.

Uma África dos negros do Congo de cá ganha corporeidade. Na forma de retrato, as pessoas a poucos palmos à nossa frente apresentam uma nitidez de traços diferenciando negros de outros negros. Corpos em desalinho perambulam à procura dos berços de origem. A eles, como aos negros e negras de lá, resta um mundo imaginário de andanças sem portos de ancoragem, de caminhos por entre as rotas mortais de uma África mutilada.

Alma mestiça, o quadro que surge primeiro possui e é possuído pelo mundo de lá e pelos negros congolezes de cá. As diferentes imagens engramadas nas sinapses dos cérebros expõem a face mais anárquica desse órgão bio-psico-sócio-cultural. Ignorando as fronteiras entre uma e outras dessas sinapses, as imagens de natureza altamente comunicativas articulam memórias, imagens da saga africana, em momentos diversos da colonização. África abandonada, esquecida, desterrada de seu berço planetário, assiste o trágico perambular dos fragmentos de corpos e de corporeidades sem teto de morada, sem o abrigo de qualquer museu.

Sem nobreza de feições, destituída de valor, o nada por horizonte, as coisas e os negros de cá vivem a condição dos degradados, comungam a mesma hóstia consagrada recebida aos pés dos altares erguidos pela barbárie da ocidentalização que varre do solo do continente africano qualquer traço de vida.

Nos momentos de exercício dos cerimoniais da Congada de São Benedito, a grande maioria das pessoas olha os festejos sagrados sob as formas do inexistente, do nada plasmado à frente dos seus olhos.

Dados relativos à distribuição das Congadas no Brasil demonstram que essa festividade é prática dominante no sudeste brasileiro, especialmente nos estados de Minas Gerais e São Paulo. A forte presença da Congada na região estaria relacionada à presença de negros de origem banto vindos forçosamente da África como escravos arrancados de sua terra pátria. Com a impossibilidade de fazer o mapa, nos utilizamos de dados já elaborados por Rabaçal em “As Congadas no Brasil”. Percebe-se nitidamente a diferença entre a informação de Rabaçal, referente à Minas Gerais, com 26 municípios e a apresentada pelo ex-presidente da APDF, Eurípedes de Almeida, de 32 municípios, além daquele número que supostamente chegaria a 100. Podemos fazer uma representação dos dados das Congadas no Brasil da seguinte forma:

São Paulo	108
Minas Gerais	26
Sergipe	8
Bahia	6
Ceará	6
Goiás	5
Espírito Santo	3
Santa Catarina	3
Maranhão	2
Mato Grosso	2
Pernambuco	2
Paraná	2
Guanabara	1
Paraíba	1
Rio Grande do Norte	1
<b>Total</b>	<b>176</b>

### **As Congadas no Brasil**

Fonte: Rabaçal (1976).

Pretendemos nesse capítulo fazer uma representação iconográfica do Estado de Minas Gerais tendo por pressuposto que todas essas terras de Minas estão pontilhadas de um número significativo de municípios que alimentam de formas as mais diversas a Congada até os dias de 2008.

Dispostas a percorrer longos caminhos, já com o pé na estrada, o encontro com o inesperado decreta a morte do imaginário de uma longa jornada a ser trilhada. Não há em Passos qualquer rastro dessa presença ausente. Os que constroem uma auto-imagem de historiadores de Passos e de toda a região, dizem da performance do mapa, mas papel em branco é o único indício do inexistente. Uma única frase dá conta das inquietações trazidas à flor da pele. O mapa sussurra silêncio sepulcral, do nunca existente, da sobrevivência de espectros só no imaginário de algumas pessoas do lugar. Sentidos aguçados de pesquisadoras inquietas, o que invade os poros é o cheiro acre da morte de determinados grupos, é a invisibilidade como mal incurável que se apossa dos corpos de homens, mulheres e crianças, renegados da história do **Universo Elegante**<sup>4</sup>.

Na contramão de um tipo de leitura de mundo até agora apresentada, a ecologia da ação parece escolher a dedo, com esmero, o episódio explicativo desse macro-conceito. A maioria dos não-congadeiros assume a suposta condição de criadores e criaturas testemunhas do não visto, do inexistente, num ato de puro desconhecimento de alguns dos princípios identificadores de um acontecimento<sup>5</sup>, em especial dos princípios de recursividade e de recorrência. Em situações como essa, os construtores do cárcere acabam encarcerados.

Num cenário de cores sombrias parece reproduzir-se o retrato de um tempo marcado por Michael Taussig em Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura, numa (re)significação a partir do Congo, podemos dizer que os não negros até aqui referidos, como estudiosos do Congo, desmemoriados do sentido da modernidade, ao contrário de realizar um processo de desmistificação e desmitificação do fatos, dos acontecimentos, das pessoas, a fração da sociedade de Passos representada por nós com a expressão universo elegante reifica sua mitologia relativa aos congadeiros e outras manifestações de raiz afro.

---

<sup>4</sup> As autoras agora vivem a condição de contrabandistas de muitos escritos. Nessa oportunidade, o contrabandeado e (re)ordenado é o título do livro de Brian Greene, “O Universo Elegante – subcordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva”.

<sup>5</sup> Acontecimento referido por nós neste trecho carrega o sentido dado por Edgar Morin, no livro Educar na era Planetária – o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. O acontecimento está para o acaso, o não determinado, requerendo a construção de estratégias.

Tornam-se sujeitos a este poder e ao agirem assim procuram salvar-se da civilização que os atormenta, bem como do primitivo, nos quais eles projetam seu anti-eu. O que vemos é Passos transformar os manifestantes de todas as culturas afro-indígenas como o anti-eu. Ele acaba colocando todo esse grupo, que é enorme, em Passos e na região, nos territórios do não visto, do não existente, do ninguém. Dizendo ainda de um leque de objetivos colocados nesse primeiro capítulo da Dissertação o intento é de fazer uma representação dos vários caminhos percorridos pelos congadeiros de outras localidades até o chão de Passos, identificar o primeiro terno de Congo e seus principais personagens, maiores representantes. Na voz de Eurípedes esta trajetória da Congada tem início na África.

Os negros africanos bantu vieram para o Brasil nos navios negreiros como escravos no século XVI. Nos primeiros tempos do século XVII, quando os primeiros bandeirantes tiveram aqui nessa região de Jacuí, logicamente eles trouxeram com eles alguns escravos. Muitos fugiam, é histórico e há documentos que comprovam que ali na Barrinha, onde hoje é o bairro São Francisco, nós tivemos muitas faisqueiras<sup>6</sup> onde os escravos formavam suas habitações. Eram casinhas assim feitas de pau a pique, cobertas com indaiá e como o córrego ali que passa na barrinha era um córrego assim, muito limpo, muito virgem, então eles ficavam ali procurando ouro até ali pelo Boiadeiro a fora, é, pelos lados do São Francisco, na saída ali pra Jacuí. E então nós temos documentos que comprovam isso. (ALMEIDA, 2007).

Muito embora na fala de Eurípedes Almeida (2007) ele cite a existência de documentos, estes não foram apresentados às pesquisadoras. Como forma de continuar sua cultura africana, Eurípedes reitera a realização de festas por parte dos escravos, principalmente quando outros garimpeiros passavam pela região.

Os negros procuravam fazer as festas deles, principalmente na época dos santos de sua devoção. Até o primeiro santo que nós temos registro nessa época, é o santo Antônio. Tinha um português, o senhor Antônio, que tinha uma bitaca, um tipo venda, onde se encontra todo tipo de mercadoria. Esta bitaca era um ponto de encontro de pessoas que vinham de vários lugares do Brasil rumo Mato Grosso ou então pra Goiás. Então ele era muito devoto, e ele fazia a festa de Santo Antônio e os negros então, escravos fugidos, participavam. A religiosidade sempre foi o ponto máximo do escravo, porque, eles vieram obrigados à força da África, então eles tinham saudade da pátria deles, dos orixás, das danças, das comidas e pra não perder essa raiz eles continuavam fazendo.

A maior concentração de escravos na região, a qual viria a ser Passos, se deu com a chegada do alferes João Pimenta de Abreu.

---

<sup>6</sup> O dicionário Aurélio traz a palavra faisqueira como sendo o lugar onde acham faíscas de ouro. (FERREIRA, 1976, p. 873).

Nessa época fizeram a primeira capelinha, que era do Senhor Bom Jesus dos Passos, e nessa capelinha então nós tivemos a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos e a festa de inauguração onde surgiu justamente a nossa Cavalhada em 1835. A história da Cavalhada era contada aos negros e brancos pelos missionários, como forma de catequizar os índios. Eles contavam a história da Europa, e contavam naquela época a invasão da Europa pelos Mouros, que eles tentavam, saqueavam, matavam muitos padres, muitas freiras, e acabaram com muitos conventos, porque eles procuravam colocar na cabeça do índio e do negro aquele amor à religião cristã, à religião católica, inclusive que eles tinham que trabalhar pra ajudar as igrejas. Em Passos isso não foi diferente, os negros trabalharam para a construção da igreja pra conseguir a salvação da alma. Os missionários usaram muito o teatro pra evangelizar e pra catequizar, então eles fizeram a encenação da luta dos Mouros contra os cristãos. Esta história foi usada, em Passos, pelos senhores donos das fazendas para a inauguração da capelinha do Senhor Bom Jesus dos Passos. Foi realizada a corrida em cavalos ao redor da igreja simbolizando a guerra e a comemoração da vitória por parte dos cristãos. Hoje a Cavalhada é um dos nossos grandes bens culturais de Passos. (ALMEIDA, 2007).

Com isso Passos representa há 150 anos a Cavalhada Moriscana<sup>7</sup>, realizada apenas no dia do Natal. A festa conta com a participação de cavaleiros que se vestem com uniformes específicos e portam suas patentes militares. Esses cavaleiros seguem um trajeto realizando visitas aos reis e capitães. São homenageados pelas embaixadas dos Ternos de Congo e Moçambique e também pelas Cortes do Reinado. Simulam a batalha dos Mouros contra os cristãos. Fazem o levantamento das bandeiras. Formam duas filas, correm, cruzando-se: mouros e cristãos. A vitória é dos cristãos e os mouros, vencidos, são convertidos e batizados. Em seguida procede a bênção de Natal e a confraternização dos cavaleiros. Os sinos da igreja tocam anunciando a vitória dos cristãos, enquanto são levantados os mastros com as bandeiras de São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio de Catijeró e Menino Jesus.

---

<sup>7</sup> Conforme Prof. Eurípedes Almeida, a Cavalhada em estilo Moriscana, só tem apresentação em dois locais no Brasil: Passos e Pirenópolis (GO).

## Quadro das Irmandades do Rosário e São Benedito

Passos tem seis ternos de Congo do Trono e cinco ternos da Coroa. Os ternos de Congo têm o da coroa e o da raiz, sendo que a Bandeira de São Benedito só tem o terno da Coroa, não tendo o de raiz. As outras bandeiras têm dois ternos. O Moçambique tem três ternos.

1ª Irmandade do Rosário
1º Terno foi o da Bandeira de Nossa Senhora do Rosário
Bandeira de Nossa Senhora do Rosário
Bandeira de São Domingos
Bandeira de São José
2ª Irmandade de São Benedito
2º Terno da Coroa de São Benedito, após um ano da abolição da escravatura em 1889
Bandeira de São Benedito
Bandeira de Santo Antonio de Catijeró
Bandeira de Santa Efigênia
Bandeira de Menino Jesus
Reinado Congo
Rei Congo é o responsável pela organização das Congadas em Passos.
O Rei Perpétuo tem a responsabilidade de perpetuar a história do Congo.
Os reis das bandeiras cuidam de seus ternos, tanto de raiz quanto de coroa.

O Estado Maior do Reinado em dois mil e oito é composto pelo Marechal Comandante Eurípedes Gaspar de Almeida; o Comandante Geral da Cavalaria, Sebastião Pedro; a Presidente da APDF, Sandra de Fátima Jerônimo Silva; o Rei Congo, Benedito da Silva; Rei Perpétuo, Amailton Bento de Oliveira; o Capitão Mor Geral do Congo, Benedito de Souza; o Capitão Mor Geral do Moçambique, Aparício Aparecido Bonifácio da Silva.

**Fonte:** APDF, 2008

### Composição dos Capitães de Terno

Rei do Menino Jesus	Sebastião Francisco de Almeida
Rainha do Menino Jesus	Elizabeth Almeida
Rei de Nossa Senhora do Rosário	Gilberto Domingos Ferreira
Rainha de Nossa Senhora do Rosário	Edna Aparecida Rodrigues Ferreira
Rei de São Benedito	Rodrigo Prisciliano de Andrade
Rainha de São Benedito	Valdete Aparecida Andrade
Rei de São José	Gabriel Ferreira do Nascimento
Rainha de São José	Maria Lucia de Almeida
Rei de Santa Efigênia	João dos Reis
Rainha de Santa Efigênia	Maria da Penha Dias Reis
Rei de São Domingos	João Batista Nascimento
Rainha de São Domingos	Expedita Maria Silva
Rei de Santo Antonio de Catijeró	Thiers Augusto Antonio
Rainha de Santo Antonio de Catijeró	Maria de Lurdes Almeida

Estado Maior da Coroa de Nossa Senhora do Rosário são os reis de Nossa Senhora do Rosário, de São Domingos e São José.

Estado Maior da Coroa de São Benedito são os reis de São Benedito, de Santa Efigênia, Menino Jesus e Santo Antonio de Catijeró.

**Fonte:** APDF, 2008

### **Comando da Cavahada**

Comandante Geral	Sebastião Pedro Filho
2º Comandante	Nestor Aparecido de Almeida

### **Comandantes das Guardas dos Ternos**

Nossa Senhora do Rosário	Ronei José Araújo
São Domingos	Ilton Alves de Oliveira
Santo Antonio de Catijeró	Marco Antonio dos Santos
São José	Ronan Paulino
São Benedito	Juventino Assis Carvalho Neto
Santa Efigênia	Juliana Silveira Tavares

**Fonte:** APDF, 2009

O Capitão Tijolino (2007) conta que a Congada é uma manifestação que começou nas senzalas e ganhou as ruas com a libertação dos escravos em 1888.

Os escravo ensaiava, mas num tinha essa liberdade de saí, depois é que manifestaro com o Congo na rua. Eles tocava nas senzala. Quem me contou foi meu padrinho de batismo, que ouviu de alguém. Que era anssim, né, os escravo num tinha liberdade, né, então, o dia que és tinha uma forguinha de noite és batia e cantava os ponto dê lá na senzala. Aí quando ganhô a liberdade em 1888, ninguém segurô eles. Fizero aquelas caixa de pau, uns tamborinzão grosso ansim. Tirava o miolo do pau, fazia aquelas caixa. Era tudo de madeira as caixa, tudo de pau. Eu cheguei a cantá em munta caixa de pau. Não tenho de pau mais não.

Sobre mudanças no estilo da Congada e Cavahada deste tempo de mundo para os dias atuais, o professor Eurípedes Almeida (2007) nos assegura ter

[...] a festa passado por descaracterização. É lógico que nós estamos um pouco descaracterizados, os uniformes foram ganhando outros tipos de tecidos, outros instrumentos foram sendo incluídos. As caixas por exemplo, antes de madeira, hoje são compradas prontas. Por muitos anos as caixas eram feitas de latão e couro de carneiro, no início não se usava viola nem sanfona, hoje estes instrumentos foram incorporados. Antigamente era só as caixas e os cambitos<sup>8</sup>.

Cavallhada e Congada nascem praticamente juntas em Passos. Tanto Tijolinho quanto Eurípedes afirmam que as festas foram acontecendo paralelamente. “Quando foram construir a igreja do Senhor Bom Jesus dos Passos, a mando do Alferes Pimenta de Abreu, os escravos também, nas horas vagas, construíram a Capela de Nossa Senhora do Rosário onde é a Prefeitura.” (TIJOLINHO, 2007; 2008).

Na mesma direção corre a pesquisa documental sinalando imagens diversas sob a forma de escrita, fotografias, filmes e relatos de como é jogada a Congada pelo primeiro terno de Congo e as possíveis diferenças em relação aos cerimoniais do Terno da Coroa de São Benedito, um trecho de mundo por nós estudado.

A festa da Congada, conforme o professor Eurípedes, sempre aconteceu do lado de fora da igreja, como é o caso da Igreja do Rosário, que mesmo tendo sido construída pelos negros e os escravos, a festa era realizada em seu entorno. “Realmente só foi liberada a entrada, como já disse, com o padre Cônego e mesmo assim muitos congadeiros respeitam a tradição de não entrar.”

O primeiro terno de Congo de Passos foi o da Coroa de Nossa Senhora do Rosário com a instituição da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em seguida o de São Benedito, também com a criação da Irmandade de São Benedito<sup>9</sup> em 1889, um ano após a libertação dos escravos.

Nota-se que o Terno de Congo da Coroa de São Benedito se transforma ao mesmo tempo em porta e ponte nos tempos do início do século XXI. Vários traços do mundo da modernidade e pós-modernidade se intrometem na rede de relações vividas pelos homens, mulheres e crianças do terno. Ao mesmo tempo, a Coroa de São Benedito rompe as cercanias do território de seu nascedouro e viaja pelo espaço e tempo de feições mundializadas no real virtual, analógico digital.

Atualmente há também essa tendência que faz parte da universalização, onde as etnias, as nações e religiões, frequentemente se fecham em si mesmas, ou seja, se vêem como centro do mundo, em que a parte se julga mais importante do que o todo. Há o perigo do abafamento de outras culturas porque a nossa cultura ocidental universalista se impõe. Segundo Wulf e Morin

---

<sup>8</sup> Cambitos são baquetas utilizadas para produzir o som das caixas.

<sup>9</sup> Cópias das Atas de instituição das irmandades entregues às pesquisadoras pela presidente da APDF, Sandra de Fátima Gerônimo Silva em janeiro de 2008. Confira em Anexos.

(2003) temos a tendência de nos julgar proprietários da razão porque acreditamos argumentar de forma lógica, mas totalmente abstrata, porque estamos convencidos de que a única verdade se encontra na ciência. Na verdade, uma parte significativa dos estudiosos ignora a existência de conhecimentos profundos conquistados pelos povos de todas as regiões, inclusive no campo farmacêutico e outros domínios. Nesse sentido, eles subestimam o elemento mais importante da racionalidade ocidental, que não é só a faculdade crítica, mas a faculdade auto-crítica. Quando somos capazes de nos criticar, somos também capazes de compreender o outro e tudo que lhe diz respeito. No fundo, um outro ele mesmo e ao mesmo tempo estranho. Diríamos que isso se aplica também a cada um em relação a si mesmo, porque ninguém é mais estranho do que cada um por si só. Para reforçar essa questão é preciso ressaltar que quando formos capazes de nos criticar, de ter autocrítica, começaremos a apreender o outro. O eu nunca emerge a não ser de encontro com o outro. A estranheza diante de si mesmo é uma experiência essencial, pois ela permite abrir-se às outras culturas e ao outro. Decisivo, portanto, é não ter a atitude de querer compreender o outro utilizando esse conhecimento para colonizá-lo.

Congada como sobrevivente nos dias de hoje, essa manifestação incorpora os traços de Passos tornando-a ao mesmo tempo igual a todas as manifestações de Congo e ao mesmo tempo diversas, com suas diversidades ecológicas que se referem ao natural culturalizado e também ao que é diversidade para topografia, clima, arquitetura, arqueologia, todas as representações dos cursos das águas, enfim à toda especificidade do meio urbano e do seu entorno, tendo como ponto de partida o presente.

A primeira discussão é sobre o contexto em que ocorrem os Ternos de Congo, ou seja, a preocupação é de traçar a rota imaginária real de percurso dos ternos de Congo pela cidade de Passos, localizada no sudoeste mineiro.



**FOTO 3 - Mapa dos bairros de Passos com rota provável dos ternos de Congo no dia da Cavalhada**

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSOS, 2008.

Essa rota percorre todos os bairros, ruas, avenidas e ruelas que são pouco mais do que grandes valas. Outra rota percorrida está em todo o imaginário das pessoas de hoje e das gerações dos antepassados até onde a vista ou o imaginário alcança. Não percorrendo somente as ruas fisicamente, mas a cabeça, a leitura de mundo de Passos e a partir de Passos, como lócus importante e significativo do Terno de Congo.

Nesse momento, nossos olhos recaem sobre a territorialidade da sub-bacia do Bocaina, que pertence à Bacia do Córrego Bocaina, que vai desaguar no Rio Grande. A maior parte das nascentes que definem a sub-bacia do Bocaina surgem nas Serras do Fundão, do Jaú, da Ventania, Água Azul e da Conquista, que por sua vez pertencem à Unidade Geomorfológica da Serra da Canastra. A sub-bacia do Bocaina abrange aproximadamente 20,3% da área total do município de Passos. É para esse ribeirão que voltamos nosso olhar sobre o Passos dos ternos de Congo. A justificativa está para o surgimento das currutelas formadas por negros escravos vindos de muitas Áfricas que se misturam nas lavouras e minerações ao longo do trajeto do Ribeirão Bocaina, que corta o município e a cidade de Passos.

As águas do Ribeirão Bocaina trazem em si complexidades. Moram, correm, vivem dentro desse turbilhão de águas muitos e muitos rios. Rios que ora caminham lado a lado, ora corrente contra corrente, ora sobrepostos, misturados e ora se misturam... um confusional. Outrora seus olhos brotavam e saltavam águas cristalinas. Hoje, correm turvas de poluição, sobretudo dos dejetos de homens do campo e da cidade. Congadeiros, bem como nós, enxergamos no interior do Ribeirão Bocaina não só águas de ribeirão, mas águas de muitos rios. Há rios contando da poluição, com suas águas não próprias para consumo humano, sem passar por estações de tratamento de água e de esgoto. São carregadas de resíduos urbanos e industriais, resíduos químicos e sólidos, que vêm da cidade e dos campos que rezam hoje a cartilha dos transgênicos, dos fertilizantes químicos, de todo um compósito de poluentes que escorrem pelas brechas da terra até os aquíferos. Há rios fluindo pelas interioridades do Bocaina, de águas não potáveis, águas de homens e outros vivos não beberem. Dentre esses rios, um movimentava-se dizendo da história de si e de tudo aquilo que passa à volta, feito um grande banco de dados. Aqui as águas são turvas de sangue, de suor, de lágrimas, de sofrimento, de práticas rituais, de magias, de danças e cantorias vindas de *MAMA ÁFRICA*. O rio que fala agora conta de um trágico dionisíaco, diz da história de sobrevivência e resistência de povos e povos africanos, trilham caminhos imprimidos a ferros, trafegam pela rota do sombrio e se enraízam e enraízam nas terras de Passos. Tem um outro rio correndo límpido. Por ele ecoam sons, tons e sentidos variados, exalam os sabores, cheiros, cores e a vida/morte dos ternos de Congo. Nesse grande cosmos nasce Passos e com ela a justificativa da nossa condição de testemunhas e observadoras de histórias (re)ordenadas no presente dos dias.

A cidade de Passos integra o grande território dos Sertões de Jacuí. Constitui um dos lugares emblemáticos do terno de Congo, dos fazeres e saberes da Congada. Outras terras encantadas pelo Congo pontilham a vastidão do Jacuí. Tomando a ponta da fila vem Alpinópolis e tantas outras como Pratápolis, Fortaleza de Minas e São Sebastião do Paraíso. As encantarias do Congo, em trajes de romaria, espalham-se como uma das significativas manifestações da cultura popular de raiz afro pelas ancas das Gerais.

A rota do Congo percorre muitos espaços e trafega por vários momentos das currutelas de escravos, erguidas ao longo do Ribeirão Bocaina até os tempos lavrados de 2008.

Os ternos de Congo, as Congadas, suas múltiplas manifestações, suas complexidades de formas, cores, práticas, rituais, saberes e fazeres, suas várias maneiras de dizer de si, dos outros rituais manifestos da mestiçagem, das várias folias e formas de resistência, do jeito de ser negro, de suas nações da negra África, do trançar confusional de muitas possessões de

possuídos que se possuem. É um trânsito intenso entre as várias manifestações de cultura popular de forma que sempre um deixa traços no outro, por vontade de querer ou não.

Considerando o tempo como uma variedade de diversos presentes superpostos, recompostos, revividos, os olhos das pesquisadoras e dos congadeiros que partilham histórias de histórias contam de um real imaginário. Essa rota imaginária percorrida por uma comunidade de destino refere-se a uma outra face do universo que tratamos. Diz dos imaginários compostos de uno-multiplicidade de jeitos, de ordenação, desorganização e recomposição das falas, das cores, dos cheiros, dos corpos e corporeidades emblemáticas, das vestes dos ícones, dos figurativos mítico mágico, dos passos das danças, do farfalhar das vestimentas, dos caleidoscópios do cotidiano, do banal ao extraordinário compreendendo a mistura do poético ao alegórico que escorre dos inúmeros presentes.

A linguagem comporta a possibilidade de expressão dos dois estados da existência humana, o prosaico e o poético. Na linguagem poética, as palavras são mais conotativas que denotativas. Nesse tipo de linguagem as palavras evocam, ganham os contornos das metáforas, infundem uma nova natureza evocativa, inovadora e encantatória. O estado prosaico por outro lado comporta uma prosa que denota, precisa, define, articula-se então, com a nossa atividade racional, lógica, técnica. “Vivemos o estado prosaico, em situação utilitária e funcional, nas atividades destinadas à sobrevivência, a ganhar a vida, no trabalho submetido, monótono, fragmentado, na ausência e no recalçamento da afetividade”. (MORIN, 2002, p. 136).

Na visão de Rimbaud, no mundo da prosa a vida está verdadeiramente ausente. Significa dizer que a verdadeira vida é poética e viver poeticamente é viver por viver. O estado prosaico, ao contrário do poético, tem sempre finalidades exteriores. O estado poético é, portanto, sempre o seu próprio fim. A finalidade da poesia é ela mesma, permite que o transe proporcionado se torne realidade. A vida poética está para o pensamento analógico-simbólico-mitológico.

A cadência da Congada e dos congadeiros de Passos incorpora, dos anos de 2005 a meados de 2008, duas estrangeiras mulheres compondo uma só alma malhada de *Eros*, a mineira Adriana Dias, jornalista de fé e profissão, útero inflado de mãe e a paulista Eliana Dancini, inquieta nas artimanhas do (des)ordenar e nas artes de contrabandear saberes e fazeres.

O conhecimento do vizinho, da pessoa com a qual se vive e o conhecimento do estranho são coisas ligadas entre si. Só que há algo, existente nas antigas civilizações que era a hospitalidade, ou seja, o caráter sagrado do outro e do estranho. E é isso que nós também destruímos. Rimbaud usou esta soberba expressão: ‘Eu é o outro’.

Creio que essa é de fato uma questão essencial. De um lado, é preciso compreender que o 'eu' nunca emerge a não ser do encontro com o *outro*. Poderíamos quase dizer que é a primeira experiência da formação cultural e individual fazer a experiência de um outro, de um exterior. Esse é um processo que se aplica ao indivíduo. Trata-se igualmente de conhecer lados que não conhecemos quando nos tornamos de alguma forma estranhos a nós mesmos. A estranheza diante de si mesmo é uma experiência essencial, pois ela permite abrir-se às outras culturas. (WULF; MORIN, 2003, p. 36).

As andanças do terno de Congo representadas nas formas de mapa ganham complexidade quando esquadrihamos os traços dos muitos monumentos, alguns visíveis ao primeiro olhar, outros pouco vistos pelos pesquisadores da religiosidade, da musicalidade, do dionisíaco presente em todas as faces bacantes das culturas populares. Os monumentos ficam pelos caminhos banhados em unguentos real/imaginários.

### **O Congo negro de lá tem substância**

A história da África é fascinante. Todos nós já ouvimos falar dos grandes faraós do Egito, dos seus túmulos magníficos e das cerimônias funerárias. Mas quantos, entre nós, sabem da existência dos antigos impérios da África Ocidental? O primeiro desses grandes reinos, o Gana, tornou-se uma grande potência a partir de 300 d.C. e o seu poder manteve-se durante cerca de mil anos. O Gana era tão rico que os cães do seu palácio real usavam coleiras de ouro.

Assim como Passos, o antigo Egito - uma das primeiras grandes civilizações do mundo -, se desenvolveu nas margens de um rio: o Nilo, cerca de 3000 a.C. e manteve seu apogeu durante cerca de dois mil anos.

Na África vivem mais de 670 milhões de pessoas, integradas em cerca de 800 grupos étnicos, cada um com a sua língua e sua cultura próprias. A África está coberta de desertos, estepes e florestas. O maior deserto do mundo, o Saara, estende-se por praticamente todo o Norte de África. Um dos mais longos rios do mundo, o Nilo, corre cerca de 6.400 quilômetros pelo nordeste africano.

As temperaturas na África variam de região para região. A temperatura mais alta registrada no mundo foi a de 58° C, na Líbia, em 1922. A pluviosidade também varia pelo continente. Em algumas zonas, como no deserto do Saara e da Namíbia, não chove durante períodos de 6 a 7 anos. Contudo, na costa ocidental chove praticamente durante todo o ano. Em algumas zonas da África existe uma estação seca (quando chove muito pouco) e outra de chuvas (quando cai muita chuva). No Zaire, situado na África Central, a estação de chuvas vai de outubro a maio; mas na Gâmbia, a estação das chuvas estende-se de julho até outubro.



**FOTO 4 - Mapa da República Democrática do Congo**

**Fonte:** Congo (online).

O negro Congo de lá, situa-se na parte centro-oeste da África subsariana, e é atravessado pelo equador. Ao sul e leste, é limitado pelo rio Congo e um dos seus afluentes, o rio Ubangi, sendo que as margens esquerdas de ambos os rios pertencem à República Democrática do Congo. As outras fronteiras do país são com o Gabão a oeste, os Camarões ea República Centro-Africana ao norte e Cabinda (Angola) a sudoeste. O Congo tem também uma curta costa atlântica. A sua capital, Brazzaville, situa-se às margens do rio Congo, no sul do país, em frente de Kinshasa, a capital da República Democrática do Congo.



**FOTO 5 - Mapa da República Democrática do Moçambique**

Fonte: Moçambique (online).

Moçambique, nação mãe de outros negros de cá, os moçambiqueiros, é um país da África Austral, situado na costa do Oceano Índico, com cerca de 20 milhões de habitantes (2004). Foi uma colônia portuguesa, que se tornou independente em 25 de Junho de 1975. A história de Moçambique encontra-se documentada pelo menos a partir do século X, quando um estudioso viajante árabe, Al-Masudi descreveu uma importante atividade comercial entre as nações da região do Golfo Pérsico e os "Zanj" (os negros) da "Bilad as Sofala", que incluía grande parte da costa norte e centro do Moçambique do século XXI. No entanto, vários achados arqueológicos permitem caracterizar a "pré-história" de Moçambique (antes da escrita) por muitos séculos antes. Provavelmente o evento mais importante dessa pré-história tenha sido a fixação nessa região dos povos bantu que, não só eram agricultores, mas

introduziram aqui a metalurgia do ferro, entre os séculos I a IV. A penetração portuguesa em Moçambique, iniciada no início do século XVI, só em 1885 com a partilha da África pelas potências europeias durante a Conferência de Berlim, se transformou numa ocupação militar, ou seja, na submissão total dos estados ali existentes, que levou, nos inícios do século XX, a uma verdadeira administração colonial. Depois de uma guerra de libertação que durou cerca de 10 anos, Moçambique tornou-se independente em 25 de Junho de 1975.

É no bairro de São Benedito, um dos primeiros a se formarem em Passos, que nossos olhos se recaem neste momento. Pesquisadora nascida e criada no São Bené, nome carinhoso que o bairro recebe, busco em minhas memórias a alma do local. Fácil identificação: o bairro é de classe média e de baixa renda, casas simples, pequenas, nada de mansões. Povo nativo no bairro, quem nasceu ali está até hoje. Pelo fato do bairro ser pequeno, quase todas as pessoas se conhecem e se encontram muito freqüentemente nos eventos, os quais certamente circundam a Igreja de São Benedito. Nesse bairro (re)nasceu o Terno da Coroa de São Benedito sob a regência de Benedito de Souza, o Tijolinho, seu capitão, no dia 31 de dezembro de 1980. O terno tem em dois mil e oito 45 integrantes, entre homens, mulheres e crianças. Já houve, segundo o capitão tempos em que só saíam homens negros.

Branco nós ta teno...dois meninos, era quatro mas os ôtro num guentô o batidão. Mas esses dois é firme. Tem um daqueles, o mais magrinho, o Hebert que me ajuda munto nesse Congo tamém. Ele faz uma força aí coitado. Às vez até o pai e a mãe arruma coisa pra nós, pra me ajudá. Ele tinha três ano e ele num comia. Só tomava leite, e pouco. Aí a mãe dele fez a promessa pá São Benedito e ele munto devoto de São Benedito, pediu pra ele dançá aqui. Eu carregava ele nas costa. E ele panhô esse amor nimim que oh.... (risos). Às vez ele até fala: meu pai é o Tijolinho. A mãe dele vinha e eu falava que podia deixá que eu levava ele sozinho. Chegava lá punha ele na mesa pá cumê e perguntava: cê qué cumê? Ele – não, não. Aí eu comprava uma coquinha peguena, um guaranazinho e ele tomava né e sustentava com aquilo. Aí, quando foi um dia aqui, eu me pegano com São Benedito cismeí de fazê uma sopinha pra ele. Ele tomô aquela sopinha. Aí no ano passado fiquei quais bobo de vê ele comeno, ta comeno mais do que eu. Até chorei de alegria. Desse Congo aqui, debaixo das lei divina e de São Benedito, tem munta gente que chega aqui trapaíado e sai bão. Esse ano entrou um mei doidinho, da cabecinha meia lerda. Todo mundo falava: cê num vai dá conta desse menino não. Falei: num é eu é Deus que vai dá conta. Aí a mãe dele pediu pra eu deixá ele dançá. Arrumei e ele dançô direitinho. Falei: oh, aqui é ansim, ansim, ansim, cê obedece eu, se os ôtro brincá cocê, cê num dá confiança, se cassoar cocê, num dá confiança, me obedece. Sim senhor. Tá uma beleza. (TIJOLINHO, 2008).

A professora Rosemeire Chagas de Oliveira Santos faz uma leitura do bairro São Benedito desde sua mudança de Guarulhos quando criança até os dias de 2007. Filha de comerciantes, a menina cresceu correndo pelas calçadas no entorno da igreja. Durante o dia, convivia com a alegria reinante em um bairro que tinha naquela época, uma população formada

de pessoas muito simples e humildes com crianças iguais a ela que brincavam na pracinha em volta da fonte luminosa com a presença viva de uma imensa Casa Paroquial ao lado da igreja. Nessa casa, conta Rosemeire Santos (2007), vivia o Cônego José Timóteo da Silva.

No outro quarteirão, ao lado da igreja, havia uma casa onde viviam as Irmãzinhas do Coração de Jesus, as mesmas que cuidam dos doentes na Santa Casa de Misericórdia. Eram as irmãs Rogéria e Leonilde. Irmã Rogéria está morando atualmente em Sete Lagoas e apesar de muito doente e idosa, sempre que pode vem rever os amigos que fez no São Bené, nome carinhoso do bairro.

Com o passar dos anos, Rosemeire Santos (2007) percebeu como a igreja era o ponto de encontro de todas as pessoas. Nos finais de ano, bem à sua porta tinha Cavalhada, Folia de Reis e Congadas. As Cavalhadas, trazidas pelos portugueses, evocam os torneios medievais e as batalhas entre cristãos e mouros. Os cavaleiros, com trajes e cavalos enfeitados, percorrem a Praça de São Benedito, cruzando espadas imaginárias e encantando a multidão.

As Congadas, sintetizam as influências afro-brasileiras e acontecem como uma celebração aos santos. Os congadeiros dançam, tocam zabumba e evocam Santa Efigênciã e São Benedito. A Folia de Reis começava depois destes acontecimentos, também de origem portuguesa retratava a fé católica no acontecimento em que os Três Reis Magos visitam Jesus, o filho de Deus por ocasião do seu nascimento.

Para Tijolino, morador do bairro desde que nasceu, tem histórias e histórias para contar, além de amor pelo espaço que se tornou o território de sua vida.

Sempre morei aqui, acompanhei o crescimento do bairro que, dali da rua Contorno pra lá era só pasto. No meu tempo só tinha a **Canjerana**, o **Coimba**, a Penha, que nós tratava de Casa Seca, o São Francisco, o **Patrimônio**<sup>10</sup> e o Centro. As pessoa que morava aqui era só roceiro. Tinha o Chafi, um turco comerciante e o Zé Guilherme, ali pra baixo da Cadeia e o Zé Custódio. Às vez aparecia uma vendinha, mas durava pouco. Tinha muito negros no bairro. Hoje tem pouco. Eu comecei no Congo com sete ano. Meu padrinho Arlindo me pegava aqui. O congo vinha da Quinta Chapada pegava eu. Já tinha a igrejainha pequena do São Benedito. Dançava aqui e na Igreja Nossa Senhora do Rosário, onde hoje é a prefeitura. Vou à igreja todo domingo. Vou como fiel. Ajudei só na construção, nunca trabalhei não, mas dava dois saco de arroz. Nunca ajudei na construção como servente. Em 24 de novembro de 2007 fiz 80 anos, portanto 80 anos de morador do bairro.

Tijolino, codnome<sup>11</sup> pelo qual Benedito Souza é conhecido em Passos, é casado com Manuela, não tiveram filhos para deixarem seu legado de cultura, só sobrinhos e os

---

<sup>10</sup> Respeitamos a forma falada do capitão Tijolino. Os bairros a que se refere são Canjeranus, Coimbras, e Patrimônio.

<sup>11</sup> Tijolino explica que o apelido foi “ansim: era um irmão meu que tinha apelido de Tijolo, o João. Que começô com uma brincadeira de colocá apelido nos ôtro. Eles falaram: vão colocá apelido? Aí pois no João de Tijolo e quando eu fui crescendo virei Tijolino. E ficô. Até munta gente num sabe meu nome até hoje”.

congadeiros. “Muitos foi criado nos meus ombros quando eu dançava no Terno do Sô Jacinto, desde pitinho assim, todos eles tomam benção de mim, me respeitam como se eu fosse pai deles”. O casal mora em casa própria, herança dos pais. Os irmãos faleceram, restando agora 11 sobrinhos, que para tristeza de Tijolino não dançam Congo.

Quando não está atuando como capitão do Terno da Coroa de São Benedito, o já aposentado Tijolino, faz o que ele chama de bicos para ganhar dinheiro e contribuir com a manutenção do Congo. Trabalha na manutenção de túmulos no Cemitério Municipal de Passos e capina uma chácara.

É este troquinho que eu ajudo no Congo. O da aposentadoria é pra casa. Invisto no Congo, compro algum remédio, alguma coisa. O troquinho dá mais ou menos R\$ 300. Serve pra comprá um couro, trocar sanfona. A prefeitura dá pra gente é um pano, mas não é todo. O troquinho que ganho nós compra chapéu, fita, calçado, as vez eles não tem como comprar. Eu preciso dos congadeiros, então tenho que comprar. (TIJOLINHO, 2007).

O Capitão reúne outros afazeres. É benzedor, é Capitão Mor da Coroa de São Benedito, é gerente da Companhia de Reis, tendo sido alferes - palhaço -, até seus 79 anos. O Congo para Tijolino representa tudo. É vida, é sua vida, é sua história e a de seu povo negro. Por isso sua angústia e incerteza com relação à morte mostrada quando da entrevista, próximo ao dia da comemoração de seus 80 anos.

Eu tô pedindo a Deus mais pelo menos uns cinco ano mode eu formá meu terno de Congo, deixá tudo direitinho, um capitão mais ou menos escoladinho, saí sem medo de fazê as coisa, é isso que eu pretendo. Tanto aqui como na Folia de Reis eu coloquei mais de dez pra sê paiço da Companhia, né. Vai um ano larga, vai outro ano larga, num pode sê ansim, tem que ter firmeza tem que pegá picado. Eu pelejo. Lá vai ino uns aí. Éz é tudo cabeça dura, num preocupa, num qué cunhecê os fundamento. Tem uns. Tinha o Paulinho, mas ele ta preso. Tem o Jedeon, o Léo, o Hebert. A gente vê que éz tem dom pá aquilo. (TIJOLINHO, 2007).

O cortejo do Congo em Passos é sempre pelos bairros, nunca passando pela região central. Nos dias das festas do final do ano, como no dia da Cavallhada, todos os ternos saem de suas sedes e vão se reunir na igreja da Penha. Em seguida saem em cortejo real rumo à igreja de São Benedito passando pelos bairros Exposição, Novo Horizonte e chegando ao destino, quando é hasteado o mastro. O cortejo é todo feito com dança e cantoria, podendo ser ponto ou cantiga de igreja. Tijolino explica que o ponto é uma composição feita pelo capitão, inventada na hora, de acordo com a necessidade, podendo ser cantada por Congo. Já a cantiga de igreja é cantada pelos ternos de Congo e as Folias de Reis e Moçambiques.

Sobre as diferenças do Congo de lá e do Congo de cá e também entre os vários ternos de cá, Tijolinho aponta serem os pontos cantados como o maior diferencial, embora entre os ternos da região, tenha outras diferenças.

A deferença entre lá e aqui é os pontos né que eles canta que nós num sabe que nós nunca vai aprendê tamém né. Acho que na África és dança ansim, senão como nós ia sabê, veio é deles. E saio nessas cidades por aí com o Terno de Congo, a gente vê cada coisa deferente né. Nós aqui tem um jeito, lá pra outra cidade tem outro, naquela tem outro. Quinem, todo ano nós vai lá no Itaú, por exemplo todo fim de ano nós vai lá, mais aí as coisas é bem deferente. Dos outros terno, é bem deferente do nosso aqui, nós já foi em Alterosa, nas outras cidades sempre que vai lá na festa tamém tudo é deferente do nosso. Os pontos, o modo de cantar né, o jeito de dança, a roupa, é tudo deferente. (TIJOLINHO, 2008).

Um mundo mágico, mítico e místico, fantástico fantasioso vai se descortinando aos nossos olhos quando cada um dos 45 integrantes do Terno da Coroa de São Benedito se enfileira no corredor estreito e comprido que liga o Barracão, sede do Terno de Congo da Coroa de São Benedito à rua, no Bairro de São Benedito, em Passos-MG. São cores, musicalidade, religiosidade de várias religiões, oferendas, odores e cheiros, atos de profano, heréticos com as bebidas, tudo exalando amor por todos os poros. Esse mundo fantástico fantasioso encanta as pesquisadoras que acompanham inebriadas o ritual, melhor esclarecido no próximo capítulo.

Como uma cidade diante de um cortejo de Congo se dá ao desplante de fechar os olhos, as portas, as janelas. Produzir ruas com aparência de cidades fantasmas. Chega ao nível de demência que na passagem do terno manifestar expressões de escárnio, deboche, zombaria, a ser mal interpretado não se dando o direito de ler a Congada minimamente pelos olhos dos congadeiros, portanto deixar de ser juiz do uso da bebedeira. Denota uma pobreza cultural irreparável e irreversível diante de toda a riqueza de saberes, de sistemas simbólicos, de rituais, de relações de socialidade, de religiosidade, no sentido de elo religante, nos termos de Maffesoli, em “No Fundo das Aparências”. Como é que a maior parte das pessoas de Passos pode fechar os olhos para o trágico no semblante negro de cada jogador do Congo, do Moçambique ou de qualquer outra manifestação profano/sagrada. Cada elemento desse trágico diz de toda uma história de vida que não é apenas daqueles congadeiros mas de toda uma África mutilada.

## 2 A NOSSA ÁFRICA VAI À FESTA

*“Vamo meus irmão  
Vamo visitá Jerusalém  
Aonde Jesus nasceu  
Na manjedoura de Belém*

*Chegano aonde Jesus nasceu  
Na manjedoura de Belém  
Vem uma estrela cor de brilhante  
E os anjo cantano amém*

*Os profeta profetizaro  
E o anjo anunciou  
Que havia ter o tempo  
Pra nascer o Salvador*

*Nasceu, nasceu  
Cheio de graça e de esperança  
Filho da Virgem Maria  
Ficou por nossa lembrança*

*Reclinou-se no presépio  
Claro como a luz do dia  
Nós devemo de adorá  
Jesus filho de Maria*

*O galo crista de serra  
Com seu passo enfurecido  
Cantô anunciano  
Que Jesus tinha nascido*

*Emboras pequeninim  
Sem um berço e sem um lar  
Amado Jesus menino  
Nóis viemo pá te adorá*

*Que maravilha se descobre  
Na manjedôra que tu está  
Vós é grande, é rico e é pobre  
Não tem nada e tudo nos dá*

*Nóis num tem uma abundança  
A riqueza de um Senhor  
Mas daremo por tua infância  
O fervor de nosso amor*

*Juntinho desse presépio  
Saudamos o seu Natal  
Sempre viemo caro irmãozinho  
Porque vóis é um filho de Deus igual”.*

(Cântico para o Menino Jesus no presépio no dia de Natal, a maior festa da Congada



**FOTO 6 - Benedito de Souza, Tijolinho, com seu bastão centenário em frente à sede do Terno de Congo da Coroa de São Benedito.**

**Fonte:** fotografada por Aluísio Souza, dezembro de 2006

No capítulo que agora toma suas primeiras formas, demonstramos como se fora uma construção de um quadro de feições extremamente coloridas, os passos rituais da festa da Congada, do Terno de Congo da Coroa de São Benedito, que saem à rua cumprindo o ritual de vida e morte em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e outros santos numa festa em que o momento sagrado é a reatualização do mito, pela inserção do homem no tempo unitário, interligando o passado, presente e futuro. Os mestres congadeiros contam o fantasioso encantado dessa manifestação, falam a partir da voz de Benedito de Souza, o Tijolinho (2007), capitão do terno.

A festa é tudo pra nós aqui. É alegria, dança, cantoria, animação, fé, esperança, riso, pinitência, promessa. Pra nós é a festa santa, ao mesmo tempo um festejo alegre e triste, saudoso dos nossos antepassados africanos. São festa de cortejo, que pra nós quer dizê a volta dos nossos irmãozinhos da África e nós faz essa festa pá louvar Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Rei e a Rainha do Congo.

A fala de Tijolinho (2007) é emblemática, revela a triste saudade dos filhos de Congo e Moçambique de sua pátria desgarrada. O imaginário persiste como fantasma que intriga. A poesia mantém-se como fala profunda da vida sobre a vida. O avesso, o diverso, a diferença, o irreverente, o interdito e a incerteza constituem-se como necessários no envolvimento do observador/conceptor de ciências e saberes, os que vão à festa e os que fazem a festa.

A Semana Santa é festa e é reza. As festa santa é quando as pessoa se reúne pá rezá, como no Congo que nós reza pá Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, e também as festa de Santos Reis, né. São João, São Pedro, Santo Antônio. Já as otra festas é brincadeira, só pá bebê e conversá. Às veiz a pessoa fala ansim, vamo fazê uma brincadeira. Ou um churrasco...acaba virano em dança. É uma festa. O Congo é uma festa religiosa. Nós canta, toca e dança pros santo, mas tamém tem uns congadeiro que abusa da pinga.

Em nosso olhar observador e ao mesmo tempo observadas, de pesquisadoras que acompanham a festa, deparamo-nos com o olhar da diversidade, o que implica perceber a sinergia, as estrangeiridades espalhadas defratando-se por todo o real considerado. Atormentados e inquietos, todo o fantasioso da vida (re)torna como ácido que fustiga, solda e corrói pluralidades e a unicidade de uma cultura de um grupo de pessoas, a Congada, mais especificamente o Terno de Congo da Coroa de São Benedito, de Passos, em Minas Gerais.

Lá no terno do Congo de São Benedito, o verme come por dentro, prolifera e dissemina; absorve, expele, repele, metaboliza a pluralidade e o único. Útero dilatado, sempre em tempo fértil, o terno abre-se e fecha-se para o exterior, francas entradas e saídas. Mutante,

trabalha sem descanso a mutação. A cada saída do terno às ruas, o fantasioso, o encantador, o assustador, o mítico, o mágico, o lúdico, o extravagante se expõe. “Aqui tudo é diferente, nós muda até a cara quando ta dançano de tanta emoção e fé em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito”, assegura Tijolinho.

Na variedade das máscaras destacam-se olhares e andanças do dia a dia. Por outro lado, a objetividade do trabalho, sua qualidade de suporte privilegiado de existência, reforça a sujeição de pessoa do trabalhador ampliando as zonas de incerteza. O sagrado ronda os passos o tempo todo. Vez por outra salta à frente, mostrando-se mais plenamente, abandonando o habitual, convidando ao enfrentamento. O ato de criação das imagens de si, das coisas, das relações, dos espaços e tempos, dos fazeres e afazeres sustentam o espaço do sagrado, suas magias e fascinações.

A Congada traz um riso largo iluminando a face da saga do assustador, traz a derrisão da festa. Traz um riso místico e um lamento. Se um olho ri, o outro cisma, endurece, mescla-se de descrença e abandono. O terno andando, por ruas estreitas, pouco mais que grandes valas, a aspiração, a briga encarniçada se faz por mínimos vitais. Sonhos minúsculos, alguns milenares, compõem os tons do direito a fantasia.

O capitão diz considerar que algumas festas, como o Carnaval não são santas e nessas festas a ajuda financeira por parte do Universo Elegante acontece, diferentemente do Congado que vive de migalhas reunidas com o esforço dos próprios congadeiros.

Eu creio que o Carnavá num é uma festa santa. É uma festa pagã. O Carnavá é uma festa popular que todo mundo adora, né (risos). Todo mundo ajuda memo. Agora numa festa igual o Congo ninguém ajuda. Velá! As pessoa ajuda no Carnavá por causa da farra. O Congo é de mais respeito e nem todo mundo gosta, né. (TIJOLINHO, 2007).

No espaço da festa, mosaico de cores, sons e emoções, as pessoas viajam sideradas à volta de grandes e pequenos ícones, alguns trazidos com as terras dos ancestrais, outros cheirando a fresco, sob o ar dos tempos, muitos corpos e almas fincados no Congo, vivendo a familiaridade do grupo, outros ainda vindos de longe, a mundialidade na face. Sustentam um elenco de imagens, carregam um feixe de significados, constituem concentrado de forças, trazem a mágica entalhada nos ombros, fazem orbitar um séquito de adoradores, realizam dia a dia cerimoniais, sacralizam o banal das horas, concentram, exalam e despertam sentimentos, sensibilidades e sensitividades, carregam uma forma de ser, uma linguagem do corpo nas vestes, provocam certa ética. Alertam os sinais de obra coletiva, aparecem plurais. Incompletos, mutantes, sempre por fazer, convidam os fiéis ao trabalho de parto. Incorporam

e possuem vidas. Ensaio localista os traços do terno marcam presença em cada um deles. O bem e o mal, o herético e o sinal da cruz, a ordem e o caos vêm engramados em seus nervos. A sombra envolve todos eles.

Ah, nos dia que o Congo sai, nós faz de tudo pá dá certo. Nos ensaio até que nós num consegue munta gente não, porque tem muntos que trabaia e não dá pá acompanhá, memo seno no domingo. Mas quando vai chegano perto da festa, de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito, no Treze de Maio e no Natal, eles vão se animano, tomano gosto. Parece que quando os congadero põe a rôpa aí, incorpora os negro de antigamente. Aí, quando nós prepara pá saí, tem uns quetinho, parece que tão com sono, mas quando o batuque começa e nós anda um pouco na cidade, ninguém segura. A animação toma conta de todo mundo. Nos dias das festa memo, quando nós ta fardado<sup>1</sup>, vixi, parece até outras pessoa. (TIJOLINHO, 2007).

Festa é o dia em que se celebra o ser junto com, em que o indivíduo tende a se perder no coletivo, o companheiro, o conhecido tira da individualidade do seu ensinamento. Dias de folga do trabalho e de festejos formam-se ocasiões de grande ajuntamento. Estes ajuntados como as danças do Congo, primam por aproveitar a vida e pela prodigialidade, sem qualquer preocupação com o amanhã, esquecendo tal preocupação. O dispêndio orgiástico são brechas cavadas de onde continua a brotar o querer viver coletivo não obstante o massacre do dia a dia do trabalho, não deixa de ser a expressão da sabedoria popular, que nada tendo a perder com isso, procura viver seu presente da melhor maneira possível.

Os congadeiro pode ta tudo cansado, sem dinheiro, até doente, mas deu o dia dos santo eles sai e vem dançá. Graças a Deus essa nossa festa de Congo é tudo memo pra nós. Tem gente de fora que vem dançá só pá pagá promessa. Tem aqueles que vem e acaba ficano. Tem os menino piquinininho que olha, gosta e se manifestá a vontade de dançá nois põe uma caxinha na mão dele. É assim que nossa festa acontece. (TIJOLINHO, 2007).

A conjunção do corpo e do entusiasmo pôde se fazer. São esses momentos onde, após a apresentação que se dá a ver, podemos mergulhar na contemplação, na visão das belas formas, ficando certo que a beleza, no caso, não tem horizonte, e, segundo os gostos, o contexto e os caracteres, poderá tomar estranhos caminhos. [...] O corpo engendra comunicação, porque está presente, ocupa espaço, é visto, favorece o tátil. A corporeidade é o ambiente geral no qual os corpos se situam uns em relação aos outros, sejam os corpos pessoais, os corpos metafóricos (instituições, grupos), os corpos naturais ou os corpos místicos. É portanto, o horizonte da comunicação que serve de pano de fundo da exacerbação da aparência. (MAFFESOLI, 1996, p. 136-137).

Orgiasmo é uma iniciação para os jovens e da amnésia para todos. Há uma vivência de um estilhaçamento, perda de si, no grande todo cósmico e no conjunto

---

<sup>1</sup> Farda é um dos nomes que a roupa dos congadeiros recebe por eles mesmos, por conta da hierarquização do Congo obedecer a patentes militares. O dicionário Aurélio traz o substantivo feminino com o significado de traje, uniforme para uma classe de indivíduos.

societal. Festa como uma das faces da orgia significa uma dilaceração iniciática de si; são pequenos êxtases, isto é, ultrapassagem de si no interior de um conjunto mais amplo. Há uma pulsão à errância. Essa pulsão, estrita e ocultada, é sempre incitante. A festa enquanto uma das faces do orgasmo revela uma sensualidade transbordante, uma maneira de viver coletivamente o tempo, em que ocorrem simultaneidades da sombra e da luz, da morte e da vida, a tensão e a distensão. Sabedoria popular que enfrenta a adversidade natural e as imposições sociais dessa maneira.



**FOTO 6 - A praça de São Benedito vira festa no dia do Natal para a Cavalhada**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007

Muitas pessoas, do Universo Elegante, têm uma visão negativa do Congo por conta dos congadeiros beberem pinga. Para o capitão Tijolinho, além de servir como um anestésico, a bebida faz parte da história da Congada. Anestésico para os fantasmas do trabalho e do desemprego que rondam e aterrorizam o semblante do terno, a cachaça se torna a droga que ativa o esquecimento de si, que promove as fugas minúsculas do cruento da realidade objetiva. Liberta cada um de si mesmo, desperta o sonho. Cintila a esperança, a fantasia, o riso alegre nos olhos dos foliões. Domingos, feriados dias em que a duplicidade do cotidiano faz nítida sua face festiva, o álcool autoriza e conduz os passos do ritual. Poderes mágicos queimam no interior dos corpos, fazem brotar das profundezas

o confusional, o caos, o negro da fertilidade. Abrem todos os camarins, colocam em cena a multiplicidade do humano, a derrisão, a ternura e afago dos corpos. Ativam o poético e o amoroso da alma, maledicente, o perigoso e o mortal, os jogos de amor, do azar e os de embate. Acre dos metais ou branca feito água-benta, a cachaça purifica, esvazia o doloroso e os desafetos, apaga o triste, eleva e faz brotar o sublime da criatura. Distende os orifícios, arranca do mais sombrio da alma o monstruoso, o abismo dos olhos do mal, o que atrita e fere os corpos. Torna-se ingrediente privilegiado na arte coletiva de enfrentando da morte. Irriga e aquece o leito para o novo nascimento, corre nas veias do que vem ao mundo, está no corpo do primeiro feto. As asas do fantasioso, do surreal, do corpo folião, que o álcool incita e excita, dobram-se no interior do ser primordial de cada congadeiro. A transmutação, o possível da criatura, sua sobrevivência estão entranhadas nas paredes internas do terno e de cada pessoa. O corpo que o lendário tatua ao longo dos tempos traz fluindo nas veias as embriagens.

A bebida nasceu junto com o Congo, né. Hoje até que o povo quais num bebe, mas no meu tempo de criança ficava aqueles veinho pá oiá a gente e era os que mais bebia. Todo terno de Congo, toda vida é ansim: primeiramente é a bebida. Antigamente, antes do terno saí era um golinho de pinga temperada com raiz pá cada um. Isso é do Congo mesmo, faz parte da tradição. (TIJOLINHO, 2007).

Os eventos provocam grande esforço físico aos congadeiros, porque os instrumentos pesam muito e o roteiro é longo e por todo o trajeto os integrantes permanecem cantando, dançando e carregando o batoque. Segundo o capitão os integrantes conseguem por força da fé.

É, tem vez de nós tocá até mais. Mas eles güenta, é a fé. É um mistério (riso). Hoje ninguém dá mais bebida pros congadero. Eles bebe é nas venda mesmo. Quando chega aqui, dispois que pára o Congo eu dô bebida pra eles aí. Mas agora parei, porque eles fica até tarde bateno papo aí e eu tenho que trabaiá no ôtro dia, tenho que saí cedo. Ir à missa ou rezá quando é pá saí com o Congo. Agora eu passo lá na Norma (bar) e falo que a turminha vai vim aí, e ela dá a pinga preles. Aí eu pago. A Zélia ou o Diego vai, e entrega preles. Eles vai lá pra pracinha e comemora pra lá, faiz as farra deles. Eu já bebi e munto. (TIJOLINHO, 2007).



**FOTO 7 - Algumas caixas chegam a pesar até seis quilos**  
**Fonte:** fotografada por Adriana Dias, 2007.

A existência é uma criação comum e é formada de criações minúsculas e anônimas. O gênio criador acha-se difuso na trama social e, por vezes, exprime-se de forma e em situação particular. A festa evoca o caos original, que permanece como elemento da ordem existente. Por esse motivo é sempre cercada de excessos. As festas evocam ciúme, ato de desobediência, revolta, a morte de um deus ou de uma personalidade célebre. Em qualquer caso trata-se de um ciúme fundador. Enquanto momento cristalizador da força societal, a festa encerra uma forte carga de descomedimentos e de morte; por isso mesmo a festa administra a morte, acomoda-se à sua presença constante e chega a brincar astuciosamente com ela.

Mãe de congadeiro, Ilda Albino Maciel (2008) confessa saber de brigas em ternos, porém garante nunca ter ocorrido no terno do Tijolinho, onde seu filho adotivo Hebert Rodrigues Deodato, de 14 anos dança e canta desde os três anos.

O Terno da Coroa de São Benedito tem a conduta boa, não tem brigas. Outros ternos de Passos e da região que a gente sabe tem briga. Eles brigam por dentro do terno ou com gente de fora que ta assistindo ou em alguns casos, gente que já tem rixa com eles e aí, já viu, no dia dos festejos eles bebem um pouquinho e fica facinho pra brigar. O álcool mexe com a cabeça das pessoas, mas fico tranquila em deixar o Hebert ir com o terno do Tijolinho. Ele vai desde os três aninhos e nunca soube de nenhum problema nesse terno. É um mistério mesmo.

O orgiasmo é uma dessas formas festivas, que ao integrar a morte participa do vasto processo da fecundidade. A mímica da derrisão da ordem faz com que ela se renove. Todas as manifestações de inversões pontuais reacendem a sensibilidade à ameaça do caos e, assim, fazendo, mantêm adesão ao estado vigente. O ludismo, o excesso e a inversão social suscitam a presença estrutural da morte no dado mundano. A orgia arrasta a morte e a intriga – a orgia é a morte coletivamente vivida. As bruxas da vida cotidiana, as discussões em bares e botequins, a paquera nas ruas e festas, os desvios sexuais, as perversões de todas as espécies reeditam e retomam o mesmo. Estreita conjunção entre desordem e vida – da confusão à vida.

A ligação entre álcool e confusão é disseminada não só aos círculos íntimos, ela insere na própria banalidade da existência. A desordem confusional, o jogo dos afetos estimulado pelo álcool constitui o esteio ou estrato profundo subjacente a todo ordenamento societal. O orgiasmo, um fio invisível constante na trama social remete ao enfrentamento coletivo do destino, para além das grandes estruturas econômicas e políticas. É o orgiasmo que no dia a dia permite viver essa angústia originária de estar junto, ser jogado no mundo. O orgiasmo é um ato de esquecimento, de mistificação do real. Essa é a lição de Dionísio, deus da vida, desafiador da morte. É confuso, é da inquietude que reina a festa. A esbórnica vai reger a fertilidade, os nascimentos, os casamentos. O mundo imaginal do dionisiaco permitirá as pequenas disfunções da vida banal, a paquera, errância sexual, as orgias, amor livre, adultério, e ao fazê-lo, irá assegurar a manutenção do querer viver societal.

Nesse confusional orgiástico o Universo Elegante não se cala e por não entender a dinâmica, critica toda forma de vida que não seja aquela que ele entende como ‘normal’. Durante os festejos, principalmente os de dezembro, no dia 25, em especial, com a realização da Cavalhada, pudemos entrevistar algumas pessoas que observavam com ares de desaprovação. Optamos por criar nomes fictícios para esses elegantes.

Isso aqui, essa Cavalhada é um anarquia, uma bagunça sem tamanho. Todo mundo tonto, eles cantam e nós não entendemos nada do que estão falando. Acho que nem eles estão entendendo. As ruas acabam por se tornar perigosas com estes homens, mulheres e crianças, misturados aos cavalos que acompanham a Cavalhada. Isso é muito desorganizado. Se eles bebessem menos, talvez a festa fosse melhor. (CRAVOLINO, Dezembro de 2007).

Discreta, latente ou manifesta, a confusão orgiástica inscreve-se na banalidade do cotidiano. A face noturna da existência social, de uma maneira tendencial se revela fecunda. O ardente Dionísio não tem fronteiras. É ele vetor de violência, de poder e dinamismo. A bebida abre a ordem dos possíveis, alivia coerções sociais e propicia que se passem os atos.

Por seus próprios aspectos ruidosos, Dionísio vira de pernas para o ar o instituído que se faz mortífero e assim canaliza a irreprimível parte maldita que é parte de nós todos. Sair de si, ao mesmo tempo em que se domestica a violência, inserindo-a na dinâmica da socialidade. A bebida favorece a saída do enviesamento. A pequena morte, que o estilhaçamento do corpo social traduz, permite uma proteção coletiva da morte total – a perda e o desprendimento de si constitui o penhor da vida eterna.

Nas festas o álcool é seu adjuvante ideal, sendo um elemento essencial dos laços sociais. Ilustrar a união do êxtase com a embriaguez é coisa fácil. Dionísio, deus do vinho e do sexo está sempre presente. Com álcool inaugura uma dinâmica da união, da comunhão, ele força a dilatação em cada um de nós, uma exacerbação dos sentidos, permitindo a inconsciência popular. Supera as barreiras, as defesas próprias dos conjuntos sociais. O álcool, ao permitir a saída de si, introduz os amanhã no mundo do ilimitado. Desata as línguas e ata os corpos e a comunicação não é só verbal, mas também sensual, corporal, concerne ao ser na sua inteireza. O vinho se acha na base de todo processo iniciático, é sacramento de união.

Só quem dança no Congo sabe como é bom. É um mistério maravilhoso. A gente bebe sim. É uma festa sagrada e até os padres bebem, então porque não podemos? Se alguém acha que nossa Congada é só farra se engana. O álcool é só um dos ingredientes deste festejo de fé, de imaginação, de amor ao próximo. Se eu pudesse, dançava o ano inteirinho. Quando estamos aqui no terno, esquecemos qualquer problema que temos, seja em casa, no trabalho. Nem uma tragédia tira nossa alegria de participar dessa manifestação. (ZÉLIA, 2008).



**FOTO 8 - Zélia é uma das duas mulheres do terno**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007

A função iniciática remete à duplicidade. O álcool é um adjuvante eficaz para todos, com astúcia de matéria econômica e política; adjuvante eficaz para prosseguir-se sem ser notado, para se aceitar todas as coisas sobre as quais se assenta – laço social. A bebida preside na maior parte do tempo a efervescência que está na base de toda estrutura social. O combate à bebida trata-se de um combate ao querer viver, algo desenfreado que se subtrai às injunções no dever ser, a lógica mortífera de uma ordem monovalente. Dionísio acha-se permanentemente ligado a um território, sendo uma divindade arbustiva, tem necessidades de raízes.

Portão para dentro, o terno revela sua intimidade maior, apresenta-o como *locus* do familiarismo, do doméstico dos seus integrantes. Aqui, se diz especialmente dos domingos, feriados e dias santos, mas também dos folguedos do dia a dia. Neste chão sagrado, casa de Tijolinho, sede do Congo, barracão, de onde toda a festa tem início, especialmente nos dias de domingo, o mundo parece fazer bem à alma nos dias de domingo e feriados no São Benedito. Corpo a corpo, boca a boca, todo o gestual, todo o terno, composto por pessoas do bairro e de outros bairros, como Santa Luzia, Bela Vista, desfia sua filosofia de vida, mostra de forma exemplar a vida vivida ao sabor da festa.

Os dançantes obedecem ao ritmo marcado por Tijolinho, que rege a hora da chegada dos congadeiros para a saída<sup>2</sup>. Às vezes sete da manhã, às vezes nove, às vezes somente depois do almoço, isto em dias de ensaio do terno. Quando o Congo vai à outra cidade fazer apresentação a saída é mais cedo, lá pelas seis da matina.

Tijolinho (2007) ressalta que o Congo é uma festa e um ritual.

Ritual quer dizer pra mim que é uma coisa que a gente ama. Tem aquela satisfação, aquela alegria de ta usano ou fazeno aquilo. Nós tem nossos gestos, nossos comportamento, a dança, os objeto que é só da Congada como o bastão, a bandera. Tudo isso é ritual e é festa. Nosso ritual começa no barraco, donde fica guardado os instumento e donde nós faz as oração pa mode saí.

O barraco é a sede do Terno de Congo de São Benedito, oráculo erguido nos fundos da casa de Tijolinho, espaço com pouco menos de dez metros por três de largura, com banheiro acoplado para conforto dos integrantes da Coroa, suficiente para abrigar os congadeiros nas saídas e chegadas das andanças e o mais importante, guardar os instrumentos. Esse território apresenta-se ecológico, um particular que contém e enreda a universalidade, a mundialidade, o cosmos. Assim, o doméstico torna-se um espaço fértil, ancas largas de fêmea parideira.

---

<sup>2</sup> A palavra “saída” ganha significado de momento ritualístico do início da manifestação cultural.

Nesse espaço habita, cresce a cria, o grupo alça vôo e mantém o porto seguro, assegura-se de retorno real e imaginário.

Torna-se a casa astrológica, abrigo de uma multiplicidade de pessoas siderada à volta de um centro de gravitação. Atualiza o arquétipo do nascedouro, da intimidade, do que faz a conjunção de várias vidas, do ninho que gesta, do que finca e fixa as raízes, do que se estende, expande e abre os galhos. O barraco faz-se espaço de socialidades, um poço de sentimentos, de emoções, de imaginários, realiza-se lugar do ludismo, de viver o presente, os minúsculos prazeres da vida. Nesse instante o detalhe ganha corpo, é aurificado. Sabedoria trágica, valoriza as pequenas coisas, o que é dado a usufruir, especialmente quando as incertezas ganham espaço e a certeza se reduz a viver o presente e o irrevogável da morte. A solidez do momento guarda uma beleza angustiada, marcada de infelicidades, feiuras, desordens e pequenos sonhos, sustenta a teimosia em viver com e apesar da morte.

Expressão de vida, o vivido com o dia a dia torna-se o escudo contra a morte, uma estratégia de sobrevivência, de afrontamento do destino. O insignificante, o anedótico, o fantasioso corriqueiro, as duplicidades, a variedade de máscaras de todos os dias, os mitos experienciados são anteparos, expressões da genialidade do simples para sobreviver.

Certa força unificadora faz o lugar. O misterioso compõe e sustem o barraco, faz seu mito, liga os iniciados entre si, apresenta-se em ladainha. Entrar no barraco é uma aventura do comum. Situações, encontros, momentos intensos surpreendem, encantam e intrigam, põem o mistério a cada passo. Um vai e vem de brilhos e tristezas, de efervescências e dores matizam a vida tatuada pelo limite. Aqui, a existência é feita de felicidades breves, arдилada e obtida a alto preço. Um dos mistérios do Congo, uma das faces do sagrado, a monotonia, a repetição, a mesmice cotidiana, o banal encantam.

Enquanto espaço do sagrado, o homem do Congo transmuta-se e transmuta tudo à sua volta. Torna-se animal totêmico. O seu corpo traz emblemas tatuados, realiza o arquetípico do grupo, torna-se ou forma-se um estatuário, carrega matizado o lendário da comunidade de destino. O corpo do Congo repete, imita, reencena, atualiza outros seres totêmicos, ídolos, gurus, ancestrais, deuses e o germe da origem de si e do mundo.

Cotidianamente o terno de Congo vive de si, dos seus mitos fundantes. Sai de si e mergulha no mundo das pequenas fantasias, se cria e recria, torna-se obra de arte coletiva, faz-se entidade, ser sagrado. É uma criação imaginal aurática, fenomênica. Nesse espaço do sagrado, o barracão do terno de Tijolinho (2007) guarda os pertences do Congo:

Lá nós tem guardado 39 caixa, 3 tarol, 3 sanfona e 4 pandero e os cambito<sup>3</sup>. O violão fica guardado dentro de casa, senão empena. O barraco é coberto de teia Eternit. Nós enfeita ele com bandeirinha, tem um quadro de São Benedito. É desse barraco que nós sai com o Congo. As pessoas chegam, os congadeiro, explico pra eles o que nós vai fazê, né, qualé nosso distino, e forma o terno, quem vai tocá o quê naquele dia e assim. Nós começa a cantá o ponto de oração dentro do barraco. Nós pede proteção pá Deus, pros Preto Veio, pros Pai de Santo e nossos santo da devoção. Reza um Pai Nosso e três Ave Maria, depois nós pega a bandeira de São Benedito e sai pra rua.



**FOTO 9 - Caixas e cambitos guardados no barraco do terno de Tijolinho**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2008

O capitão conta que os pontos, composições feitas em improviso, não são os mesmos sempre, alguns são fixos, porém, outros variam conforme a intenção.

Como se diz o caso, a gente levanta o bastão e pensa no mestre né, que vem na cabeça da gente às vez oração, um ponto do Preto Veio, ou São Benedito. Por aí a gente pega a bandeira sai pa fora da casa. Tem aquele ritual de dá meia-lua bejano a bandeira pra podê panhá outro destino, pra vê onde a gente vai. Todos os integrantes beija a bandeira. A bandeira entra no meio e sai, nós sai acumpanhano o guia da bandeira. (TIJOLINHO, 2007).

O guia da bandeira, responsável por carregar a bandeira do santo e guiar o caminho, deve ser respeitado por todos os integrantes do terno. Tijolinho (2007) salienta a importância de outros dois integrantes:

Todo mundo deve respeitá os dois guia do Congo, que pá falá bem a verdade é munto importante, porque eles é que enxerga, que tem que oiá, um mal-feito, pra vê se tem buraco, por exemplo. Igual antigamente que as pessoa, os traído fazia papel feio, uma macumba. Tem que disviá.

---

<sup>3</sup> Instrumento para tocar as caixas, feito com pedaço de madeira, tendo uma das pontas revestidas em tecido.



**FOTO 9 - Guia da Bandeira de São Benedito, em apresentação.**

Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007

Na seqüência à saída de todos os integrantes de dentro do barraco, o capitão impõe o bastão ou cajado e de posse de um apito alinha todos os dançantes, de frente para a casa, em duas filas. Na linha de frente Tijolino orienta o sanfoneiro, caixeiros e violeiro. Os aprendizes, as crianças vão atrás. “E os aprendiz que é as criança, são os que mais faiz bonito no terno, que és é bão pá cantá”. Os integrantes, ao ouvir o apito, iniciam os batuques<sup>4</sup> e seguem em filas formando um círculo, chamado por eles de meia-lua. A formação circular, segundo Tijolino é necessária, pois é preciso desvirar o corpo quando sai do espaço sagrado para ingressar em outro espaço, com isso, fazem que o corpo realize um percurso cíclico. A meia-lua<sup>5</sup> é realizada em sentido anti-horário, enquanto uma fileira se move para dentro a outra se move para fora. A união dos opostos atrai as forças absolutas neutralizando as adversidades.

---

<sup>4</sup> Batuque é uma dança coreográfica coletiva, em forma de roda, que tem origem nitidamente africana e se conserva ainda em algumas áreas do país. O vocábulo origina-se do verbo bater, enquanto outros dão como origem o significado de tambor na língua Iandim e ainda outros a derivam da denominação geral de baile, no Congo. Os principais instrumentos predominantes de percussão são atabaques, guaiás, puítas, pandeiros e raramente a viola. Retirado do Livro de Gomes e Pereira (2000, p. 443)

<sup>5</sup> Meia-lua é substantivo feminino que aqui ganha o significado de movimento da guarda de Congo: o capitão puxa uma das fileiras, enquanto a outra fileira gira no outro sentido, ambas descrevendo um círculo que retarda o avanço da guarda. A meia-lua pode ser feita também diante de uma situação de risco, para que os dançantes permaneçam atentos.

Após a ritualística da meia-lua o terno segue o destino, como para um almoço na casa de alguém que está pagando promessa, visita à casa de um outro terno, ou à comemoração de data festiva. O capitão investido do poder direcionador e organizador do bastão, apoiando-o ao ombro, sempre acima da cabeça, madeira enfeitada ganha corpo e resignificado, passa a ser a batuta do regente. Em apropriação de Gomes e Pereira, em *Negras Raízes Mineiras: os Arturos*: “Nesse espaço e nessa direção é possível que se encontrem forças contrárias à dança do capitão e da guarda sob sua guia. Para impedir que o corpo cesse os movimentos, o capitão chama o canto que garante a continuidade da dança”. (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 409).

Ratificando a amarração dos corpos dos dançantes do Congo e Moçambique, Eurípedes Gaspar de Almeida, ex-presidente da Associação Passense de Defesa do Folclore, diz que é necessário fazer por haver, ainda, muita rivalidade entre os ternos.

Antigamente uns ternos faziam macumba contra os outros e essa amarração era para que o terno não conseguisse sair, para que tudo desse errado, então alguém tinha que desfazer. Portanto os ternos mesmos já faziam suas orações e danças para desamarrar. Os ternos faziam muita macumba, hoje não. (ALMEIDA, 2007).

No seio das narrativas de boa parte dos moradores de Passos, aqueles do Universo Elegante, a Congada trás consigo toda a sorte de amedrontamento, de perigoso, de magia negra, de bruxaria, de feitiço, negócios do Coisa Ruim. As imagens do guerreiro, do destemido, do perigoso, do que foge dos trilhos, do que as rédeas não dão conta de conter, misturam-se, e cercam/impregnam os corpos dos congadeiros. Nessas cercanias nascem figuras dúbias, dúplices, superpostas. A orgia e o trabalho, o servo do senhor e o rebelde do seus mandamentos coabitam os mesmos corpos. A Congada é lugar de almas simples, de seres purificados pelo trabalho e fé, de homens que trazem a bondade e a obediência inscritos nos olhos, que carregam o desejo queimando as carnes. Aqui o pecado espia os crimes contra o Paraíso, todos caminham numa zona fronteira, boca dos céus e infernos.

Feito baile de máscaras, o Congo dança a tragédia da morte no auge do esplendor da cena, a vida em migalhas. Todos os passos do ritual encomendam, anunciam, desenham, incorporam e celebram o novo nascimento, o outro do corpo expelido, empurrado para fora da cavidade. A festa se estende e distende, ocupa os espaços, encharca a atmosfera. A musicalidade e a sonoridade transformam-se em revelação traduzindo o melhor, o mais generoso, o semblante mais fiel do tempo. Alargam-se e alardeiam por todos os lugares, encharcam e acordam os sentidos. Vibram na superfície da pele, compõem com o suor dos corpos, invadem os labirintos do terno da Coroa de São Benedito e cada um dos seus

integrantes. A musicalidade da Congada revela sua medida, supra-sensível. Ao mesmo tempo, traduz e mostra o sensitivo dos prazeres corporais. Intimista, a música torna-se uma via de tráfico intenso para e do mundo. A sua presença insistente, sua intermitência, intensidade, a pluralidade de sons e ritmos, a variedade dos tons e timbre de voz, os muitos sonhos, misérias e queixumes que tem, invadem casas, bares, ruas, outros templos e terras do feitiço. Os sons correm e a céu aberto se aquecem.

Quando a gente menos espera, está dançando. A música é inebriante e o som desse batuque não deixa nossos pés fincados no chão. Mesmo que não entendamos muito do que dizem e mesmo sabendo que é uma canção de lamento ou louvação, é impossível não deixar o corpo se levar nessa onda que parece nos puxar o interior para fora. Mesmo não sabendo muito bem do que se trata a Congada, quando ouvimos de longe estes tambores e caixas, nossos ouvidos já dão o sinal: o Congo ta vindo, vamos dançar. E aí, nos enfileiramos atrás e dançamos enquanto eles estão aqui na pracinha de São Benedito na tarde de Natal. É linda essa melodia. (FLORIVANDA, 2007).

Os estilos de batida do Congo são marcha, baião, pancada e meia e baile, este último com ritmo mais quente. O terno da Coroa de São Benedito usa o estilo marcha e baião. A diferença de um e outro é a toada, explica Tijolinho. “Tem algumas músicas que num dá pa cantá se num for com marcha. A marcha é o estilo original da Congada des’do começo.”

Na pia batismal cumpre-se o cerimonial de iniciação. Dionísio oferece de beber, afina instrumentos e vozes, rege o frenético da música e da dança, arma o cenário. O Congo reverencia seus anjos-da-guarda, os deuses da festa e comemora, assim, o seu novo nascimento. Ambivalente, senhor da morte e da vida distribui em profusão que revigora a comunidade de destino, estreita e fortalece os laços de socialidade, espalha a brincadeira, o riso, a alegria de estar junto. Ao mesmo tempo, espalha desavenças, injeta a violência e a repulsão. Regente das festas explode os sentidos, as sensibilidades e sensualidades, as fantasias e sonhos.

O Congo é alegria todos os dias, é festa cotidiana. A proximidade, o caráter de grande “domus”, as intimidades formam a base da alegria. As pessoas não ficam tristes porque os amigos e conhecidos formam círculos à sua volta. Tijolinho diz da força que move e sustém a vida, diz da importância da presença dos amigos. No seu entender, se Deus vem sempre em primeiro lugar, a força que cada um carrega e a dos amigos, constituem o sopro que alimenta e faz a insistência em viver apesar do peso da existência. Nas suas palavras, a alegria, o riso sempre prontos agregam-se a tudo o já dito. Conjugados, esses formam os ingredientes básicos do receituário da festividade do terno de Congo da Coroa de São Benedito. Folião, o Congo se veste de belo, de encantos por estar e se perceber vivo. O riso franco, o sorriso

tímido compõem a teia de solidariedade que oferece de beber às pessoas do grupo. Cada vida alimenta muitas vidas, torna-se grande seio materno. Força que se torna alegria de viver são dádivas divinas, são obras primas do Criador.

Nóis do Congo é como se fosse tudo irmão. Tem uns aí que eu só igual pai preles. Nossa casa aqui, minha e da Manoela, ta sempre aberta pa recebê os parente, os amigo. Nóis faz festa de aniversário nosso aqui. As pessoa aqui é recebido na casa toda. Ás veiz quando nóis faz almoço do Congo ou quando vem pessoa de Franca, né, é por aqui, na sala, na cozinha, no quintal. (TIJOLINHO, 2007).

Arrancar da tristeza pelas mãos da amizade é livrar da solidão, da tortura do pensamento, do cruento da vida, do trágico que o trabalho, o desemprego, a pobreza gestam. A conversa sem afazeres, a proximidade de amigos e conhecidos surgem como anestésico da dor, entorpecem a cabeça, os sentidos que sofrem. Compõem a ambiência que promove a libertação, fazem as pessoas livres de si, abrem para a deambulação para a viagem vagabunda, descompromissada dos pensamentos. Desse modo, o Congo caminha restituindo a todo instante o alegre dos olhos. Desenrola-se o ato tribal, a vida pede socorro, as pessoas levitam, tiram os pés da realidade objetiva e o “dar... fazer assunto”, fazer alegre promove o afrontamento do destino. O terno se fala, se toca, se consola e se abraça, cumpre o ato solidário.

A arte de esculpir o alegre, de promover o instante à festa, de desdobrar o tempo vivido apresenta-se como fazer ecológico. Aqui se restabelece a fraternidade com o mundo, o estado de graça em relação aos outros homens e ao ambiente circundante. As saídas minúsculas de si, as micro celebrações da vida, o festivo da existência são momentos sonoros, de grande alarido de falas, de profusão gestual, de bailado dos vários corpos do terno. Aqui o Congo vive o sagrado.

As alegrias, os pequenos instantes festivos livram a vida do mais perverso de si, promovem o esquecimento da objetividade que embrutece a civilização dos homens. A solidariedade é passada a limpo nos dias de domingo e feriados. A cumplicidade, o reconhecimento, os pactos, a familiaridade, a domesticidade se formam numa mistura de palavras, olhares e gestos. Se aos domingos as pessoas se aflagam, se olham, se apresentam umas às outras, mostram o mais generoso e dadivoso de si, os dias de semana marcam desencontros, estranhamentos, distâncias. Principalmente se forem domingos com paga de promessas. O almoço é dado aos congadeiros em cumprimento ao pagamento de benesses recebidas do santo.

Munta gente faz promessa pra São Benedito e que se acontecê aquilo que eles tão pedino eles vão dá almoço pro Congo. Eles vem aqui, avisa nós e vamo tocá na casa da pessoa ou numa escola, quando eles consegue que a escola empresta o espaço, porque aí tem panelonas e fica mais fácil de fazê a comida. Nós sai daqui do barraco e vai tocano e cantano até chegá na casa da pessoa. A comida é sempre munto boa. Tem arroz, feijão, macarronada, frango, carne com batata e suco. É mais omeno isso que eles serve pra nós. E aí fica todo mundo feliz. Vai gente vizinha comê, num é só os congadero não. (TIJOLINHO, 2006).



**FOTO 10 - Almoço servido para os congadeiros na E.E. Luzia de Abreu**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007

Dias de semana, as pessoas se retraem, fecham em si, estreitam o passo, encurtam os laços, aligeiram palavras e encontros. O tempo com o outro é contabilizado, economizado, cede aos caprichos da duração. O sol contrapõe-se ao dia, as horas ficam funcionais. A morte chega mais perto, ronda os passos, atemoriza. O tempo trafega trágico. O trabalho, o desemprego, a pobreza amordaça os dias, as pessoas, o sopro de vida. O fel amarga o gosto. O horizonte se estreita, fere os olhos, endurece o olhar. Estreitam-se os sonhos, as fantasias. Os corpos buscam frestas, perseguem com esforços as saídas de si, as estratégias de sobrevivência, a arte cotidiana de burlar a morte. Se durante a semana a mesmice, a monotonia assombra os dias e o terno segue pacato sem curso, aos domingos e feriados vestem diferente as horas. O corriqueiro e o estrangeiro comungam lado a lado e os integrantes do Congo se estranham e reconhecem, abraçam e olham desconfiados.

O Congo é um Olimpo que se incha de Deuses, demônios e outras entidades a cada dia. Nele brincam as imagens à volta dos homens, bolineiam com eles, abraçam-se umas às outras, fazem o jogo da morte e da vida, da festa e do terror, rezam juntas atos de contrição. A Congada recebe e coleciona um receituário imenso de rezas, simpatias, mandingas, amuletos, cerimoniais mágicos, outras memórias, outros sagrados. Cada casa reza o terço surrado e a

ladainha do momento. Arquétipos milenares recompostos cruzam suas órbitas à volta do mesmo corpo astral. O sagrado está na casa toda.



**FOTO 11 - Imagens de santos cobrem paredes e prateleiras da casa de Tijolinho**

Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2006

O mal e o bem não escolheram a quem, aqui mais que nunca desprezam corpos separados, mesclam-se nas mesmas imagens, constroem a pluralidade das naturezas. Se antigas santidades são interditas, outras expõem a cara, assumem postos mesmo em território de domínio evangélico. Imagem síntese da transmutação, da magia, protótipo da mistura dos elementos e da faculdade de parir corpos, imagem arquetípica da terra como círculo larvar, grande berçário, túmulo eterno, buraco de onde brotam e para onde retornam todos os vivos da terra, princípio, fim e fronteira, a Congada modela e compõe uma variedade de figuras ficcionais. Muitas, hoje cumprem o papel de ocupar os vazios deixados por quadros e estátuas de santos caídas no abandono das lembranças. “As imagens são ‘matéria dinâmica’ derivada de nossa participação ativa no mundo e constituem a ‘carne’ espiritual.” (BACHELARD, 1989, destaque do autor).

Dona Manoela, esposa de Tijolinho, preenche os espaços nobres da sala por santos de adorações. Nessa casa, estatuetas de animais e dos ídolos de preferência, troféus conquistados com apresentação da Congada, cristais pobres modelados, flores de adorno duradouro, pratos

com mensagens de fé e otimismo, instalam-se nos lugares, resplandecem também sua aura, disputam os olhos fervorosos com a cruz e a flâmula de futebol.



**FOTO 12 - Imagens variadas se misturam e convivem harmoniosamente**

Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2006

O Congo é um lugar habitado por deuses, por espíritos, forças da luz e das que viajam nas sombras, forças que não se pode perturbar. Os sons, os cheiros, as imagens exalam mistérios, o mais oculto dos segredos. Lugar de morada do sagrado, por ele só se caminha pelas mãos de um guia. A Congada é uma forma de rolar a vida, de sentir, de ver, de comer, de deglutir e expelir o mundo. Os mitos, as histórias contadas sobre as Congadas por seus integrantes e por moradores de Passos, compõem, integram e fazem também esse estilo de vida. Enquanto estilo de vida, nele se estabelece uma sinergia entre o fantasioso, o simbólico, o mítico e a realidade objetiva. Sua existência é perpétua criação e recriação. Cúmplice, uma variedade de arquitetos, dentro e fora dos seus limites físico e temporal, ardilam sua construção/destruição/reconstrução.

As imagens à sua volta são sempre fruto de uma partilha conflitante, formam e expressam um coletivo, conferem as dimensões de localismo que perfura seus limites mais estreitos e privativos, que vasa e ocupa a cidade. Dentro desse estilo de vida fala alto o prazer de estar junto dos seus congadeiros, o gosto pela vida encontrado na própria vida, o sabor de andar em bando na comunhão de vozes, sentimentos, sons, ícones, gestos.

Aos olhos de fora, sobretudo dos do Universo Elegante, o Congo forma-se, conforma-se, emoldura-se, modula-se ambiente: espacialidade fisicamente localizável, demarcável e

“gênio”, entidade, alma que confere uma estética, uma unicidade ao lugar, um sopro que anima o inanimado, vivifica a materialidade. É uma representação, imagem coletiva que investe/veste certo trecho de chão, que preserva, protege, faz vir ao mundo uma corporeidade, um estado de espírito. A materialidade da manifestação cultural fica grávida de um conjunto de imagens coletivas que lhe conferem sentido, que dizem dos comportamentos e sentimentos em relação ao ambiente, que dizem da modelagem desse meio em função dos gestos, do andar dos homens. Transmuta-se a matéria, transubstancia-se o banal da vida. O material das coisas, das carnes dos corpos, a ossatura do mundo são restaurados, transubstancializados. A imagem, o fantasma, o espectro contamina tudo. A realidade mostra o duplo da sua face, o negro do seu sol, a unicidade de corpo e alma. O espírito do “domus” é revelado em câmara escura. A grande mágica está no poder da imagem de modificar e refazer a unicidade do corpo e espírito.

A imagem do Congo tem uma força de atração, de fascinação, de encantamento trágico. Vivos e mortos entram em conluio. Um grupo de pessoas se debate em torno de imagens. Por vezes fala a mesma língua, outras discorda, contradiz e matiza. Assim, toda a vida social fica contaminada. A Congada transforma-se, torna-se uma seqüência de acontecimentos imaginários e factuais. A história do povo do terno da Coroa de São Benedito e da sua relação com a cidade ganha feições lendárias. O Congo desdobra-se num grande ritual, os sinais, as mensagens e tudo faz e tem sentido.

Sob o olhar que contempla de dentro, a partir do reboiço das intimidades, o Congo faz confidências. No profundo das suas nervuras, no avesso do que cobre e se expõe à luz, no mais negro das rugas dos congadeiros, num jogo de faz de conta, um mago deposita ovos, mal e bem remexem a vida, no interior de cada um dos integrantes. O ar quente, abafado, sufocante faz a vida soltar, brotar por orifícios. Assim começa o lendário de um Congo. Desde o princípio dos tempos, traz no colorido das asas o toque das substâncias originais. Aqui o corpo do corvo parece sobressair.

Especialmente aos olhos de fora, a animalidade parece fazer refém o belo e superior da criatura de Deus. Difícil vislumbrar de pronto, as linhas do cisne. Mesmo para os moradores do São Benedito, a dificuldade entrecorta, faz reticentes as falas. O que agrada e enche os olhos, o que faz a vida suspirar e sorrir, às vezes, tem andar tropeço. Bem e mal enxertados no mesmo tronco continuam a dizer do caráter dúbio, obscuro e dúplice da gente do Congo de cá.

O ritual que encena os primórdios se repete, é alimentado. Pré-criação e criação, profano e pecaminoso, sagrado/santo, habitam o mesmo corpo. Há muito o exorcismo dos demônios vem sendo feito. Há muito o gesto de batismo da terra selvagem que brota

insistente, vem sendo cumprido. Soberanos sentidos da noite, os ouvidos extraem e decifram o que olhos comuns não podem ver. Um olho, o terceiro sempre aberto no central da fronte, invisível, faz e revela a vidência. O mais negro dos olhos do terno olha, oferece o que vê. Só essa fenda privilegiada da face abre para o bruxo de todos os semblantes, para o imaginário mais sutil. Esse olho do ciclone conta do interdito dos interditos. Brilha o negro na face de Tijolinho e também de Eurípedes ao contarem do que o Congo contém. A morte regorjita a vida. No jogo do avesso, ela traz o coração do ouvinte à boca, a sideração ao cérebro. Amordaça a voz de quem ouve, faz atordoado o olho da descrença. Na sua fala, o Congo navega no surrealismo dos espectros, os diabos espiam nas garrafas, os corpos fazem a viagem pelos infernos e retornam para contar. As imagens, no mais surreal das vestes, cintilam de realismo e os espíritos têm substância. O rosto de Tijolinho sempre espia de lado. No espaço fantástico, entre a face de quem fala e a cabeça de quem acolhe e apara, a magia faz piruetas.

A ambivalência, graça as imagens subterrâneas, que tanto Tijolinho como Eurípedes, liberam uma a uma. O conluio trança túmulo e berço. As sombras que aterrorizam, dilaceram, misturam-se às que aconchegam, protegem e guardam a cria. A lama da Congada, sua alma turva possui e se revela no corpo de Tijolinho. Por ele, os arquétipos do grupo são retirados do sono de milênios, suas vozes são restituídas. A primitividade, o baixo ventre, o mais sensitivo, o ponto oculto de junção dos canais sutis, por onde flui a energia do terno, florescem no homem humilde e de fala enrouquecida pelos 80 anos já vividos. Por esse universo vivo, terra negra, escorre o leite viscoso da maternidade/fertilidade da morte. Por ele vem à tona os esgotos, os umbrais, a teia umbilical que constitui o selvagem, o bestial da maternidade do Congo. Aqui o sangue dos homens copula com a animalidade fazendo nascer a mesclagem do gênio do lugar, um charco, viveiro de vidas. As terras que o imaginário de Tijolinho trilha fornecem o mais sagrado do Congo, onde estremecem os sentidos. Líquido azul profundo das transmutações corre no leito dessas terras: mãe e morte. No território imaginário em que se converte seu corpo, o terno torna-se um mundo cavernoso. Há outros e muitos corpos, outros mundos no mesmo corpo.

Nas falas de mulheres e homens do terno, uma multiplicidade indivisa de faces, os fantasmas dos ancestrais e o espectro do que há de vir, do que já anuncia a chegada, enroscam-se no seu interior. Num jogo de exposição e recolhimento, o Congo pratica a invaginação do que vem de fora, ao mesmo tempo que se deixa ver a pouca luz. O terno é, pois, um viveiro. Carrega o fardo da espécie, as raízes da ancestralidade africana, o presente em reboição. Nas suas veias correm folhas e raízes, uma variedade de animais, a terra que

sustenta os corpos, gerações e gerações de mortos, toda uma estirpe de feiticeiros e um bando de estrangeiridades.

Matéria orgânica, símbolo da vida, da fertilidade, do movimento, da auto/hetério-criação, o terno da Coroa de São Benedito apresenta-se como um interior alimentado de interiores, que alimenta intimidade úmida, orgânica. A interioridade de cada um dos seus integrantes é um reboliço, realiza-se, expõe-se como nicho, como largo espaço ecológico. As imagens produzidas por esse grande espírito têm um solo germinal. Viveiro de espectros amanhece todos os dias fendas abertas, veio aberto, exposto a tudo que escorre para o presente. A porta de entrada e saída ergue-se sempre aberta. Interior e exterior, morto e vivo, o esquecido e a memória estão em desassossego permanente, em ampla sinergia. A pluralidade e o fervilhamento que marcam o orgânico da natureza do terno inviabilizam qualquer mecanismo redutor, costumam a unicidade dessa realidade/realização que é a Congada.

O Congo tem, pois, um estilo de vida resultante de uma experiência coletiva. Práticas e imagens que expressam e espalham esse estilo de vida, carregam sensibilidade de gerações que envolvem, fazem o visgo, abraçam o destino de uns aos de outros.

Esse estilo próprio, um modo de vida, uma forma de agir e pensar sobre o mundo e ser agido por ele, um jeito de encarar e lidar com a morte, produzem e levam os dançantes a viverem uma mitologia específica. Sensibilidade coletiva, paixão partilhada, ela perpassa atos, falas e objetos. Traça uma conjunção entre as pessoas, um elo destinal. Uma simbólica comum torna possível o olhar de reconhecimento, de pertença, estabelece a comunicabilidade, a taticidade entre pessoas, costura esse materialismo familiar. Fio tênue, uma alma malhada, forma, reforma, informa os passos do Congo de cá. Apresenta-o para si e para os “de fora” como um todo, conturbado, mesclado. Sua imagem faz-se móvel, indivisível, atualizada a cada dia. A pluralidade sinala esse ambiente.

Os laços de familiaridade do terno se estreitam, as muralhas que fecham seus limites são pulverizadas e alargadas sempre que a Congada sela encontros com o outro, com a diversidade do e no seu interior. O terno do Tijolinho se conserva e se amplia no jogo de possessão com os objetos, a natureza, o corpo de espíritos, com as alteridades. Move-se e mantém-se nas sinergias, nos afrontamentos, nas mortes cotidianas de si e dos outros no interior, nas dobras e redobras que complexificam seu labirinto. O mundo que comunga todos os dias no café da manhã, as viagens reais e virtuais que empreende, essa intrincada teia modula e emoldura os passos do Congo, faz seu estilo, seu esteticismo nos cerimoniais de reconhecimento e feitura de si.

Maldades e bondades banham e são banhados, esquadrinham e fazem o imagético plural do corpo do terno. O divino, o eterno, o que não morre, o invisível, o não-material, o que desconhece o tempo histórico, o heróico e o corpo de vilões, perversos e sedutores da perversão, o mágico das palavras, tudo perpassa, coabita, ocupa e transmuta, trança coisas, corpos, afazeres na rituabilidade cotidiana, tudo compõe a terra real e imaginária desse grupo de dançantes. Todo esse universo mágico infiltra-se nos porquês da sua existência, preenche as brechas que se abrem na cabeça dos homens, faz o mais surreal da sua imagem.

Como estilo de vida, as relações, coisas, espaços reais e imaginários, sentimentos comuns, idéias e princípios, ilusionismos juntam-se para os atos de construção, para a partilha coletiva. Cada qual se reconhece na face outra do seu eu, todo o terno se faz jogo de olhares, se olha e se vê nos olhos da variedade de olhos outros. Sua vida é equilibrista da mágica que mistura o efêmero do viver, a voracidade do presente, a regeneração das origens, dos veios da linhagem e o cidadão do mundo. Ao mesmo tempo, vive estado de tragédia e graça, sôfrego de tudo que o presente oferece. É um reboiço de imagens.

No que se refere à coreografia dançada pelo terno de Congo da Coroa de São Benedito, percebemos ser um gingado no qual os corpos se movem em sentidos horizontais, ora para frente e para trás e em alguns casos com leves impulsões para cima. Sempre pé direito à frente num indo e vindo como se o corpo fosse um barco balançando ao sabor dos ventos no mar. “Nóis dança e canta pra louvá aos santos, mas também pá lembrá nossos antepassados. É uma dança ao mesmo tempo alegre e triste, melancólica”. (TIJOLINHO, 2006).

Os negros do Congo transformam, fazem do corpo uma linguagem, um condensado de simbolismos. Eles são a expressão de um sentido, o idioma do sensível, a poética dos contornos, dos movimentos do corpo. O próprio Congo é uma obra arquitetônica, expressa a taticidade, uma escultura do sensual, a proximidade das casas e das vidas, o sangue quente dos corpos. Aproveitar os prazeres da vida mesmo que sejam poucos e minúsculos é a tônica do momento.

Por meio do sentidos, do prazer do sensível, das alegrias, das paixões, das virulências, os homens se comunicam com a divindade. Tudo isso revela uma religiosidade, uma espécie de paganismo que repousa em sentimentos comuns, no desejo do prazer presentista. Nesse sentido o Congo é uma entidade, um corpo místico, simbólico que faz a conjunção dos destinos, que faz ou mantém as pessoas juntas, uma obra de arte coletiva, ato de comunhão, proxenia no espaço físico e fantástico, irmandade de sangue e de fé. Como culto à

sensibilidade, ao sensível, como expressão do corpo coletivo, o terno tem por divindade, privilegiados mundanos. Dionísio aparece novamente referido a terra, seus frutos, seus prazeres.



**FOTO 13 - O bairro de São Benedito e outros visitantes vão à festa no “São Bené”**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007

Sobre os trajes do terno de Congo da Coroa de São Benedito, estes emitem sinais, linguagens, armam-se em códigos. Entes minúsculos, comunicativos, parecem verbalizar sobre os cuidados com a beleza como parte do cimento social. Nesse instante, o prazer do belo não é algo revogável, sem significado, mas uma estrutura antropológica que nem pode ocultar-se, nem ser minorada. O belo, a preocupação com ele, com a estética, com a arte de paramentar o corpo é parte constitutiva do grupo referido. Nesse sentido, olhar os trajes como linguagem, como algo que encarna o cotidiano, como uma das formas duplas de se viver, não é algo banal, mas é atentar para cada elemento. Tudo tem seu lugar, tudo é bom, tudo faz sentido.

As rôpa do Congo é um fandango<sup>6</sup>, com aquelas fia, né. Nosso estilo. O Congo memo foi nascido como fandango e depois que cumeçaro a mudá. Então aquela rôpa era uns trapo, né. É o memo que um mulambo. É um estilo de dança tamém. Era uns pedaço de pano e depois foi criano a rôpa já com as fita. Eu não cheguei dançá só

<sup>6</sup> Fandango no dicionário Aurélio é uma dança espanhola, cantada e sapateada, em compasso ternário (3/4) ou binário composto (6/8), andamento vivo, ao som da guitarra e das castanholas. Canto popular espanhol. Dança rural portuguesa, sem canto. Baile popular especialmente rural, no Brasil, ao som da viola ou da sanfona e no qual se executam várias danças de roda e sapateados, alternadas com estrofes cantadas, durante as quais a dança pára.

com os fandango. Quando eu dançava já era com fita. A rôpa é de cetim, sendo uma calça cumprida bem larga com elástico na cintura e nos pé. A blusa é uma bata de manga cumprida tamém com gola de lapela grande. Já os enfeite cada um põe a fita das cor que quê. Pode adorná com lenço no pescoço. Tem que tê um chapéu que é pá dá respeito e tamém pá cobri do sol. O chapéu também tem munto enfeite. Tem uns congadeiro que enfeita até as caixa. (TIJOLINHO, 2007).



**FOTO 14 - Chapéu e caixa enfeitados conforme o gosto do congadeiro**

**Fonte:** fotografada por Adriana Dias, 2007.

O cuidado com os trajes, com esse corpo teatral, diz de uma emoção comum, da importância desse dado do social. Convida a uma viagem profunda à morada da alma do grupo, onde seu estilo de vida é costurado, onde cada fragmento faz sentido. Convida a ver nos acontecimentos banais os fios que compõem uma forma de ser do grupo considerado.

No traje-tipo, que identifica e diferencia as pessoas em terras de Congo, habitam entes, verbalizam entidades. Por uma via mística, traz nas fibras os significados que seus autores/encenadores dão. Os trajes memorizam as linhas que modulam e costuram as relações que matizam o grupo e estabelecem a natureza das fronteiras, da porta que é ponte com o mundo que lhe é exterior. Trazem impressos o rosto do grupo, suas artimanhas na arte de compor o que esse grupo engole e digere da estrangeiridade que pisam seu território. De posse

da essência divina, emanam sinais, armam códigos, trançam dialetos. Dizem do suor que se mistura ao cheiro da cachaça. Falam da dureza do tempo quente que os corpos padecem sob sol escaldante.

Os congadeiro andam em média oito horas por dia em tempos de ensaio, em sábados e domingos, debaixo de muito sole, às vez debaixo até de chuva nós sai. Já nos dias de festa, como no Ciclo da Congada, aí é pra mais de 12 horas. Nós fica suadinho memo, o suor chega escorrê no rosto, mas é tudo em nome dos santos. Isso tudo vale a pena, nós vai tê recompensa lá no Reino de Deus. Nossa rôpa é quente, mas é como se fosse nossa farda meme, só que nós guenta. (TIJOLINHO, 2006).

A “Roupa-armadura” é máquina de comunicar. Exprime um modo dos homens, mulheres e crianças tocarem-se, uma forma de relação com os parceiros e diferentes, de fazer/viver social. A preocupação com certo vestir do corpo, com o seu adorno, o cuidado em si, expressa um jogo simbólico. É o corpo que se dá em espetáculo, que mostra, significa e transmite a constituição e o fortalecimento do agrupamento, da tribo a que pertence. O traje é um ato de fundação do grupo. Significa pôr-se em cena. Implica comungar do mesmo ambiente, dos mesmos valores, experimentar um conjunto de emoções - conforto/desconforto, ameaça/proteção, exposição/privacidade/segurança. Nesse universo as cores também têm seus significados.

Todas as cor pra mim tem o mesmo significado na vida e no Congo. O azul pra mim significa a cor do Céu. O vermeio já é a cor do São Benedito, do setor e do Anjo São Gabriel e nas cores das roupas ele representa... Munta gente fala que ele é a cor da guerra, mas a gente vai cresceno, vai aprendeno e num tem nada de guerra. O vermeio num é guerra é uma cor munto bunita, nós usa ele pelo setor de São Benedito. Então, eu gosto mesmo do vermeio e do azul. Vermeio e azul é comigo memo. É um gosto pessoal que eu passo pro terno. O amarelo, como diz o caso: é pá fazê cor na roupa, mas...num é uma cor que chama atenção pra mim não. O amarelo, munta gente fala que significa disispero, e de fato é memo. Eu acho, que toda vida que nós veste a rôpa amarela nós ta meio disisperado com carqué coisa. Então, faz sentido. O verde éz fala que é esperança, mas nós quais num usa. Não gosto munto não. Nunca coloquei essa cor na rôpa de congo. Mas na vida o verde pertence a munta coisa linda, né, São Cosme e São Damião, né. A natureza. O branco é o tudo. A claridade da vida, é ele que clareia nossa vida, é o branco. O preto az vez tem hora que fecha né? (risos) Ah, teve um ano que nós usô um carção preto aí. Mas era terno dos outro. No meu não. Até é uma cor que nós num deve usá no Congo não, que preto é luto. Quando a pessoa ta desgostosa, num é uma cor que traz alegria. (TIJOLINHO, 2007).

O terno de Congo de São Benedito tem por devoção usar o vermelho, pois é a cor do setor da Igreja de São Benedito. Tijolino reafirma “... eu gosto muito e acho que rearça. O ano que nós dança de vermeio parece que nós é tão mais feliz. Gosto tamém de usá duas cor.” A escolha das cores que cada terno vai usar durante o ano, conforme o capitão Tijolino, fica a cargo de cada terno de Congo.

Nóis somo sete terno de Congo. Não tem nem reunião pa escolhê. Que eu sei nunca aconteceu reunião. Só tem um capitão que sai nas casa dos ôtro perguntano as cor pá mode ir pedi os pano na prefeitura. Engraçado isso de num coincidi. Nóis nem sabe que cor que o ôtro vai saí. É difícil dá igual, e igualzinho memo nunca dá, porque cada um tem um enfeite diferente do ôtro. Cada qual que rearçá mais pa saí e fazê bunito na rua e mostrá nosso poder para os santos. (TIJOLINHO, 2006).

Fato intrigante ao observar as falas dos congadeiros durante o período de pesquisas é que o Congado é regido por uma hierarquia militar. Todos os integrantes, desde o iniciante ao grau máximo de poder são condecorados com patentes militares. Sobre este assunto Tijolino disse acreditar ser por “respeito né, por que cada um com seu capitão, tenente, general conforme era antigamente na guerra, né.”

Nessa prática corporal, nesse jogo da aparência o que se joga é a relação com o outro, a sedução animal. A roupagem que envolve o corpo constitui-se como um ardil, uma artimanha contra a dureza do tempo. É uma arte de sedução que preserva a fina textura da pele, o original do seu colorido. Torna-se uma astúcia do corpo que se guarda e arma a sedução - o ambiente no qual se banham as relações sociais. A “roupa-armadura” estabelece relações, comunicações, a exposição, a teatralização de um para com o outro. Esse invólucro sustém um visgo erótico que cola a vida de uns às dos outros, que cimenta o estar-junto, a coesão. É uma das tatuagens que sinala a comunidade de destino, de corpo e alma. Torna-se um emblema do grupo. Faz-se um sinal prenehe de mensagens. O corpo que se empenca de adereços, que veste muitas e variadas peles reza um sacramento, faz visível o invisível da comunhão, do enraizamento do grupo. Nesse sentido, o invólucro que envolve o corpo protege e revitaliza o grupo. Enquanto máscara, a roupa-armadura coloca em cena e participa da sinfonia de tipos gerais, vive e repete a natureza criadora.

Todo esse espetáculo de gestos, sinais, roupas, sedução, embriaguez ocorre em determinadas datas do ano. No calendário oficial do Universo Elegante, que recebeu grifos nossos, mostramos os eventos das Congadas em Passos.

## Calendário de Eventos da Prefeitura Municipal de Passos



### FOTO 15 – calendário de eventos da prefeitura de Passos

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSOS.

<p><b>Janeiro / Fevereiro</b></p>	<p>Festa de Reis (Reizado) - Folclore Festa de São Sebastião Comunidade Rural Campos Concurso Garota Verão Brasil Carnaval Salão da Moda Verão Pró Moda – Verão</p>
<p><b>Março</b></p>	<p>EXPASS - Exposição Agropecuária Festa Estadual do Leitão Casmil em Campo Exposição de materiais agrícolas</p>
<p><b>Abril</b></p>	<p>Paixão de Cristo ao Vivo (Parque de Exposição) Vitrine do Milho - EMATER</p>
<p><b>Maiο</b></p>	<p>Aniversário da Cidade Festa de Nossa Senhora de Fátima Comunidade Rural das Águas</p>
<p><b>Junho</b></p>	<p>Festa Junina na Praça Geraldo da Silva Maia Festa de São João Fazenda Nova Festa de Santo Antônio Comunidade Rural dos Campos</p>
<p><b>Julho / Agosto</b></p>	<p>Pró Moda Inverno Encontro da AMIS (Associação Mineira de Supermercados) Saldão da Moda - Inverno Encontro da Mulher Rural de Passos (EMATER) Encontro Estadual de Campanhia de Reis Festa de N. S. Aparecida Comunidade Rural Pau D'Alho Passos Rodeo Fest Concurso Miss Agropecuária Mês do Padroeiro da Cidade "Senhor Bom Jesus dos Passos"</p>

<b>Setembro</b>	Circuito Sul Mineiro de Cafeicultura Etapa Passos (EMATER) Concurso Regional de Produtividade de Milho (EMATER) Feira de Agronegócios Desfile Cívico
<b>Outubro</b>	Festa de São Francisco Capela São Francisco Mostra de Teatro de Passos
<b>Dezembro</b>	Coal de Natal 2000 vozes Baile de Reveillon CPN Reinado - Folclore Cavalhadas - Folclore
<b>Quinta na Praça</b>	Feira tradicional que ocorre todas as quintas-feiras na Praça Geraldo da Silva Maia, onde são comercializados artesanato e alimentação com variedades de sabores de pastéis, pães-de-queijo, pamonha, além de atrações artísticas e culturais.

Benedito de Souza, o Tijolinho, diz da cronologia das atividades, ao mesmo tempo, sacras e dos festejos desenvolvidos durante o ano. O calendário apresentado por ele é o mesmo construído por Eurípedes, ex-presidente da APDF. O capitão da Coroa de São Benedito é o primeiro a puxar o calendário da festa.

Em abril inicia os ensaio dos ternos de Congo e Moçambique. 13 de maio Libertação dos Escravo. Em agosto nós faz a Semana do Folclore, por volta do dia 22. Em outubro é a comemoração do São Benedito no dia 5, e no dia 7 Nossa Senhora do Rosário, com o Ciclo da Congada. O mês de novembro tem a comemoração de Zumbi e da Consciência Negra no dia 20. Dezembro é nosso mês de comemoração, por causa do Natal do Menino Jesus, quando nós tem a Cavaiada e o Reinado. (TIJOLINHO, 2007).

O ciclo da Congada tem início no dia 5 de dezembro com o levantamento das bandeiras. Representantes de todos os ternos vão até a igreja da Penha, de onde parte a procissão das imagens que são levadas até a Igreja de São Benedito. Durante o período de 26 a 30 de dezembro são celebrados, em cada dia, homenagens a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, São Domingos e São José. Durante o dia neste período, os ternos percorrem as ruas da cidade para buscar as pessoas que se vestem de reis e rainhas para pagarem as promessas. Essas pessoas são levadas para a igreja de São Benedito onde são cumpridas as promessas.

## CALENDÁRIO DA APDF



**FOTO 16 - 36º Encontro de Congos e Moçambiques, Passos.**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007.

<b>Janeiro / Fevereiro</b>	
<b>Março</b>	
<b>Abril</b>	
<b>Maió</b>	Dia 13 Festa da Libertação dos Escravos Dia dos Pretos Veio
<b>Junho</b>	
<b>Julho / Agosto</b>	
<b>Setembro</b>	
<b>Outubro</b>	05 Dia de São Benedito 07 Dia de Nossa Senhora do Rosário
<b>Dezembro</b>	Dia 25 na Festa do Reinado de Congo e Moçambique, junto à Cavallhada

Fonte: APDF em fevereiro de 2008

A leitura do livro *Negras Raízes Mineiras – os Arturos*, de Gomes e Pereira, nos inspira a falar sobre as encantarias próprias de cada um dos eventos sinalados no calendário acima. Os ensaios acontecem aos domingos.

Hoje os ensaios ta difícil. Às vez pouquinha gente, uns trabaiano. Eles passam aqui e nós sai uns 15, 20. Nós é na base de 40, já tivemo 50 congadero. Nós começa a ensaiá em novembro, passa o dia de Finado, no primeiro domingo nós sai ensaiano, paisano<sup>7</sup>, sem a roupa. Aí é onde que nós vamo tirá uma ofertinha pa ajudar no congo, com mantimento, dinheiro. O dinheiro serve pa nós mantê, às vez comprá uma fita, pagá uma custureira né. Por que é eu que mando fazê a ropa, es num mexe cum nada. Então eu que pago as custurera. Com esse dinheirinho que a gente ganha que num dá, mais nós trabaia graças a Deus, pago as custurera compro a fita, as vez tem uns aí que num tem um carçado a gente ajuda comprá, chapéu essas coisas por ai. E tem uns as vez durante o congo o ensaio come aqui né. (TIJOLINHO, 2007).



**FOTO 17 - O terno da Coroa de São Benedito à paisana para a festa do Natal**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007

Nos dias de dezembro, quando é comemorado o Reinado, todos os congadeiros e também os moçambiqueiros prestam suas homenagens, culminando com a coroação no dia do Natal. Os representantes dos Reinados de Nossa Senhora do Rosário, São Domingos, São José, São Benedito, Santo Antonio de Catijeró, Santa Efigênia e do Menino Jesus recebem a visita dos congadeiros e moçambiqueiros do dia 26 a 31 de dezembro.

---

<sup>7</sup> Paisano é adjetivo que, segundo o dicionário Aurélio significa em traje civil (referindo-se a militar).

Aí sim, quando é festa do Reinado tem uns congadeiro que pára de trabaiaí, tem uns que larga pra lá o sirviço e vem dançá. Outros consegue férias ou troca com alguém. Mas ninguém deixa de dançá nesse tempo por causa do trabaio não. Nós trabaia o ano inteirinho pensando nessa festa bonita do fim do ano. Nós dá um jeito de juntá dinheiro pra comprá os pano, pra fazê as rôpa bem bonita para louvar nossos reis e Nossa Senhora do Rosário e também o Menino Jesus. O ponto alto do Congo é no 25 de dezembro. Porque esse é o dia que representa o dia da vitória. É, vitória. O dia que representa a vitória dos mouro e dos cristão na guerra. Aí nesse dia é aquele que se usa as espada. Mas nós aqui em Passos num usa não. Só memo os cavaleiro e os guarda da Cavaiaada. Eu acho que chama ansim, por que na guerra tinha alguns cavaleiro, então ficô esse negócio de cavaiaada. (TIJOLINHO, 2007).

Porém, questionado sobre os escravos terem lutado nessa guerra, o capitão do Terno da Coroa de São Benedito é categórico em dizer que isso não aconteceu. Reforça o fato do sincretismo religioso. “Não, não... Então, é uma mistura da dança africana com história religiosa. É os poder divino, né.”

O professor Eurípedes Gaspar de Almeida (2008), marechal comandante da Cavahada, explica a razão da Cavahada ter patentes militares e o que é o Reinado na Congada.

A origem do Reinado tá relacionado com o Congo, festa que originou-se no meio dos escravos que vieram de África para a região de Pernambuco, lá pelos tempos do Brasil colonial. A primeira coroação teria sido no dia 24 de junho de 1706. Isso se os documentos da Irmandade do Rosário encontrados pelo pesquisador Pereira da Costa, for verdadeiro. Existem relatos de padres jesuítas dando conta de que em 1552, os negros africanos realizavam festas próprias. A festa, incentivada por brancos, narra a história de batalhas entre a nação dos Congos, dirigida pelo Rei Cariongo e o Príncipe Suena contra os moçambiques liderados pela Rainha Ginga Nbandi. É atribuído aos brancos, o costume de eleger entre os escravos, um Rei Congo, geralmente um rei africano ou seu descendente que ficaria responsável pelo comportamento dos negros da senzala. A coroação era realizada com certa pompa assistida pela igreja Católica.

A festa do Congado chegou a Minas Gerais a partir de 1710, se transformando em Reinado. Essa festa não tem um enredo e são duas as nações envolvidas, Congo e Moçambique, que neste caso, se unem sob as ordens do Rei Cariongo e da Rainha Ginga para adorarem a Nossa Senhora do Rosário. Da festa nordestina original, o Reinado mantém: quartel, palácio, castelo, convento, as fardas, soldados, capitães e toda a hierarquia militar, embaixadores, reis, juizes, príncipes, meirinhos etc. Os participantes utilizam colares de contas, referência às regiões africanas e ao Rosário de Nossa Senhora, usando como proteção contra feitiços e maldições.

A festa originou-se da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Freguesia da Senhora do Pilar de Ouro Preto, fundada em 1715 tendo seus estatutos aprovados pelo Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Francisco de São Jerônimo. Esses primeiros estatutos

desapareceram, mas em 1733 foram confirmados com algumas modificações. Em 27 de janeiro de 1785, novos Estatutos foram confirmados por D. Maria I, cujo capítulo II do compromisso, trás a seguinte informação:

Haverá nesta Irmandade um Rei e uma Rainha, ambos pretos, de qualquer nação que seja, os quais serão eleitos todos os anos em mesa e mais votos, e serão obrigados a assistir, com o seu estado, ás festividades de Nossa Senhora, e mais Santos acompanhando, no último dia, a Procissão, atrás do pélio. (Cidade de Itaúna, dez. 2001, p. 36 apud PREFEITURA DE ITAÚNA, online).

Um importante personagem na consolidação da festa do Reinado foi o negro alforriado Chico Rei, responsável pela conformação da festa do Reinado como é conhecida no interior mineiro. Dono de uma mina de ouro, este negro teria fundado a irmandade de Santa Efigênia e construído a igreja de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto.

O Moçambique, várias vezes caracterizado como mais humilde pela indumentária e pelos instrumentos, consegue retirar a santa do local e fazê-la permanecer na capela. É um bailado popular que acontece como evento religioso no período das festas de São Benedito e no Natal. Os dançantes usam túnicas e saias brancas ou azuis, gorro na cabeça e gunga nas canelas. As gungas são feitas com latinhas de massa de tomate e pedras ou esferas de chumboem seu interior, proporcionando um barulho guisado. As latinhas são enfileiradas num tecido e amarradas aos tornozelos dos moçambiqueiros. O material rememora o sinete usado durante o cativo, preso também ao tornozelo dos escravos para denunciar fuga. As guardas de Moçambique desenvolvem coreografia movimentada, em filas ou arabescos, entrechocando bastões de madeira em lutas simuladas. São considerados mágicos, por isso seus dançarinos são temidos, suas rezas são gemidas e não cantadas.



**FOTO 18 - Terno de Moçambique, no detalhe gungas amarradas às pernas**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007.

A coroação de rei congo e as festas que a celebravam são manifestações complexas e nem sempre possuem as mesmas formas e significados de uma cidade para outra. Os negros vestem roupas coloridas, ornamentam-se de fitas, espelhos, vidrilhos, e, organizados em filas militarizadas, se dirigem cantando e dançando, precedidos da bandeira com a efígie da Senhora do Rosário, à residência dos reis da festa. Estes, que são escolhidos anualmente, seguem até a capela com solenidade, sob pálio, paramentados com as insígnias reais, cetro e coroa de prata acompanhados pelos negros. Em Passos, a festividade ainda mantém essa mesma tradição, tanto das vestimentas como da busca das pessoas em suas casas. Pessoas estas, que pagam promessa saindo vestidas de príncipe ou princesa, com alguém as conduzindo e carregando uma sombrinha para a proteção do sol e também para lembrar a 'realeza'.

A pessoa intencionada a pagar promessa junto ao Congo e andar junto com os congadeiros pela cidade precisa ir até o terno do santo de sua devoção e pedir que lhe busquem em sua casa.

Eles vem, avisa nós, dá o endereço pra mode nós ir lá buscá. Vai adulto e criança, homem e mulher. Tem gente que vem todo ano, tem quem é de outras cidade. Quando às vez aparece argum que num é pobre por aqui é porque é pá pagá promessa. Esse ano memo dançô uma senhora aqui que veio cumpri uma promessa, acho que ela veio de São Paulo. Dançô e foi embora. (TIJOLINHO, 2007).

Representante das pagadoras de promessa, por nós escolhida, Vita Teodora da Silva (2008), é buscada com honrarias de princesa há 42 dos seus 71 anos.

Comecei porque eu ia morrer. Tive um problema grave de saúde. Fui desenganada pelos médicos com um reumatismo de tipo gravíssimo. Iria ficar sem andar e poderia chegar a morrer. Eu trabalhava e estava em plena juventude. Fiquei desesperada e desesperançosa. A Dona Antonia fez a promessa que se eu sarasse eu iria, o resto da vida, sair de princesa do Congo. Milagrosamente eu sarei, então todo ano eu saio de princesa, faço a roupa e pago a promessa pra São Benedito com o maior gosto. Nunca pensei em parar. Hoje, como já estou um pouco mais velha tem dias que penso: ah, não vou dar conta esse ano de sair no dia de São Benedito e no Natal, mas vai chegando os dias, aí dá um queimor do peito e não vejo a hora de sair com o Congo e pagar minha promessa.

O que pudemos entender, tanto pela observação como pelas entrevistas é que as diferenças de um festejo para outro são poucas. Somente no dia do Natal os congadeiros não se vestem 'à caráter', indo à paisana aos cortejos. As músicas variam apenas as motivações de canto, as composições, porém, as melodias continuam com o mesmo ritmo.

Percebemos também, com relação a outros municípios do entorno de Passos, que apenas a cidade de São Sebastião do Paraíso realiza as Congadas em forma de competição, com concursos. O melhor terno recebe prêmio em dinheiro. Em Passos essa prática não funcionou, pois segundo Tijolinho (2007) acabava em briga.

O Congo aqui já foi em forma de concurso, mas dá briga. Quais nós apanha lá. Foi em dezembro de 1991 e nós foi campeão. O povo aqui não sabe disputá as coisa não e tamém a Congada tem que sê é de louvá e não de ganhá concurso. Esse troféu aqui é nosso, mas o que que adianta? O que importa pra nós na festa é que corra tudo bem.

## SEGUNDO MOVIMENTO

### 1 JOGANDO O CONGO: SABERES E FAZERES MÁGICOS

*“Eu vi, eu vi, eu vi  
eu vi Santa Tereza  
Chegano nessa casa  
Com a maior delicadeza*

*Deus lhe pague o alimento  
Que vóis deu com alegria  
Quando for subir aos céus  
Tem aos pé da Virgem Maria.”*

(ponto na voz de Tijolinho para agradecer uma refeição).

Neste capítulo nossa preocupação é desvelar os saberes, os saberes mágicos, quais são os saberes que aos iniciados devem ser passados e de que forma, quando é que termina o período da iniciação e se transforma em integrante dentro da hierarquia do Congo. O capitão do terno da Coroa de São Benedito, Benedito de Souza, o Tijolinho continua nos emprestando suas memórias e saberes também neste momento da Dissertação. Falamos também dos saberes de cura e de vida e morte que perpassam as narrativas de nosso convidado de honra desse banquete. Morin nos ensina não haver sociedade sem mitos. Apropriamo-nos de escritos nos quais ele coloca o homem não podendo ser reduzido à sua feição técnica de *Homo faber*, nem à sua feição racionalista de *Homo sapiens*.

É preciso considerar, na feição do homem, o mito, a festa, a dança, o canto, o êxtase, o amor, a morte, o despropósito, a guerra... É preciso não rejeitar como <<ruído>>, resíduo, desperdício, a afectividade, a neurose, a desordem, o acaso. O homem verdadeiro encontra-se na dialéctica de *sapiens-demens*. E, como já se indicou, só a elaboração de uma teoria de hipercomplexidade organizacional permitiria integrar de forma coerente os aspectos incoerentes dos fenômenos humanos, só ela poderia conceber racionalmente a irracionalidade. (MORIN, 2000, p. 200, destaque do autor).

Para ser iniciado no terno de Congo, segundo Tijolinho, precisa apenas ter vontade de aprender o que é a Congada e seguir os preceitos de Deus, podendo o iniciante ter qualquer idade. O terno da Coroa de São Benedito tem criança com idade de seis anos. Nos idos de

2005 teve menino com três anos. E também pode entrar adulto. O processo de aprendizagem se dá, de acordo com Tijolinho, de forma muito natural, basta a pessoa querer, não existindo um período fixo de aprendizagem. O integrante que é novo vai entrar no meio da turma desde o início, recebendo um instrumento até ver qual é o melhor adequado às suas habilidades.

Ele já entra no mei da turma. Muntas pessoa pega na mão dele, já vai explicano. É que hoje é munto difícil a pessoa que num entra sabeno. Munto difícil a pessoa que as vez num sabe batê uma caixa. E tem sempre uma pessoa ali pa pegá na mão dele explicano, caso ele sê criança. Se fô adulto aí ele memo olha e acompanha. Nada, a pessoa só tem que andá no Congo. Cantá a pessoa aprende em dois dias, mas o comando demora mais. Tem que sabê rezá o Credo, sabê respeitá os santo e as outra pessoa. Sabê como que reza diante dum Presépio, como que faz a saudação pra um otro capitão. O agradecimento a uma comida feita pro terno. Tem que sabê criá os ponto, que é de improviso, isso tudo. A pessoa teno boa idéia, em dois ano ele faz tudo. Aprende a tocá o instrumento. O mais difícil é a sanfona e o violão, mas esse nós já tem quem toca faz tempo. Nós precisa memo é dos que toca caixa e canta e os menino canta bunitinho. (TIJOLINHO, 2007).

Os ensinamentos e fundamentos do Congo, conforme Tijolinho, são repassados durante os ensaios, na sede do terno antes de sair para uma festa e também na rua, de acordo com o que o capitão vê e entende necessário explicar.

Nóis chama éz aí, exprica direitinho. Quando éz tão aqui de fora eu exprico, oh, nós vão chegá lá e é ansim, ansim, ansim...Graças a Deus estes congadeiros nunca deu trabaio nem aqui nem fora não. Todas cidade que nós vai somo bem recebido e pedem pá mode nós vortá. Nunca deu sujeira. Às veiz éz pede 10 minuto pá cantá, aí eu falo, pra nós dois ta bão (risos). (TIJOLINHO, 2007).

Os fundamentos da Congada dizem da história do nascimento da festa, de sua tradição, dos mitos, dos ritos, das orações, das atividades e funções de cada um dos integrantes dentro do terno. Tijolinho explica que o cargo mais alto dentro do terno é o capitão, já dentro da Congada é o capitão-mor. Já na Embaixada de Congo os cargos mais altos são os de Rei e Rainha do Congo e Rei Perpétuo, cargos conquistados por tempo de atuação e herança. No caso do terno da Coroa de São Benedito, quando seu capitão Tijolinho (2007) morrer a escolha do capitão substituto será feita por escolha, por não haver herdeiro direto.

Eu recebi o título de capitão-mor geral da Congada em novembro de 2007, um dia depois deu completá os 80 ano. Óia, eu num achei munto bão não, por que isso aperta a gente, a gente tem que ta chamo os otro atenção, às vez o capitão do terno é desobediente, essas coisa assim. A gente, eu até não gostei muito do professor me ter me colocado nessa parte aí não, mas graças a Deus ninguém me deu trabaio esse ano passado não.

Sobre a possibilidade de Tijolinho vir a ser Rei do Congo, ele explica não ser possível por conta da hereditariedade do Reinado. “O Rei, como se diz o caso, já vem o reinado lá

memo coroado.” O capitão afirma que pede a Deus para que dê vida a ele apenas por um motivo: deixar um outro congadeiro na função de capitão, mas que seja à altura do cargo.

Eu tô pedindo a Deus mais pelo menos uns cinco ano mode eu formá meu terno de Congo, deixá tudo direitinho, um capitão mais ou menos escoladinho, capaiz de saí sem medo de fazê as coisa, é isso que eu pretendo. Eu queria dá mais uma escola pra ez né, pra ver se ez vai....Por que acontece ansim: aqui, quinem na Companhia de Reis, eu coloquei mais de dez pra sê paião da Companhia, né. Vai um ano larga vai outro ano larga, num pode sê ansim, tem que ter firmeza tem que pegá picado. E tamém, pá sê capitão eu acho que a pessoa tem que ter responsabilidade, deve de ter 18 anos pá riba. Ó, eu pejejo pá treiná um capitão. Lá vai ino uns aí. Éz é tudo cabeça dura, num preocupa, num qué cunhecê os fundamento. Tem uns. Tinha o Paulinho, mas ele ta preso. Tem o Jedeon, o Léó, que já ta na idade. A gente vê que éz tem dom pá aquilo. E tem o Hebert, um dos dois menino branco da Congada, que é novinho, mas leva jeito. (TIJOLINHO, 2007).

O terno da Coroa de São Benedito é composto em 2008 por 45 integrantes, sendo duas mulheres negras; dezoito crianças, sendo dois meninos brancos e o restante de adultos negros.

A que ainda ta firme c'unóis é a Zélia. Essa num desiste, faz tempo que dança. Ela toca uma caixa grande e canta que é uma beleza. Tem otra, mas ela num acompanha sempre não. Tem terno que só tem homem, o nosso pode vim quem quisé dançá e respeitá São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Nóis num pode discriminá as mulher. Se Nossa Senhora do Rosário é a padroeira dos congadeiros quem é nós pa dizê que elas num pode andá no Congo. É só tê respeito. Branco nós ta teno...dois meninos, era quatro mas os ôtro num guentô o batidão. Mas esses dois é firme. E enquanto tem criança é bão sinal, sinal de que nós vai consegui perpetuá a Congada. (TIJOLINHO, 2007).

O estudante e congadeiro Hebert Rodrigues Deodato, de 14 anos, já atua como segundo capitão mirim e se orgulha em dizer do porte de seu bastão. Para o garoto, a possibilidade de vir a substituir Tijolinho como capitão é um sonho.

Eu tenho vontade de ser capitão e faço tudo o que o nosso mestre ensina. Ele já disse que eu posso ser um dia. Eu até já tenho um bastão de segundo capitão mirim. Estou iniciando e aprendendo, há muitos anos, comecei com três anos e nunca parei. Já sei fazer alguns pontos de improviso, mas sei que ainda tenho muito a aprender. Não falto a nenhum dos ensaios, gosto de sair fardado e mesmo com muitas crianças fazendo zombaria de mim, eu nem ligo e vou. Sinto orgulho de ser congadeiro. Penso que o Tijolinho confia em nós porque, tanto eu como o Murilo, que somos crianças ainda, nós somos mais obedientes, nós não fumamos, não bebemos, não brigamos. Não é briga dentro do terno, mas com outras pessoas de fora. Nosso terno não tem briga. (HEBERT, 2008).

Além dos ensinamentos próprios da Congada, Tijolinho se preocupa com o processo educativo de formação humana, como ética, moral e comportamento.

Aqui nós num gosta de briga. Nós prega memo é o respeito uns com os outro. Precisa respeitá os mais velho. Sabê conversá com as pessoa sem julgar. Nós, congadeiro, tem que sabê que nós nesse mundo num vale nada, nós num leva nada. O que vale memo aqui é a vida vivida de forma correta, debaixo das proteção de Deus. Nós tem que trabaiá pa num tê que roubá, e matá nem pensar. Temos que viver em conduta de homem bão. Saber arrespeitá as muié dos outro tamém. Num gosto de brincadeira dentro do terno. De vez em quando tem umas moça bonita que vem sê rainha pá mode pagá promessa. Os moço já fica de olho. Eu vô logo falano: num se engrassa queelas não, tem que respeitá. Sê congadeiro tira muntas pessoa da vida do mal. Pessoa que as vez ta desgarrada de Deus, chega aqui e fica bonzinho (TIJOLINHO, 2007).

O Demônio distende em períodos sacros, alarga e semeia tentações. Refazendo os passos do ato primordial, os demônios revigoram-se. Os interditos abrem as portas, o mal tem licença de passar. O imaginário oficial e o das pessoas de todos os dias, quebra as muralhas, concedem aos gênios maléficis, aos diabos, tráfico licencioso. “O Tentação gosta dos mês em que a Congada sai, época das nossa festa. Só pá bagunçá o coreto. Mas nós reza munto pra mode as força do Mal num atingi o terno”. O mal, sobretudo na sexta-feira da Paixão, destila em requintes a sedução. Num recurso mágico, a realidade das pessoas se desdobra, os duplos assumem formas nítidas, corpos individualizados. Os sonhos encontram leite nutriz propício. Os tempos santos, principalmente a Semana Santa, são tempos de jejuar, de cumprir penitência, de carregar com Jesus os pecados do mundo, de expiar as culpas. Resto de comida na Semana Santa não se deixa nos pratos, não joga fora em qualquer lugar. Alimento dos homens é alimento de Cristo, é corpo de Jesus, só se joga em água corrente. Os restos de comida e os pecados das pessoas são levados pelas águas.

O mal nasce da passagem do pouco para o muito, do pequeno grupo para as grandes populações, deste lugar ao mundo, do eu ao nós, do nós ao sujeito indeterminado do indivíduo ao grupo e à espécie, acompanha o crescimento em direção ao Universal, dissemina-se juntamente com a Grande Narrativa, uma vez que ela arrebatada todas as coisas do mundo? A parte maldita característica das grandes cifras situa-se necessariamente na interseção entre o caso singular e o coletivo, entre o sujeito particular e o comum, entre o elemento e o conjunto. Se o eu, o nós e o sujeito indeterminado nascem do mal, o mal decorre do encontro entre o sujeito indeterminado, o nós e o eu. (SERRES, 2005, p. 211) .

As desgraças do mundo de hoje estão ligadas aos desrespeitos dos dias e rituais litúrgicos, sagrados. O descaso em relação aos Deuses, aos outros homens, a distância da cristandade põem o mundo em migalhas, à mercê das forças que destroem, que gestam a desavença. Para os que seguem as tradições, sexta-feira também é dia de acompanhar a procissão do Senhor Morto. Aproveita-se o dia para cumprir promessas. Alguns acompanham o andor vestidos de branco, outros de preto ou azul. Tudo depende da promessa feita. Tijolinho (2007) diz das pessoas de índole ruim, fechados com o Demônio.

Quem gosta de fazê maldade procura a sexta-feira. Acho que é por causa da sexta-feira da Paixão, dia que a gente tinha que ter respeito, mas é o dia que a gente mais vê coisa errada. É despacho, essas coisas. É uma forma de afrontar o Poderoso e dar asas ao Coisa Ruim. tem gente com parte com o demonho, mas antigamente tinha, mas deve de tê. A gente vê cada coisa horrorosa aí e num tem explicação.

Da interferência de espíritos do mal na Congada o capitão explica como se descobre se há um mal feito para o terno.

É só cassá um pai de santo, né. Ele envoca um espírito e conta. O espírito já foi e ele vem pensando que ta ajudano a pessoa. A gente vai, recebe aquela bença e o espírito fala o que ta aconteceno. E mostra o caminho pra ele. O único sinal que a pessoa que ta passando por esse tipo de problema dá é o do sofrimento memo. (TIJOLINHO 2007).

Novamente no cenário de cores sombrias parece reproduzir-se o retrato de um tempo marcado por Taussig:

Aqui não lidamos tanto com as idéias quanto com o corpo, mediado pelo reino da imagem. [...] Vemos também que em uma doença do corpo se encontra presente uma tentativa corporal de inscrever a história da auteridade do corpo que é o *eu*, uma historiografia experimental, mas ainda assim salvadora da vida que se depara com o peso morto do passado terrivelmente vivo, a exemplo do que ocorre com os ataques desferidos pelos espíritos intranquilos ou com a feitiçaria praticada por invejosos. Através do infortúnio e de sua definição mutante, quando se trata de tentar a cura, essa descrição do *eu* corpóreo como *lócus* da auteridade inclui-se inelutavelmente na troca de poderes mágicos. [...] (TAUSSIG, 1993, p. 169).

Essa troca de poderes mágicos estabelecida entre os curandeiros e benzedores do Congo e a igreja, uma troca que se dá por intermédio de vigoroso meio das imagens visuais. Esse reino da imagem, quando ocorre uma ruptura na vida cotidiana – doença, acidente, penumbra, penúria – podem tornar esse reino da imagem, escondida, abafada pela igreja, manifesto e manifestamente fortalecedor. No terno de Congo há sempre algumas figuras, do curandeiro, que exercem a tarefa de atar o poder pagão ao da igreja, garantindo por meio dessa circulação de imagens sua solidariedade dialética. Foi essa mediação entre o rosário e a igreja quem mediou a circulação social de significados essenciais para a vitalidade de tais imagens a partir dos curandeiros.

Oriundos, principalmente, das ciências, múltiplos conhecimentos de todas as ordens contribuíram para eliminar um grande número de restrições que pesavam sobre o corpo, tais como dores, privações, doenças e trabalhos penosos que impediam que ele fosse conhecido em funcionamento mais livre. A partir daí, surgiram, lateralmente, novas mentalidades, uma economia adaptada, condutas sociais, em resumo, novos nichos para esses novos corpos que passaram a repercutir uns sobre os outros. O conhecimento do corpo ficou condicionado ao conhecimento das doenças e ao cuidado delas, embora esse fato não o esgote, porque o corpo, tanto

quanto o meio em que se insere, muda rapidamente. A novidade que descrevi consiste em produzi-lo de modo relativamente sadio e translúcido. Tudo muda a partir daí. (SERRES, 2003, p. 41).

Sábados e domingos no Congo são dias de fortalecimento, de acentuação dos traços, de eufemismos maior dos anjos da guarda. Nesses dias as pessoas ocupam ruas e botecos de preferência, as casas recebem visitas, o terno expõe as mazelas e o mais generoso de si, atualiza os acontecimentos, marca encontro com o que alivia a aflição, corre o noticiário das últimas benzeções, todo o receituário culinário é atualizado e salta de boca em boca. Ervas, poções milagreiras, cheiros, ingredientes variados, a palavra encantada, a melodia estridente no ar estão na composição dos traços. Um corpo procura o outro com a sede dos desertos. A vida celebra, a morte é vampira do mesmo corpo. Extasiado, o Congo vive no limite o instante como se a apocalipse já tivesse marcado a hora. A festa ocupa os espaços, toma e doma o calendário, instala e agiganta um império temperado de sensualismos.

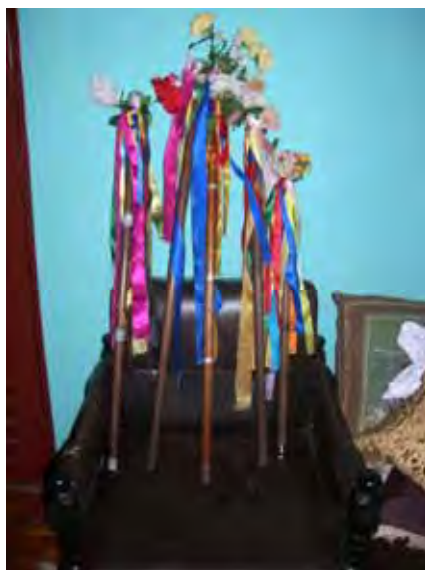
O terno de Congo tem faces mágicas, cultua coisas, atos e palavras como sinais, como elementos significantes de uma organicidade, como texto que fala uma linguagem. Expressa, vive uma emoção coletiva, paixão partilhada. Nessa leitura, objetos, práticas e palavras não estão revestidos de uma materialidade só. Revelam-se grávidos de simbolismos. Compõem uma seqüência acontecimental, uma narrativa plural, ambivalente, contraditória comportando vários, inquietos, conflitantes estilos, muitas formas de ver e viver o mundo. Sinfonia de emoções impregna as formas de vestir, os hábitos, os jeitos de querer, o picante do paladar, a harmonia de sons, os passos da dança, a riqueza das falas sobre este e vários mundos, o imaginal, versos de si e dos outros.

O Congo é uma linguagem nuante que fala o lendário a partir do presente, por meio da existência. Todo um elenco de imagens ganha corpo, respira, sopra vida, cumpre ato de ressurreição. Fenomênico, mostra-se o terno. Grande painel vivo, ele emite os sinais, chama um amontoado de significados, de almas, desfia acontecimentos, compõe e faz a narrativa. Os objetos ganham (re)significação no Congo. Para Jung, o nascimento de uma “coisa” é cercado de significados. Isso se aplica a um dos elementos mais importantes dentro de um terno de Congo – o bastão. Na fala dos Congadeiros, trata-se de uma arma, mas não uma arma de guerra e sim uma arma mágica.

O bastão é o principal da Congada. É um sinal, né. Munta gente fala que é o Araão e Nossa Senhora, porque é ele que dá o sinal, tanto do ponto que nós vai cantá, como pa qual caminho segui. Eu num sei cantá um ponto sem um bastão na mão. Se eu pegá ele, aí sai. (TIJOLINHO, 2007).

Fazendo alusão a figuras bíblicas, o capitão do terno de São Benedito não se contenta em dizer dos poderes mágicos do bastão. Considera necessário aludir ao nascimento desse instrumento sagrado.

Pra que o bastão nasça, primeiramente ele vai na mão de um Pai de Santo. Cruza ele direitinho e quando ele manifesta<sup>1</sup>, ele vem pro terno. Lá na igreja o padre pede pá benzê. A gente que tem amor memo se apega nele como uma image de santo. (TIJOLINHO, 2007).



**FOTO 19 - Os bastões do terno 'do Tijolinho', o do meio tem mais de 100 anos.**

Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007.

Corre entre os integrantes do Congo e de não congadeiros o mito da transformação do bastão numa entidade adquirindo vida, poderes mágicos ao ponto de sair pela casa andando, pulando de um móvel ao outro. Tijolinho assegura nunca ter presenciado nenhum fenômeno como este com seus bastões, embora não duvide ou questione. Conta da história do bastão do terno de Santa Efigênia, herança do capitão do terno doado após sua morte ao Tijolinho (2007).

A Dona Tiana, muié do capitão do terno de Santa Figêna tinha ele lá, ele pulava, caía. Esse bastão foi do avô dela. Ela passou ele pra mim. Ta manifestano, ta dançano, ta quietinho aí. O bastão é munto bento, sabe. Toda bênção do Congo é ele que dá. Esse bastão ta na Congada desde quando começô dessa festa, cento e tantos anos. O bastão num tem nome. Eu nunca fiz o teste, nem quero. Na época da festa busco ele pá dançá.

---

<sup>1</sup> Aqui os verbos cruzar e manifestar ganham novos significados. Cruzar diz dos poderes que o Pai de Santo coloca no bastão. O verbo manifestar significa caminhar, andar, ganhar o mundo e desempenhar sua função pela primeira vez junto a outro terno.

O Tijolinho (2007) conta ainda de outras histórias ficcionais construídas em torno dos feitos mágicos do bastão.

Conta uma história que um capitão morreu e enterraro o bastão junto com ele. O terno acabou. Tiveram que pedir na Justiça pá abri o caixão e tirá. Ficou uns cinco anos interrado. Enquanto num tirô o terno num voltô a funcioná. O bastão foi interrado e o terno tamém. A gente acredita.

A Justiça teve que intervir nesse caso, segundo as palavras do narrador da história, para a realização da exumação do corpo do capitão para a retirada do bastão. Nos saberes mágicos, o bastão tem que ser passado de uma pessoa a outra para seguir a missão e nunca enterrado como instrumento pertencente à pessoa. O bastão é de domínio do terno de Congo, por isso não pode ser enterrado, e sim passado.

Além do bastão de Tijolinho (2007) um outro é utilizado no terno da Coroa de São Benedito para incentivar o gosto pela prática da Congada.

Tem uns bastãozinho que eu faço prá es já í aprendeno. Mas o meu mestre memo é eu memo. Tem o segundo para quando es fô num Congo, és sabê o que é o bastão. Abaixo da Bandeira, o mais importante é o Bastão. Ele comanda o Congo. Na época que tinha munta macumba ia tudo nele, o bastão difindia o terno.

Sobre o mito do posicionamento do bastão, tanto durante o cortejo, quanto em casa, o mestre congadeiro Tijolinho (2007) afirma que ele tem de estar sempre acima da cabeça para poder defender todos os integrantes, para frente, para trás e para os lados. “Quem tivé cantano tem que ta com ele pra cima. Se virá ele de cabeça pra baixo discontrola o terno todinho. Tem muitos bastão que até às veis fica munto sem função toca sozinho, se ficá munto tempo sem usá ele dança sozinho”. Outro elemento mítico mágico da Congada é a bandeira.

A nossa bandeira, quem eu todo dia de madrugada, a primeira coisa que eu faço é pedi a Deus por todos nós. Muntos vem pá saí pro terno, às veiz até já vem tonto, e pensa que é só pegá as caixa e saí. Num pensa em rezá. Nós tem que pedi proteção a Deus, mas no meu terno nunca aconteceu nada demais. A gente vê em outros terno que sai briga. Aqui, graças a Deus nunca teve. Isso tudo é graças a Deus memo e a proteção da bandeira. Ela tem munta força. (TIJOLINHO, 2007).



**FOTO 20 - O marechal comandante da Cavahada e mordomo das bandeiras dos ternos de Congo e Moçambique de Passos, Eurípedes Gaspar de Almeida**

Fonte: fotografada por Jéferson Fão, 2007.

Na reconstrução do destino dos homens do Congo, algumas figuras mágicas, certas trajetórias míticas se apresentam. Dentre elas, novamente Tijolinho se destaca. Paralelamente aos trabalhos como capitão do terno da Coroa de São Benedito, onde também acumula o cargo de Capitão Mor da Congada, ele é curador e benzedor confesso. Pessoa de reconhecidos poderes místicos, ganha aura, reluz em todo o terno. Está envolvido nas pendengas domésticas, nas intimidades dos desafetos dos casais. Coloca-se à frente das reivindicações dos integrantes da Coroa de São Benedito. Cura quebranto, mau-olhado e outros males do corpo e da alma. Nos males do corpo e da alma acredita no mal feito pelos homens, mas não desmerece o poder de interferência dos espíritos. Quando é chamado para um desmanche de trabalho de feitiço, neste caso é necessário pedir ajuda aos Pais de Santos em centro espírita. Diz não ser do seu entendimento os saberes dos espíritos, joga para os Pais de Santos esses traquejos, mas lida constantemente com eles. Sua fé, sedimentada na Bíblia, renega os trabalhos de macumba, critica quem os faz, mas diz acreditar na existência de pessoas do mal. Sem se aventurar por esses caminhos da cura, resiste, mas não recusa o chamado cristão quando esse bate a sua porta. Freqüenta vez por outra alguns centros espíritas para assistir.

Nos seus cerimoniais de cura cumpre várias etapas. Antes de começar a benzeção, faz o ritual da descoberta da enfermidade, de consagração dos instrumentos e dos remédios, de

todo um leque de cura. Às suas forças e fé, junta o poder dos objetos e de espíritos de santos populares católicos.

O que eu faço é parte de benzedô. Mas seja lá como for, de qualquer forma peço ajuda prum pai de santo. Eu não sou pai de santo, peço ajuda praquele, aquela força pra nos ajudá, ter força pra distribuir. Sou um canal da força do pai de santo, de Deus. Não sou vidente. A gente tem uma mente, né. As vez a pessoa chega doente, a gente vai rezando e vai tendo aquela mente, a gente vai vendo assim, assim, e a gente vai orando e a doença vai aparecendo na nossa mente. (TIJOLINHO, 2007).

Um gestual circula o corpo doente e toda a atmosfera ambiente. A reza é entoada em voz alta, mas soa incompreensível a outros ouvidos. Vez por outra, ritmada, uma oração mais popular é cantada compassada, lenta, parecendo convidar o paciente ao estribilho. De magia não entende e condena. No seu entender, o negro das seitas secretas, perigosas e malignas é que se ocupam desse tipo de trabalho. A magia é o reino de Satanás. Com esses territórios não se brinca, nem se mexe. A inveja permeia todos os mal-feitos, adoce e atormenta a alma do feiticeiro e da vítima. Olho forte de cobiça, muitas pessoas têm desde nascença, sem que dele se dê conta. É olho de admiração o que dá quebranto em criança, que derruba mulher grávida.

Aqui memo nós tinha um pé de mexirica poncan em casa, uma beleza. Chegou uma muié aí e olhou e falou: que beleza!!!!!! Olha, o pé foi só secano. Mas às vez a pessoa memo num sabe que tem mau-oiado. Sem malícia. A pessoa pode não ser ruim, mas tem o olho ruim. Na roça tinha uma roseira e uma moça, chamava Rosa, falou: que roseira linda! Foi secano, secano. Eu nunca vi falá de cura pra essas pessoa que tem olho ruim. A cura é só pro mal que elas faz. Ela não sabe que tem ruindade nos olhos e ninguém vai conta. (TIJOLINHO, 2007).

Há uma ética que acompanha e ordena sua arte de curar e benzer. As palavras da cura “*não posso fornecê*”. O segredo, obtido ainda menino, apreendido com a mãe, mas que só foi se manifestar quando adulto, o encanto das palavras, tem destino e hora certa de passar. Só um velho pode iniciar, só a criança pode ser iniciada. A palavra segredada só circula entre os iniciados. O pagão não pode ouvi-la, desvendá-la. O homem entendido dos segredos das palavras guarda uma vidência conferida pelo criador. Só a quem Deus atribui força pode acessar o mistério. Iniciado e iniciador adquirem força, vinda do Genitor.

Nenhum congadeiro até hoje pediu preu ensiná eles as oração. Eu corto cobreiro, jeito, mau-oiado, quebrante pra criança, vento virado, se a pessoa tiver com a vida meio arruinada, a gente pede, mas ela tem que ter fé e sacrifício. Aí resolve também. (TIJOLINHO, 2007).

Tijolino nasceu em Passos, Minas Gerais. Viveu sua infância e entrada da adolescência junto com a mãe (o pai faleceu quando tinha 3 anos). Trabalhou em lavouras, por vezes morando em fazendas, mas sempre com Passos como ponto de referência. Sua

iniciação na benzeção teve início tardio, embora ainda menino já tenha conhecido os segredos das orações e ervas com sua mãe. Recria-se o ato primitivo de aprendizado do curandeirismo. Trabalho e fé não estão apartados, lugar da lida com a terra é espaço da reza, da benzeção e da cura.

Meu dom de cura não tem muitos anos não. De 1986 pra cá. Comecei receber uma bênção e as pessoas que vem cá e tão recebendo minhas oração ficam feliz. Elas voltam ou telefonam pra agradecer. Às vez eu marco o dia pra ele vir depois das quatro horas pra tarde. Creio que tem um dia melhor, na quarta-feira. Parece que a gente que tem devoção tem um dia que ele recebe mais graça, mais iluminado. (TIJOLINHO, 2007).

Nos dias de 2007, Tijolino recebe em média vinte pessoas em sua casa pedindo oração e cura.

Óia aqui, dependendo a base de uns 20 por mês. Um vai passando pra outro. Uns vem sem fé, outros pra zombá. Mas os que vem com fé tão conseguindo as curas. Vem gente com jeito, cobreiro, às vez descontrolada, faço oração pra Nossa Senhora das Angústias. Peço para elas rezá no oratório. Tem gente até de São Paulo que vem aqui. Mas é assim, graças a Deus não cobro nada. E a pessoa nem tem que trazer nada.

Fama e poder de retirar a doença, herança que não tem a quem deixar, foi obtida da imensa fé que tem em Deus. Por meio da cura, Tijolino foi aprendendo a curar na medida em que se cura. É sempre o ancestral, o mais velho da família que batiza, cria e faz crescer o curador dentro do corpo do benzedor, no caso dele foi a mãe a incentivadora. O cerimonial de introdução nos caminhos da benzeção, da reza e da cura, Tijolino ainda mantém rascunhado na memória. Sua primeira benzeção foi em 1986 e de lá para cá foi crescendo, ganhando maturidade na cura, poder de influência.

Alguém pediu e eu pensei, falei gente: vou começá. A pessoa pediu e foi recebendo as graças, não era da família e pediu ajuda. Eu já vinha percebendo, tinha muita vontade desde pequeno, de fazer assim, assim e Deus foi ajudando. Era gente de fora da família. Considero que vim no mundo com uma missão de Deus memo. Missão de ajudá as outras pessoas, memo nas altas horas da noite. Não posso fugir. (TIJOLINHO, 2007).

Ao já criado, mas não iniciado nos caminhos da crença e da cura, ao estranho, a palavra sagrada que abre o curandeirismo torna-se interdita. Sobretudo o estranho, o pagão das artes do feitiço e da cura traz no corpo o interdito das práticas do sagrado. O cerimonial de cura e feitiço, bem como de preparação das raízes e infusões são cercados de segredos, são feitos em lugares reservados, espaços santos, sagrados. Só o paciente e seu acompanhante, geralmente um parente próximo, podem estar no lugar do cerimonial de cura. Todas as cenas

do paramento, no entanto, são absolutamente reservadas ao curador e iniciados. Da mesma forma, só algumas palavras que integram o ritual podem ser escutadas e entendidas. Tudo o mais, gestos, rezas, o bailado dos significados, falam dialeto.

Só a criança que está sendo iniciada e o curador ou feiticeiro formado pode ouvir certas rezas e ensinamentos de outros magos. As palavras, os gestos, o significado dos objetos, de todos os passos, dos paramentos que compõem um cerimonial de cura, são da ordem do inviolável, do imaculado, do que queima os olhos do herege. Falar para ouvidos não iniciados é uma heresia, traz uma carga ameaçadora. Põe em risco o estranho e o curador, “... não é bom falá...”

Mas Tijolino (2007) também tem territórios interditos até mesmo para as pesquisadoras. O curandeiro dá algumas receitas de cura, mas tem uma que prefere não fornecer.

O cobreiro, o certo memo é a foia de mamona, ou qualquer um ramo verde. O ritual é coisa simples, é só perguntar para a pessoa: o que é que eu corto? A pessoa responde: cobreiro brabo. Cê vai e fala: eu corto a cabeça e o rabo. Que aí num vai nem pra diante e nem pra trais. Corta no raminho e reza um Pai Nosso e uma Ave Maria. Reza três vez. Põe no sol pra secá. Faz três semanas, mas tem gente que uma semana só já resolve. A hora que o ramo seca o cobreiro seca. A causa o cobreiro é o rastro de lagartixa, aranha. O bicho que passa. O sapo e a perereca é mais perigoso. Tem a de vento virado. Quando a criança assusta. Ou cai um tombo. É só criança que vira o vento. A oração pra esse caso eu vô ficá devendo, eu não vou fala não. Essa é mais difícil gente que reza. Tem a benzeção de jeito. Quando a pessoa torce o pé por exemplo, ou dorme de mal jeito. Essa tem que tê uma agulha, uma linha e um paninho virgem. Rezar com as três Marias. Vai fazendo cruz nos panos. Três vezes e vai fazendo três cruz no pano.

Se há doença que curador não cura, curador menor tem que passar o caso para o de mais poder e sabedoria. Para certas doenças, a prática da cura só a médicos compete. Se for possível, recorrer a uma variedade de curadores e de remédios, os de farmácia, de raízes e folhas, os da reza, da benzeção e dos trabalhos de feitiço. Na narrativa mítica de Tijolino (2007) há doenças que os médicos não conseguem curar, então só resta rezar.

O cobreiro, por exemplo só cura com oração. Muita gente vem aqui e fala que já foi no médico, já usou remédio e num curô. Ez gasta rios de dinheiro com um montão de medicamento. Tem munta gente que até nem sabe que aquilo é cobreiro. Quando tarveiz um vizinho fala prele, aí ele vem aqui e eu faço a oração e sara. Num é os meus poder, é os de Deus. Mas a pessoa tem que acreditá senão num sara memo.”

Se para quase tudo se dá um jeito, a morte não tem cura “[...] é incomparável”. Marcada pelo Pai Eterno, a morte é um mistério. É possível fazer conjecturas sobre a necessidade do seu surgimento na face da terra entre os homens. A morte bebe nas águas do pecado original, na ira de Deus, no eterno dos seus castigos, na igualdade dos que ela escolhe. A morte é necessária para haver redenção, para que o filho do Pai venha ao mundo e retorne a

ele no juízo final. A morte ronda e abre para a ressurreição, para a vida eterna. Confere sentido a vida terrena. Está prevista nos desígnios de Deus assim como o pecado, o erro, o torto, o mal, o bom, o belo e o feio. É fato natural, integrado e constitutivo desse mundo como o pecado e o mal. A morte é aquela que não se sabe o dia de chegada, por mais que se tenha sabedoria e fé. Marca o renascer “[...] Vai um e vem outro. Tem di morrê prá nascê ” . Pela morte, a terra junta os corpos, solidifica os laços familiares, une mortos e vivos do mesmo sangue, funde ou solidariza o sêmem do humano. A morte sacia o corpo de terra. “... o corpo di todo mundo fica na terra, dos pais e dos avô”. Com morto não se mexe sem um certo cuidado, proteção, conhecimento, capacidade e magia. Tijolinho (2007) fala das pessoas que brincam com a morte. “Tem muntos que brinca né (riso). Se abusá pode acontecê. Ás veiz coisa que a pessoa num espera, né. Ta veno o perigo ali, e fica abusano. É perigoso morrê.”

Ainda sobre a morte, o benzedor tem uma explicação para ela como sendo um alívio dos males terrenos e como tragédia.

A morte eu acho ansim, tem hora é um alívio, quando a pessoa ta ruim. Meu irmão ficô quatro ano numa cama. Eu pedia a Deus: tem dó. Ele ta dano sofrimento pra mim, pra minha mãe. Mas tem outros modo de morrê que a gente fica impressionado, acidente. Creio o seguinte, todo nós que vem tem o dia de morrê, nós só num sabe qual dia nem o jeito. Nosso dia ta marcado. Já vem determinado. Eu memo já passei por cada perigo. Ah, a gente é obrigado a aceitar a morte, porque ela não vem só pra um, vem pra todos. Aceita que nós tem que morrê. E prepará pa esperá. Eu já preparei meu túmulo lá, pra mim, pra minha esposa. Já ta prontinho nosso funerário tamém na funerária. Sou prevenido. Nós fecho aqui ninguém tem que fazê dispesa cunóis, o trabaio é só carregá. Nós já deixô uns da familia sabe que nós tem a funerária certinha. Graças a Deus minha relação com a morte é muiiiiiiiiiiiiiito tranqüila. Mas num quero morrê agora não (risada). Tô quereno ensiná algum menino que vem por aí, es tão cum jeitinho bão pro congo. Uma coisa que nunca pedi pra Deus é: riqueza e muitos ano de vida, mas corage pra trabaia sempre eu pedi e dom pra ensiná o que eu aprendi. Essas criança que tão vino aí eu quero deixá argum no meu lugá. Isso que eu penso sempre. (TIJOLINHO, 2007).

Mesmo na família de santeiros e feiticeiros, a missão de continuidade da estirpe e a autoridade da palavra, não recaem em qualquer um. Da arte da escolha, certos elementos, são imprescindíveis: a força que é dádiva divina e que já está predestinada, a vidência que agracia a poucos, o conhecimento, a experiência e o poder do mestre que escolhe e guia o iniciado, a determinação de um e do outro, a compreensão e parceria silenciosas da família. Mas mesmo agraciado do dom divino, o escolhido pode declinar da escolha. Mesmo os predestinados podem exercer o livre-arbítrio. Tijolinho não teve filhos. Tem sobrinhos, porém, em nenhum deles foi manifestada a vontade de se iniciar como benzedor. No Congo não se faz essa passagem dos ensinamentos do curandeirismo.

Nas histórias contadas de si e para si, Tijolinho fala das muitas batalhas enfrentadas. Toda a sua vida é uma trajetória de intolerância às injustiças, de heroísmos, de enfrentamentos, de guia de um povo cuja miséria, o sofrimento, o desamparo, são uma constante. O capitão diz de uma missão que tem no mundo e não pode sair dela, com um dom especial de cura e também com a liderança que tem nas veias. “Tenho o dom de reuni pessoas na Congada e de liderança. Meu dom de cura eu tenho que cumpro e de reuni o povo do Congo também. Nossa labuta num é fácil, mas nós num pode é desanimá”

A vida narrada está pontilhada de monstros que se interpõem no seu caminho e de lutas que lidera e vence, de um povo que depende do seu braço forte, determinado e da sua fé para ser conduzido, protegido, alimentado, defendido. Sua figura, que as palavras delineiam, assume contornos messiânicos.

De algo imutável, acima das forças e possibilidades dos homens, apenas possível nas mãos de Deus, o capitão do terno da Coroa de São Benedito, aqui transvestido de curador, constrói um discurso complexo sobre o seu destino. O poder das pessoas, dos relacionamentos, dos encontros, das lutas por direitos, da experiência obtida com a vida, a força do conhecimento da vida e do mundo marcam e alteram o curso do destino. O que sabe de luta e de fé aprendeu encontrando pessoas, guiado pela mão de Deus. Seus conhecimentos são, pois, obtidos por Deus, de outras pessoas e da sua curiosidade. Sobre destino, Tijolinho (2007) diz de sua crença.

Tem coisa que a pessoa às vez nunca pensou naquilo, né? e acontece, isso é destino. Já ta determinado desde que a pessoa nasce. Não adianta fugir, não tem jeito (risada). Ce foge e ele te busca. Tenho o Congo como missão. Já pelejei pra vê se alguém pegava, mas ninguém quis. Ano passado mesmo falei pros menino, que eles já tavam preparados. Nada. Agora eu já desanimei. Agora só quando Deus quiser me tirar, parece que a gente veio mesmo guiado por Deus. Aceitei a missão (ridadas).

Todas as coisas, especialmente os elementos da natureza, carregam forças, vida. Os homens têm que aprender ler sua linguagem e usufruir do que ela oferece de curativo. Tudo tem ingrediente, poder de cura. Pedras, cristais, água límpida, sementes, folhas, terra, tudo tem força em si. Alguns elementos como o fogo e o aço trazem nas entranhas uma natureza destrutiva, corrosiva. Os demônios são entidades que se apossam e aproveitam dessa substancialidade específica, do aço e do fogo, fazendo deles seus símbolos. Todas as coisas são transmutadas em seres mágicos, capazes de proceder à transmutação, de infundir querer, alterar vontades, de possibilitar a vida. Mas, ao mesmo tempo, nos segredos do feitiço e da cura, é a fé que confere poderes, magia a pessoas e coisas. É a fé que cura, não as coisas. A fé transmuta tudo, confere dimensão sagrada e curativa a objetos, elementos da natureza, aos

homens. As pessoas, tocadas por Deus, tornam-se sagradas, mágicas, ganham poderes de transmutação, de renascimento, de burla da morte, de enfrentamento do destino.

Parafrazeando Alberto Quintana, em “A Ciência da Benzedura”, a benzedura pode ser caracterizada como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza por meio de uma relação dual – cliente e benzedor.

Nessa relação a benzeira ou benzedor exerce um papel de intermediador com o sagrado pela qual se tenta obter a cura, e essa terapêutica tem como processo principal, embora não exclusivo, o uso de algum tipo de prece. [...] Pode-se pensar que a benzedura seja um resíduo de tempos passados, como uma grande fortaleza que deixou de ser utilizada e se encontra entregue ao tempo para sua total destruição. Longe disso, a benzedura é um entre outros sistemas de cura que são utilizados pelos grupos populares. (QUINTANA, 1999, p. 50).

O capitão do terno da Coroa de São Benedito reitera Quintana, dizendo da intermediação entre o benzedor, o doente e os poderes divinos. A cura só acontece quando o doente faz por merecer, é reconhecido aos olhos de Deus e quando o curador, imediatizando a cura, tem fé, não prejudica a ninguém e executa a função dentro das suas posses. Cada um age segundo as suas possibilidades e cada um tem a sua parte. Há trabalhos, curas que só os médicos podem realizar. Cada um tem sua parte, tem a sua média e seu lugar, sua posição.

Deus é que dá o dom. Agente pega esse dom e usa pro bem das outra pessoa. É os poder de Deus que transforma as coisa em benta. Um copo d’água pode curar uma pessoa, mas é o que? É a fé, tanto do benzedô quanto da pessoa que vem buscá a cura. Todos os dois tem que acreditar. Aí a pessoa melhora. Não oriento penitência, mas o benzedô sozinho não dá, não consegue resolvê o pobrema, peço só praquele doente acender uma vela. Uns dão uns maço de vela pra eu pô queimá aqui. Num faço trabaio ruim, pro mal, só coisa fina. A pessoa vem aqui em casa, nós faz uma Oração de Pai Nosso, pede a ajuda de Deus, dos Pai de Santo e de todos os santo de nossa devoção. Nós tem imagem deles tudo aqui. Tem gente que vorta três vez, tem otros que nem vorta e já sarô . (TIJOLINHO, 2007).



**FOTO 21 - Altar na casa de Tijolinho com seus santos de devoção**  
Fonte: fotografada por Adriana Dias, 2007.

O curador, dentro do figurativo fantástico, reúne os melhores atributos. Se ele tem um limite de possibilidades, por outro lado conjuga os saberes das rezas, das raízes e infusões variadas, a fé e a experiência guiada sempre por mestres mais poderosos. O capitão da Coroa de São Benedito traz, portanto, o curador envolto em uma aura maior. A ajuda mútua, a troca de saberes e fazeres, o respeito, a reserva e a reverência ao curador mais renomado, certa soberba, certo heroísmo da sua própria figura ao mesmo tempo que a humildade e reconhecimento do poder maior de outros na cura e a bondade de coração, costuram o perfil do curador. Conhecimento, experiência, fé, bondade, desprendimento, dons pessoais, matizam ainda esse perfil. O ‘benzedô’, como se nomeia, é aquele que tem conhecimento de mato e de pedras, mas também sabe rezar um pouco. O curador também tem dons. Tem conhecimento da natureza, sabe conversar e tirar dela saberes e favores e está de posse de poderes sobre humanos, de transmutação da matéria e da vida dos vivos. Mesmo com todo este dom e poder de cura, Tijolinho (2007) diz não ser diferente das outras pessoas. “Eu não sô diferente das outras pessoas por ter o dom. Às vez aparece e eu tenho que ajudá. Até peço para não comentar, mas eles falam. Se Deus me deu o dom eu tenho que ajudá, não gosto que comentem, mas não tem jeito.”

O mistério que envolve tanto a benzeção quanto o próprio Congo também surge como o incompreensível, o que não está e pode ser explicado, o que gesta a dúvida, alimenta a suspeita sobre as palavras e dizeres santos ou sagrados. Nessa direção, o Livro Sagrado apresenta muitas brechas, muitas lacunas, incompletude de discurso. Tijolinho não encontra explicações e alimenta dúvidas sobre passagens bíblicas, sobre a formação das várias etnias, por exemplo. Mistério nomeia ainda o que não comporta desvendamento, o imponderável, o que não é da ordem do explicado. Encerra uma verdade definitiva e incontornável. Só é passível de crença, de aceitação resignada e reverenciada. O mistério assim foi deixado no mundo para não ser contestado porque vai além da compreensão humana e do seu livre arbítrio. Está para além do lógico. Constitui um dialeto que só os deuses podem desvendar. Diante do mistério os homens são impotentes. O mistério diz respeito à origem do mundo, da vida e da morte.

A trajetória de Benedito de Souza, a história da sua formação como benzedor e congadeiro e como figura destacada nas manifestações culturais e no cotidiano de Passos, é um fragmento que diz dos caminhos percorridos pelo grupo, da forma de ser desse grupo. Importante narrar sua vida, seus passos, suas concepções, não só para dizer de uma individualidade/singularidade, mas para dar conta, o quanto possível, de um grupo, da alma mestiça do terno. Por outro lado, Tijolinho se conta uma história como forma de

reconhecimento e reconhecimento dos que vivem e sonham com ele, uma história que também lhe permite ser o que é.

Há sempre uma carga emotiva parceira, concubina em cada era uma vez. Tijolinho se narra pela história do seu aprendizado de feiticeiro das raízes, das orações e benzeções, pelos enfrentamentos heróicos das injustiças, da fome, do preconceito, da discriminação dos seus congadeiros, pela palavra de Deus como seu anjo da guarda permanente, seu mestre da cura, de quem se tornou portador e mensageiro.

No encalço do que marca uma filosofia de vida para Tijolinho, o Diabo saído das entranhas do Criador, só atrapalha e baralha a vida dos homens. Está sempre presente na “vida do povo”, não descuida e nem abandona a humanidade. Enquanto Deus vive nas alturas, de acesso sob os rigores de condições, o Diabo escolhe por viver entre os homens. Sua constante tarefa é “mangar” da humanidade, seu passatempo preferido é dar risada dos humanos. Às vezes Ele oferece um “bom caminho”, mas pega o “sujeito em dobro depois”. Com o Diabo a pessoa sobe na vida, mas “perde tudo” logo à frente. Gente que enrica fácil é coisa do demônio. Políticos, sobretudo, sobem na vida à custa de esfolar e enganar o povo. Ganância não tem a ver com o Diabo, diz respeito à exploração do pobre, do trabalhador. Quem tem muito dinheiro tem na sua retaguarda “algum trabaiaidô trabaiano prá ele”. O pacto com o Diabo, que resulta em dividendos para a pessoa, tem uma dose de inconsciência, de sideração, de entorpecimento, de possessão da vontade, cassa o livre arbítrio. Quando é coisa do Diabo, o “sujeito num sabe o qui tá fazeno”.

Tem pessoas boas e ruins, eu querdito. Já fui em centro espírita. Tem espírito que trabaia pro bem e outros pro mal. Por que o centro da mesa branca é bom, faz o bem. Mas tem aqueles centro depois da meia noite que a gente só vê maldade. Eles só procura fazê maldade. Eles se comunica com os vivo, aquelas pessoa que recebe. Existe a comunicação, através dos cavalos que recebe os espíritos. As pessoa tem que tê preparação pra recebê, se num for desenvolvido não recebe. Muito benzedô tamém. Fica uma pessoa ali com um livro na mão. Há um tempo até pensei em trabaiaí, mas Deus o livre. Isso tudo é coisa do Coisa Ruim. (TIJOLINHO, 2007).

Bem e mal, Deus e Demônio ocupam corpos, entidades separadas. Há pessoas boas e gente ruim. Pode acontecer de uma pessoa “tê cinco minuto di discuido, di bobera” e perder a guarda, a sentinela de si e tornar-se alvo, objeto fácil das tentações. Uma vez que o Diabo está no mundo, fazendo incansável a ronda à volta dos mortais, toda pessoa é bombardeada a cada instante por uma variedade de seduções demoníacas. Sobretudo nos dias de hoje, o Diabo vê seu reino alargar, poderoso. Encontra, mais do que antes, uma seara aberta, presa fácil à sua disposição. A carne hoje parece frágil como nunca. Hoje as pessoas têm mais ganância do que em outros tempos, o dinheiro fala alto, a miséria campeia, a desonestidade

faz morada, a desobediência dos preceitos divinos está na preferência da modernidade. Há muitas facilidades para o povo e ele se deixa levar.

Os caminhos do Senhor são apertados, difíceis, exigem dos fiéis provações, sacrifícios. A folga, as facilidades andam com os demônios. No imaginário de Tijolino, o mal, o ruim, a dissimulação, casam com o Diabo. O bem, o belo, o bom, dormem com Deus. Deus e Diabo formam dupla entidade, estão fora dos corpos dos homens, se dedicam a proteger, encaminhar, salvar ou a condenar, atormentar, afastar do que reza o mandamento. O Diabo está entre os consentimentos, entre os planos do Senhor. O mal existe no mundo como provação, como peça de um jogo em que o Criador observa sabendo do desfecho. Onipotente, Ele tem conhecimento das tentações, dos pecados em que as pessoas incorrem. Toda a vida humana sobre a Terra é, pois inferno e calvário. O erro faz parte da natureza humana que declara, assim, sua imperfeição, sua dimensão carnal, mortal, de aspirante à identificação com a natureza divina.

Os homens olham e vivem a realidade a partir dessa lente. Vive, pois nas sombras, num interior iluminado a pouca luz. O erro é necessário na existência dos homens. Por meio dele, Deus exercita sua presença, vem ao mundo. Esse é o canal, a via pela qual se autoriza as vindas sucessivas do Senhor a Terra. É preciso que haja erro, imperfeição, para que castigo e perdão rezem o possível. O amor e a fé transformam-se em mão generosa que a tudo modifica, confere vida, faz todo gesto valer à pena. Se houvesse “mais amô” no mundo, o mundo será “mió”. Não se vive sem amor, não se trabalha sem amor “ocê trabaia sem razão” e a família é a diretamente prejudicada. Amor e “istômago em dia” são os ingredientes do homem feliz. O jogo do alegre, a brincadeira, os encontros freqüentes, a festa, se retraem quando as pessoas têm muitos problemas no trabalho e em casa, quando a dificuldade de conseguir sustento da família é maior. Assim o trabalho farto, o conagraçamento, o riso e a brincadeira andam juntos.

No corpo de Tijolino, os mitos de origem e fim do mundo atualizam-se. Diz do caráter exemplar e significativo dos atos das pessoas no mundo de hoje, do valor e do sentido da existência dessas pessoas no Congo. Pelo mito se revela, traduzindo também um entendimento do mundo, da vida, uma valoração de atos, pensamentos e falas, uma ética. Para Tijolino, o mundo e o tempo seqüencial são obras de Deus, realizadas passo a passo numa lógica temporal. Tudo está previsto, desde o tempo primordial, eterno, beatificante, até o final dos tempos históricos quando se dá a restauração do momento paradísíaco, um novo recomeço, definitivo. Erros, bondades, tentações, maldades, traições, ganâncias, tudo é do conhecimento de Deus e está escrito desde os tempos imemoriais. Na fala do capitão da Coroa

de São Benedito, sobretudo o mal está entre as previsões do Criador. A imperfeição foi marcada por Ele, bem como a rivalidade, a divisão. Deus criou a partir do nada. O princípio é o nada. O tempo histórico, o espaço físico são inaugurados por Deus a partir de um princípio dominado pela ausência do movimento.

## 2 A CONGADA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: MOMENTOS DE RESSURREIÇÃO

*”Eu não sabia  
Meu vô falou pra mim  
Na festa do Chico Rei  
Nóis temo que fazê assim*

*Dentro dessa irmandade  
Nóis todos sono irmão  
Nóis vamo respeitá  
A nossa separação”  
(ponto para Chico Rei)*

*“Cidade de Franca  
é uma beleza  
com essa festa do folclore  
alegra a natureza.”  
(ponto à cidade de Franca)*



Caricatura de Tijolinho feita por Juan Vitor de Oliveira Madeira em 2008 para sua mãe Adriana Dias.

Chegamos ao último ponto da nossa caminhada. Da mesma forma que nos capítulos anteriores, o espaço maior da escrita está reservado à leitura e à interpretação dos congadeiros sobre a sua própria realidade. A centralidade dos nossos escritos, nesse momento da Dissertação vai no sentido de saber até que ponto os rituais de Congo são vistos como uma das formas de resistência aos olhos do grupo considerado. Esse tema privilegiado de discussões comporta vários desdobramentos. O estudo das relações possíveis entre cultura, resistência e sustentabilidade, ancorado numa forma de compreender a *ecologia complexa* constitui um dos desdobramentos privilegiados por nós.

A nosso ver, o caráter polidimensional da realidade e do pensamento é percebido como um dos indicadores de complexidade. A compreensão da ecologia sob uma variedade de aspectos ao mesmo tempo como o novo paradigma em direção a outra perspectiva de mundo, que supõe a crítica à lógica da sociedade moderna ocidental desenvolvida, norteadora das suas crises e da provável morte planetária em curto espaço de tempo; como reordenação epistemológica, como ingrediente substancial para as reformas da produção de conhecimento, de pensamento e de ensino; como uma área de saber de características já transdisciplinar; como realidade complexa que comporta uma diversidade articulada de ecossistemas própria dos espaços urbanos e dos espaços naturais em sentido restrito, compreendendo por ecológico fundamentalmente a partir dos aspectos elencados, nossa forma de entender sustentabilidade envolve não só sustentabilidade econômica, ecológica *strito sensu*, das condições viabilizadoras das três reformas indicadas; da mestiçagem étnica que constitui um dos elementos identitários do Brasil.

O personagem principal das narrativas, Benedito de Souza, o Tijolinho, capitão do terno da Coroa de São Benedito, expressa na sua fala um estilo de vida, traduz a produção e o viver de uma mitologia específica, obra de experiência partilhada, que faz uma comunidade de destino. Sua história de vida é uma obra de arte coletiva onde ele se reconhece e identifica os que com ele seguem jornada. No presente, pratica um ato de re-composição e reconhecimento dessa obra, que carrega emoções e emociona os da mesma língua, aqueles para os quais ela é signo. Na medida em que fala e vive/revive, Tijolinho reconhece com um elenco de outros e reconhece o que o une a outros. “Esse Congo é o seguinte: a gente que é responsável, tem hora que a gente ri, cansa, chora, né, faz tudo, passa aperto.”

A experiência contada por Tijolinho não é apenas a tradução de situações particulares, mas apresenta o coletivo. Sua casa, sua vida, sua família, seus sonhos são entidades plurais. Encarnam na sua face mais popular, comunicativa, extrovertida, as rugas do terno de Congo da Coroa de São Benedito.

Tijolinho se identifica numa história que faz, cria e vive com outros, que traz os outros para morar no seu corpo. Nessa história o eu constroe-se na relação, na comunicabilidade, é feito por e com outros de várias modulagens, deuses e demônios, família e grupo de referência, amigos e conhecidos, a natureza e outras formas do estranho. O eu de Benedito de Souza é uma frágil construção, se traduz por meio de situações e experiências. É um efeito de composição. Contar a sua história é produzir uma ficção que se expressa como necessidade cotidiana. Na sua história a cada momento encontra-se, descobre-se possuído, sofrendo transmutações sucessivas que o identifica com as várias entidades que o habita, que ele encarna. Tijolinho é o receptáculo de uma constelação de entidades.

O insignificante, o fantasioso banal, as duplicidades do dia a dia, os mitos estão na narrativa que vive e conta. Servem como escudo contra a tirania, o caráter mortífero das relações de trabalhos e das relações políticas. É a genialidade de uma filosofia de vida, de uma sabedoria que cuida de dar importância ao minúsculo banal de todos os dias. Estratégia contra a morte, o insignificante, viver insignificante, produz a mágica de escapar das garras do poder, a mágica de inibir o interesse desse poder por almas tão inúteis, de burlar a vigilância.

Tijolinho é uma teimosia em viver, em existir, apesar das decepções, das imposições e humilhações sofridas. Há nele, como em tantos outros congadeiros, um forte querer viver, uma persistência em continuar a rir, sorrir, cantar, jogar, ter energia sem preguiça, sonhar. Mas o que sonha não está no longínquo que a sua categoria social pode alcançar. Esses sonhos já não os tem. Conhecer o Congo na África, país de origem de seus ancestrais, não chega a ser nem sonho. “Ah, nem nunca pensei, porque (risos) a dificuldade é munta (risos). Num é pra mim não.”

Nesse sentido, o além não remete ao futuro, mas às cercas do presente, das coisas banais. Esses sonhos viajam pelo interior das coisas simples, da vida corriqueira das pessoas, de si próprio. A vida concreta da fala de Tijolinho, as fantasias vicinais são feitas de beleza trágica, de felicidades e infelicidades, de alegrias e tristezas, de feiúras e desordens. Dar importância às pequenas coisas, ao que é fugidio e fugitivo, traduz sua filosofia de vida, uma sabedoria trágica. Ela nasce do encantamento com as coisas simples. Particularismo, familiarismo, localismo, trançam a globalidade formando a natureza complexa da sua história de vida e do terno de Congo.

Dentro de suas histórias fantásticas e fantasiosas Tijolinho atribui a manutenção e resistência da Congada em Passos ao amor pelos festejos e à fé. Não deixa de dizer das dificuldades, principalmente de ordem financeira, porém, o amor supera qualquer problema.

As dificuldade é grande. Mas o amor naquilo, nós vai sacrificano. E graças a Deus e aos santos do Congo, é um amor que contagia. É aquele amor que a gente tem à tradição da festa. Memo sem conhecê munto o que é a festa os congadeiro é apaixonado e isso é a fé que move as pessoa. Pensa: como é que vô fazê? Mas fé em Deus e São Benedito e tudo certo. Uma hora a gente sofre munta raiva, mas tem que controlá, né. Tê carma. Às veiz ta pecisano de uma coisa ansim, num acha quem pode ajudá. Mas Deus ajuda que a gente dá um jeitinho e ainda controla. Aquertido munto na minha saúde, no meu trabaio, graças a Deus e São Benedito. (TIJOLINHO, 2007).

Uma sensibilidade coletiva escola daqui. Amores, humores, paixão povoam o trabalho, o itinerário da política local e do país. A afetividade transborda desses cenários contaminando, comovendo todos os setores da vida social. Um querer viver grita aqui nas tonalidades da emoção e da paixão, fazendo superar qualquer adversidade. Tijolino lembra que “... a família do Congo é unida e no fim faz com que tudo dá certo. Nós aqui, eu mais a Manoela tamo sempre pronto pra ajudá”.

Essa ligação com o doméstico permite uma certa organicidade, um ambiente que alinhava pessoas, animais, coisas, moradia, verdes, sentimentos, fazeres, gestuais, desejos, lembranças, numa tarefa de compor estilo de vida, de constituir ética específica. Tudo confabula, está em consonância, age e retroage mutuamente. Num jogo de máscaras, Tijolino parece valorizar o palpável, o que os dedos podem tocar, o monótono passar dos dias, a cotidianidade, o que é da ordem da reunião, o que acentua o sensível. Pequenos sonhos voltam a se reunir com a sua realidade, contrapõem-se com a desilusão de Tijolino. “Quando nós ganhô o troféu em 1991 foi só felicidade. Todas vez que nós sai com o terno bem vestidinho, tamém, é só felicidade. Nosso terno é munto abençoado.”

Aproveitar os prazeres da vida, mesmo que minúsculos, colore o trágico, o sofrido da vida de Tijolino. Pequenas glórias estão eternizadas nem seu corpo. Imobiliza-se o tempo nesses instantes. Amante da rua, da proximidade dos corpos, da agitação dos festejos religiosos, ele fala aqui a linguagem do sensível, do prazer, do belo, da fluidez. Novamente uma lógica relacional, uma experiência que é da ordem do estar-junto, se apresentam. São experiências que não podem ser reduzidas ao prazer individual, mas que trazem a marca do coletivo, do que é vivido com o outro. Felicidades e tristezas pessoais, quase nada, revelam o encontro, o que é partilhado, o que sai de si e viaja acompanhado. A festa de Congo permeia todos os acontecimentos. Uma emoção comum está presente em cada um dos momentos relacionados. Há uma valorização do instante banal. Certos acontecimentos que pontuam a vida são aurificados, surgem enquanto acontecimentos mágicos de recriação da vida, atos de repetição da cosmogonia, de retorno simbólico à plenitude primordial. Um semblante mítico banha as falas.

O capitão se diz um homem feliz e vive para a simplicidade.

Estudei até o terceiro ano de grupo, não tive como continuar, a riqueza era pouca. Além do sirviço e do Congo, aqui em casa cuido das galinhas, ajudo a mulher. Rezo. Depois é jantá e dormir. Comecei trabaiá com 8 ano, na roça. Fui pra roça trabalhar pra ajudar a mãe. Tinha que ajudá, ela não tinha muito recurso. Casei com a Manoela e nós vive bem aqui graças a Deus. Sou aposentado, mas faço uns biquinhos no Cemitério. Lá tenho túmulos que sou responsável, fico lá das 7 horas às 10h30, passo aqui almoço. Sou zelador desde que aposentei como operário-servente. Faço tamém uns bico na chácara do Amado e da Geni nas horas vagas. Meio dia e meio vou pra chácara e fico lá até umas três e meia. Defender uns troquinhos para inteirar o salário. Já fui cortador de cana, limpava a cana, limpava caldeira (caldeira). (TIJOLINHO, 2007).

Com este salário extra o capitão ajuda a manter o terno.

Eu me ajudo no Congo. O salário da aposentadoria é pra casa. Este troquinho é que eu ajudo no Congo. Invisto no terno, compro algum remédio, alguma coisa que eles precisa. O troquinho dá mais ou menos R\$ 300. Comprar um couro, trocar sanfona. A prefeitura dá pra gente é um pano, mas não é todo. Serve pá comprá chapéu, fita, calçado, as vez eles não tem como comprar. Eu preciso deles, dos congadeiros, senão o Congo morre, então tenho que comprar. (TIJOLINHO, 2007).

Mesmo cobrando uma postura de ajuda da administração municipal para a realização dos eventos de Congada, Tijolino diz considerar que poderiam receber mais incentivo por se tratar de uma manifestação cultural.

Uai, nós até num tem munta conversa não, por que nós conversa mais por intermédio do professor Eurípedes, né. O professor é que invoca az vez chama nós lá, e uns 2, 3 só que vai lá pra conversá com o prefeito. Mas eu, pá falá bem a verdade não posso falá do Ataíde por que seja lá como for coitado, o que ele pôde fazer ele fez né. Às vez que isso que é aquilo que nem o professor vai lá briga, mas não sabe o que tá passando né? Às vez as coisa vem, segunda-fera a secretária da Educação do Ataíde falô pra mim: vem uma verba mesmo aqui, mas essa verba tem que repartir pá escola, futebol, num sei o que lá mais, turismo num sei o que lá mais, pra nós memo sobra só um pedacinho de pão. ((TIJOLINHO, 2007).

Os pedidos feitos pelos ternos de Congo junto à administração municipal em todo o tempo de existência dos festejos são de tecido e comida.

Nossa senhora, só o pano e a comida. E assim memo a comida é poquica coisa. A prefeitura havia de tê uma programação pa ajudá o ano inteiro, né. Mas eu achava era ansim: gente, os comerciante podia ajuda. Sai vantage pra eles, nós sobra com a canseira, o padre as esmola vai tudo pu padre. O padre num dá nem um maço de cigarro pra ninguém, nós fica aí fazendo pra eles, pro comércio tem um futurozinho. Agora o prefeito sacrifica lá, mais alguma coisinha ainda sai, num pode falá que não ajudo, né. (TIJOLINHO, 2007).

Na fala de Tijolino a manutenção da Congada deveria ser vista por alguns comerciantes, integrantes do Universo Elegante, uma vez que as manifestações culturais são chamarizes de turistas. Para o professor Eurípedes Gaspar de Almeida (2008) as

manifestações culturais conseguem sobreviver em Passos graças à ajuda do povo, em especial os negros, povo que gosta de preservar suas tradições.

A ajuda de governantes nessa área é reduzida. Os governos, tanto municipal, quanto estadual e federal, está acordando para o grande patrimônio cultural do povo brasileiro. Estão começando a valorizar, mas não temos tanto apoio. Estamos sempre esperando mais. A cultura não é só um meio de resgate da história de um povo, mas também a forma de fomentar turismo na região. Os governantes estão vendo que as manifestações culturais fomenta a indústria turística. Basta ver o Carnaval no Rio, em Salvador, no Recife, que movimenta dinheiro e gera empregos

A Associação Passense de Defesa do Folclore, segundo a presidente Sandra de Fátima Jerônimo Silva (2007), sempre promove atividades em escolas para que os alunos possam participar e se informar sobre as manifestações culturais.

No futuro, eles serão os novos folcloristas. Um exemplo do nosso trabalho é o projeto Todo Menino é Um Rei, realizado desde 2002 na comunidade de Santos Reis. Nós também, na APDF, procuramos incentivar ternos que estão querendo parar a continuar, tanto de Congo quanto de Moçambique. Na época das festas nós fazemos diversas atividades para angariar dinheiro pros ternos e também para a grande festa que é a Cavalhada no final do ano. Nosso trabalho é de organizar, resgatar e manter as manifestações culturais, está no estatuto da associação e é compromisso de vida nosso.

Na fala do ex-prefeito José Hernani Silveira (2008), as Congadas de Passos são fator muito importante da história e marca registrada do município.

Uma tradição muito antiga, muito bonita, de uma gente que sempre mostrou a face do folclore, da beleza de nossa cidade. Pensamos que essas Congadas devam readquirir o padrão original deles, inclusive as batidas das caixas, que voltem aquilo que é de origem. Meu pai sempre me levou para ver, é um negócio bonito e continua bonito, mas tem agora que ser aprimorado e achar alguém que volte realmente às origens. E com relação aos motivos que fazem a Congada se manter viva, penso ser a persistência, o amor, o carinho de muitas famílias que vêm passando de pai pra filho essa tradição. Conhecemos muita gente aí nos bairros e vemos que é assim. O tratamento foi sempre muito amistoso, sempre os respeitei muito. Procurava dar ajuda para fazerem os almoços. Sabemos que às vezes eles reúnem até 100 pessoas numa casa para dar almoço, o que fica difícil para eles. E também à medida do possível sempre demos todo tipo de tecido que precisavam. A Congada merece todo carinho e todo respeito.

O atual prefeito Ataíde Vilela (2008), gestão que termina em 2008, afirma que todas as reivindicações feitas pelos congadeiros têm sido atendidas.

Temos procurado atender aos pedidos deles. E isto tem sido feito desde o primeiro ano de nossa administração. Até me parece que agora surgiram mais duas, ou três bandeiras, evidentemente, nessa nossa administração. E é fruto muito desse trabalho que a gente tem feito em ouvir com eles. Com muita sensibilidade e tudo que eles tem necessidade nós temos prontamente atendido. As reivindicações são até simples, eles não reivindicam muita coisa. É alimento, tem um processo de alimentação, parece que é um período que eles recebem aqui. Passos sedia uma festa que é feita anualmente, né? Se não me engano, ali naquela região dos Santos Reis. Tem um almoço que eles fazem ali, a prefeitura participa, ajudando.

Embora a presidente da APDF, Sandra Silva, tenha nos contado da dificuldade de diálogo com a atual administração e dos embates já ocorridos por conta de conseguir subvenção para os festejos da Cavahada, o prefeito Ataíde Vilela (2008) tem outro discurso.

Na época da Cavahada nós fornecemos toda a infra-estrutura, inclusive alimentação, transporte e hospedagem para a Cavalaria Montada de Belo Horizonte. Eles são responsáveis por colocar ordem e dar segurança e acabar com brigas que existiam durante os festejos de Natal. Tudo isso é custeado pela administração. A questão da alimentação, não sei se é feita lá na Capela de Santos Reis, mas enfim, tudo que eles reivindicam nós fornecemos. Ainda sobre as brigas, eram pessoas que entravam no meio da festa, provocavam brigas às vezes estavam alcoolizadas. Então isso agora acabou, porque a polícia coloca ordem na festa, uma festa muito bonita. Todo ano eu tenho acompanhado, esses anos mesmo reuniram lá mais de 18.000 pessoas, só ali na praça São Benedito, além dos outros pontos que eles fazem as concentrações, nas intermediações da prainha, lá na Cadetral, na paróquia, na igreja da Penha, ao longo de todo o percurso, se a gente for levantar quantas pessoas acompanham ao longo do trajeto deve chegar a 20.000 pessoas. E é uma das festas mais tradicionais de Passos, então isso já está no nosso calendário, faz parte das nossas comemorações. É muito importante também para a questão do turismo, porque poucas cidades mantêm essa tradição. Sabemos o quanto temos aqui em manifestações culturais. Antes mesmo de nossa emancipação política, a cidade já tinha as Congadas. Se não me engano são cento e sessenta e oito anos.

A manutenção financeira do Terno de Congo da Coroa de São Benedito, especificamente, é feita por meio da ajuda efetiva dada pelo capitão do terno, o Tijolinho. Outras contribuições são obtidas junto à comunidade com doações, que são pedidas de casa em casa e também da administração municipal – esta, segundo Tijolinho (2007) em menor quantidade.

Os prefeitos de hoje em dia não estão mais querendo ajudá na Congada; parece que isto não dá voto, então não temos muito apoio. Nem o tecido para fazer as roupas estão querendo nos dar. O ruim é que sabemos que a prefeitura ganha uma verba específica para a cultura e nós dos ternos de Congo não somos incluídos.

Ainda com relação às subvenções da prefeitura, Tijolinho (2007) afirma que se for deixar por conta dos prefeitos a cultura morre.

Estes políticos não estão nem aí para nossas tradições, acho que muitos nem entendem o que é cultura e pra quê ela serve. Para nós, cultura é vida. Pensamos que para eles (administradores) seria melhor nem existirmos, mas no que depender de mim e da força de Deus para me dar saúde, todo ano o terno vai sair.

A família do congadeiro Hebert se empenha durante o ano inteiro para colaborar com o terno de Tijolinho. Segundo a mãe do dançante, dona Ilda Maciel (2008), o filho a põe desde o início do ano a trabalhar para ajudar nas festas do Congo para o final do ano.

O cumpade Tijolino passa muita dificuldade. Aí, o primeiro almoço do Congo é sempre aqui em casa. Do dia 26 de dezembro a 1º de janeiro eles têm um lanche, refrigerante, tudo a base de doação, eu saio na rua pedindo, então é tudo na base de doação. Nem sei se posso falar, mas vamo falá. As caixas que eles saíram nas ruas esse ano foi doação de uma pessoa muito importante que eu fui e pedi, foi no valor de mais ou menos R\$ 8 mil. Falei cumpade, o senhor passa uma tinta nelas pra num dá pobrema porque os oto ta em dificuldade, né. E eu fico sentida. Igual falei pra ele, pro Tijolino, vergonha de pedir eu num tenho não. Por trabalhar com creche conheço muita gente, mas o sonho dele é trocar a farda, então nessa semana entregamos os panos para os próximos eventos. É difícil. Faço rifa. Ganhei um perfume de um deputado estadual lá do Ceará e eu falei: não acredito que esse perfume custa 700 real. Aí fui confirmar, é o Pollo importado. Isso ajuda muito porque são 115 pessoas que comem aqui, o prefeito mesmo já inteirou duas veiz que vem, dois ano que ele vem, sabe. É gente o dia inteirinho comendo. O que eu ganhar pra eles é deles, faço questão de mostrar. Sou bem indecente, o que é meu é meu e o que é dos outros é dos outros.

A respeito da sustentabilidade do planeta, a Terra pode ser restaurada, revivida pela consciência dos homens quando esses recobram a perspectiva da natureza de mãe nutriz, ente sagrado. De um lado, o herege deve redimir-se dos pecados cometidos, de outro, os homens precisam deixar de envenenar a terra, a água e o ar, devem manter trechos de mata à volta dos olhos de água. Os destruidores, violadores e envenenadores da mãe natureza são punidos pela justiça dos homens nesse tempo da salvação. Matar bicho para comer é permitido, “não é pecado” porque ao homem foi determinado viver do seu próprio trabalho, do próprio suor. “O burro tem que viver da carga”. Para salvar a alma e o corpo é preciso alterar a perspectiva de mundo, “mudá a manera di pensá e vivê”.

A ganância, as pessoas “visano lucro”, podem fazer perdidos os homens e a Terra para sempre. O futuro do mundo, da humanidade depende do que os homens construíram no tempo histórico de morada na Terra, que é também tempo de cumprimento do mito. É preciso construir um alicerce forte, seguro para que uma casa seja erguida e possa proteger, agasalhar, resguardar a vida dos homens. O futuro da humanidade e dos filhos de Deus pode “não sê bom porque a humanidade não fez um alicerce bem feito”. O trabalho na face da Terra é sinônimo, ao mesmo tempo, de dignidade e indignidade do homem, de elevação e de marca do pecador, sinal de castigo, de expiação de um crime cometido no início dos tempos, quando o eterno faz a dobra temporal. O trabalho enobrece, enaltece e torna o homem abaixo do animal subserviente. Vem colado ao amor que, de tudo, convoca o melhor de si. Ato de seriedade, o trabalho nas mãos dos homens do Congo, ri alegre entrecortado de brincadeira e cantoria.

Como já dissemos anteriormente, o conhecimento acadêmico e científico do capitão Tijolino inexistente, porém sua sabedoria é invejável. Sua defesa do que é cultura vai além do que pensadores podem explicar em livros. Tomemos como base a definição de cultura dada

por Edgar Morin, no livro O Método V. “Conjunto de hábitos, costumes, práticas, **savoir-faire**, saberes, regras, normas, interdições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, ritos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social”.

A gente vê e até que num ta essas coisa assim não, né. Perigoso, o pessoal ta sem idéia. Eu tenho impressão que nós ta acabano com o planeta. Cada um ta tirano um poquinho, né. A gente memo, com toda humirdade, tem hora que a gente, né, sai fora do sério. Ah, a gente desperdiça munto a água. As pessoa lava as carçada, memo com essas chuva que tem caído. Ta chuveno o dia intero. As piscina, aqui corre água o dia intero, direto. Pá quê desperdiçá tanta água? (TIJOLINHO, 2007).

A Congada se transforma em resistência, cuja cosmovisão não está centrada no lucro, na relação concentração de poder. Não pode ser a lógica do capitalismo. A caminhada dela, a sustentabilidade é na direção de uma confraria, que se preocupa com as outras pessoas, que se compromete com o destino delas, tanto em termos materiais como espirituais. A resistência está exatamente em manter a relação de harmonia, de paz, de tranquilidade em relação ao que as pessoas possuem, ao existente. Porque do ponto de vista do Elegante tudo não passa de pobreza. Para os congadeiros o importante é viver bem no presente. Não lhes falta nada. É uma vida trágica, mas que contém o belo, o feliz, tudo vale à pena. O viver em paz. Solidariedade para o princípio da ecologia complexa. Dar condições mínimas para que as novas gerações tenham o direito de existir enquanto congadeiros. Uma geração de congadeiros que se criam, recriam dia a dia.

Na esfera social existe, segundo Edgar Morin, em Os sete saberes necessários à educação do futuro, uma unidade/diversidade das línguas. “Todas diversas a partir de uma estrutura de dupla articulação comum, o que nos torna gêmeos pela linguagem e separados pelas línguas, das organizações sociais e das culturas.” Ainda da cultura, o pensador complementa sobre cultura, justamente as culturas.

Os que vêem a diversidade das culturas tendem a minimizar ou ocultar a unicidade humana; os que vêem a unicidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade das culturas. Ao contrário, é apropriado conceber a unicidade que assegura e favorece a diversidade, a diversidade que se inscreve na unidade. (MORIN, 2000, p. 57).

Como perpetuação no âmbito da Educação, nos aportamos em Alfredo Pena-Vega, em Ecologia Complexa, que se coloca contra o império do conhecimento disciplinar, contra o reducionismo epistemológico então dominante. “Denuncia como esse conhecimento esfacelado conduz a sociedade através de ações dispersas e contraditórias, de conseqüências imprevisíveis, mas certamente mortais para a espécie humana.”

Ultrapassando esse limite proposto por Morin e Pena-Vega, nós, pesquisadoras, pudemos participar em setembro de 2005, do II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade em Vila Velha, no Espírito Santo. Na oportunidade, conhecemos o Congo de Vila Velha, a manifestação que se apresenta com elementos da mistura cultural de índios, negros, portugueses e espanhóis, que se desenvolveu a partir do Brasil-Colônia. No litoral do Espírito Santo, os grupos são chamados Bandas de Congo e não Ternos como em Minas Gerais. A sua origem, segundo folheto informativo do Cecaes (Centro Cultural Caieiras), entregue aos participantes do Congresso durante apresentação feita na praia, em frente ao Hotel Passárgada, em Vila Velha, é anterior ao século XIX. Entretanto, seu formato inicial foi perdido com a descaracterização da cultura dos povos indígenas. Esses grupos musicais descendem dos cantos e rituais dos índios. O historiador e mestre Guilherme Santos Neves, que muito contribuiu para o conhecimento do nosso folclore, conta-nos que os primeiros registros impressos sobre elas, conhecidas como Bandas de Índios, são do Padre Antunes de Siqueira (1832-1897).

Para mestre Guilherme, foi a intromissão do elemento negro no folguedo ameríndio que deu agitação e vida ao conjunto musical e dançante. Os negros acrescentaram sua maneira descontraída e auto-expressiva de dançar. “[...] sem nenhuma repressão dos impulsos individuais; sem a impassibilidade das cerimônias indígenas.”

No Espírito Santo, duas festas se destacam pela peculiaridade: o Congo de Máscaras de Cariacica (brincadeiras com fantasias de máscaras feitas a partir de materiais da natureza, como folhas de bananeira, tecidos rústicos, papier machê etc), realizada no dia de Nossa Senhora da Penha; e os festejos do ‘mastro’ (derrubada, puxada, fincada e a retirada), quando são lembrados episódios do naufrágio do navio ‘Palermo’, em que seus tripulantes foram salvos agarrando-se ao mastro com a imagem de São Benedito, a quem foi atribuído o milagre. É realizado na cidade da Serra e outros pontos do litoral capixaba, no dia de São Benedito, que coincide com o ciclo das festas do Natal.

Da Banda de Congo, participam homens, mulheres e crianças, utilizando uma série de instrumentos, estandarte (com o santo padroeiro) e indumentárias. O instrumento que identifica o congo capixaba é a casaca, o reco-reco de madeira, tendo na sua extremidade uma cabeça humana esculpida. Assim como o modo de entoar as canções, instrumentos como os tambores, chamado de guaraná, mais a cuíca, o triângulo, caixas, ganzá e apito, são combinados de modo diferente, resultando sonoridades próprias para cada grupo musical de congo.

O Congo, como elemento (re)significante de conhecimento é um estimulador do

processo pedagógico, a partir de experiências de aprendizagens significativas e não de modelos prontos e acabados de se aprender. Ao se apropriarem dessa manifestação cultural, as futuras gerações são despertadas para novas formas de domínio de conhecimento, que tanto reforçam a sua auto-estima e as tornam mais livres em relação à dança e ao ritmo, como passam a valorizar as atividades em grupo.

A partir das apresentações “Congo Mirim da Ilha” nas escolas do sistema municipal de ensino de Vitória, os professores das disciplinas de Educação Artística, História, Língua Portuguesa, Educação Física, Ciências, Geografia e Matemática, puderam desenvolver atividades práticas e teóricas sobre a história, letras e músicas do Congo, sua dança, seus instrumentos e adereços.

As intenções pedagógicas do projeto “Congo na Escola” são de valorizar a diversidade natural e sócio-político-cultural da realidade mais próxima da criança e do adolescente; estimular a musicalidade na escola e fora dela, (re)significando conhecimentos com momentos de descontração. Com isso, os alunos podem estudar os ritmos, estudar a linguagem, pesquisar a formação étnica, confeccionar instrumentos, desenvolver coreografias, interpretar letras e melodias a partir da vivência e realizar pesquisas das manifestações culturais capixabas.

O projeto “Congo na Escola” é desenvolvido há sete anos pelo Centro Cultural Caieiras, que criou o grupo parafolclórico “Congo Mirim da Ilha”. O projeto foi implantado na escola Francisco Lacerda de Aguiar – sistema municipal de ensino de Vitória – atendendo 60 alunos com idade de quatro a quinze anos, todos residentes na Ilha das Caieiras e na Grande São Pedro.

De acordo com os gestores do projeto Alcione Dias e Fábio Carvalho, trata-se de um projeto que, além de sua importância para a valorização da cultura capixaba, representada aqui pelo Congo, tem também um caráter social marcante na vida dos(as) que dele participam, ao criar condições para que tenham contato direto com a diversidade cultural, a partir de diferentes imagens construídas pelos gestos, sons, falas e plasticidade, que considera o homem e a mulher agentes sociais e produtores(as) de cultura.

Ao inserir o ensino e a prática do folclore, o Projeto Congo na Escola, tem por meta manter viva na memória das crianças e adolescentes, manifestações culturais que devem ser estimuladas, divulgadas e revividas. Nesse sentido, apresentamos o projeto Congo na Escola ao capitão do Terno da Coroa de São Benedito, Benedito de Souza, o Tijolinho, que disse não acreditar que as escolas do município não aceitariam esse tipo de inclusão em suas grades escolares. Então, questionamos sobre a montagem de uma escola de Congo no espaço que o

Terno tem em sua casa, para que fossem dadas aulas nos finais de semana. A resposta de Tijolino foi categórica: “é cansativo e depois a Manoela num ta boa de saúde e eu que tenho que ta cuidano. E eu tenho tamém o compromisso com a Folia de Reis”.

Quanto às Bandas de Congo do Espírito Santo, percebemos serem comercialmente mais organizadas. Conseguimos comprar no comércio local CDs de algumas bandas. Um deles “Congo: o canto da alma”, feito em homenagem ao mestre Antônio Rosa, traz em sua primeira faixa uma música nacionalmente conhecida na voz de Martinho da Vila – “Madalena”.

“Madalena, Madalena  
Você é meu bem-querer  
Vou falar pra todo mundo  
Vou falar pra todo mundo  
Que eu só quero é você

25 de dezembro  
É o dia do negro  
Vamos todos para a rua  
Vamos todos para a rua  
Pra louvar São Benedito”

## CONCLUSÃO

Muita coisa já foi dita e repisada ao longo da redação da Dissertação. Mas, penso que vem marcando o trabalho a preocupação com a dimensão fantástica da realidade das pessoas do terno de Congo da Coroa de São Benedito em Passos-MG. Esse é o fio da navalha que percorre toda a escrita, que coloca para caminhar escrevente e leitor. A leitura fantástica, a função fantástica do real se propõe a uma reação contra os poderes dissolventes da inteligência dura ou, no mínimo, forma uma outra inteligência que procura burlar a morte, uma reação a tudo que impede a ocorrência da atualização, da vivificação. A fabulação, o lendário, os mitos, as histórias de vida como mitos são vistos como uma aventura espiritual de um grupo contra o devir fatal, contra o nada existencial. Nesse sentido, as falas das pessoas do Congo têm sentido, ocupam o central da escrita. O fantasioso, o fantástico reagem contra a objetividade, contra o nada, contra a morte, na medida em que infundem o sagrado, o mágico em todo o existente. Por isso, constitui pura liberdade do espírito. Cumpre a função fantástica uma tarefa eufemizadora sempre, melhora o mundo, confunde a morte. Quando os integrantes do terno constroem histórias fabulosas de si, dos outros, do bairro, do mundo, da vida e da morte, eles empreendem esse ato de resistência. Obra de arte coletiva, por meio dessas histórias eles promovem a melhoria, o embelezamento do mundo, da Vida. Assim, o mundo da morte é transposto, transformado em mundo vivo, da ressurreição, da sobrevida. Esse tipo de imaginação carrega, portanto, esse poder de erguer obras contra a podridão da morte e do Destino, contra o trágico. Daí ser possível a aproximação entre imaginário, entre o fantasioso do imaginário e a arte, a beleza, a poesia, a criação, o renascimento. O imaginário desempenha, portanto, uma função vital do homem e para ele. A função fantástica é vital nos homens da Coroa de São Benedito. A vida do bairro brota, por essa via, dos excrementos, da morte. A função fantástica é sempre generosa porque tira tudo, coisas, estátuas, histórias, lendas, santos, fantasmas, pessoas, fazeres e afazeres, dos tentáculos da morte. Há sempre um processo de reencarnação, ressurreição, presentificação, atualização, vivificação em curso. Caminhar pelo espaço da morte é sempre, pois, um percurso de ressurreição, um ato heróico de seres heróicos no sentido de arrancar a vida dos braços da morte. Sob esse aspecto, os magos da tribo, curandeiros, raizeiros, feiticeiros, benzedores, rezadores e mesmo pessoas comuns que praticam a cura e a feitiçaria cotidianas, todos assumem e desempenham papel fundamental para a vida de si próprios e do grupo.

A opção por ver a realidade de um grupo social pelas lentes do imaginário, do fantástico, questiona, portanto o entronamento, o reinado do logus, a redução do real ao

concreto palpável, duro. Questiona a hierarquização que coloca esse real supostamente sólido, material como o único verdadeiro, como a melhor e fiel tradução da vida das pessoas, como o retrato a ser privilegiado. A Dissertação põe sob suspeita a substancialidade e a realidade só do que se pode e tem supostamente garantia de ver e tocar. Chama a atenção para a virtualidade, para a realidade das conexões, da espiritualidade que conjuga e encanta a matéria. Põe em dúvida o conceito clássico e do senso comum de matéria. Da mesma forma, transcende a concepção euclidiana de espaço e linearidade do tempo, o encadeamento lógico, perfeito entre passado, presente e futuro. Convida para olhar a noção de superposição de agora, para a simultaneidade de muitos e vários tempos, para um tempo outro do mito, do universo fantástico. Convida para introduzir a velocidade na relação tempo/espaço, para ver o espaço em outra dimensão, o espaço que não se aparta do tempo. Todo esse exercício significa um mergulho mais profundo para os aléns da materialidade opaca, que confere estatuto de real ao que as mãos podem tocar e atestar e os olhos podem ver. É como se num sonho não houvesse uma dobra entre a epiderme e a imagem que o cérebro traça os contornos e atesta existência. Como se não houvesse nenhuma fenda ligando interioridade/exterioridade. O suposto é, portanto, que a realidade contém muitas e diversas realidades, constitui-se como um viveiro que não comporta hierarquias e excludências. Tudo isso implica dizer, ainda, que para além do material há o simbólico ou que o material comporta espíritos, sustenta no seu corpo objetivo outros corpos sutis, perfurações por onde viaja, transita, aconchega-se uma materialidade outra.

A opção da Dissertação caminhou por uma pluralidade de idiomas do social, das pessoas consideradas, por um perfil complexo, denso. São imagens, gestos, ícones, cores, odores, paladar, som, palavras mágicas, rituais, práticas de várias ordens, todo um ficcional que quer falar, dizer de muitos jeitos.

Toda a escrita que ora chega ao seu final, caminha no fio da navalha, explícito no desenrolar da pesquisa de campo. Optar por olhar, ouvir, sentir o ficcional, o mágico é trafegar por um território que as pessoas preferem não dizer para estranhos. Caminhar na rota alucinante das imagens, do figurativo, das sombras, do sagrado, por esse elo aparentemente frágil que é o imaginário, marcado pela ambigüidade, simultaneidade, contradição, redundância, exige penetrar no interior do grupo, das pessoas. Significa andar por seus segredos mais secretos, mais íntimos, pela natureza mais profunda dos homens. Isso demanda um conhecimento razoável das pessoas, uma convivência longa com elas e com o seu território. Mais que isso, exige colocar na metodologia de pesquisa a amizade, a confiança e o encantamento. Supõe uma viagem pelo espaço da morte, um diálogo com os demônios

próprios e dos outros pelas lentes demoníacas e da morte nos olhos do outro. De todo o figurativo que aos olhos foi dado olhar e ver, o imaginário da morte se destaca. É o mais profundo, perigoso, difícil de olhar. Ele exige um ato de permissão, um salvo-conduto que só certos mestres das sombras podem lavar.

O fio da navalha se põe sob os pés quando o imaginário, o fantástico, sobretudo, se colocam como objetos de prosa; quando a leitura da realidade é a partir das suas sombras, do seu duplo; quando o que a modernidade considerou como secundaridades e tentou colocar como resíduo, sobe ao palco, toma lugar de destaque nas cenas; quando a escolha da escrita recaiu sobre a preferência em falar por imagens sobre o imaginal. A dureza dos conceitos e das categorias teóricas em apreço pela ciência oficial, sua secura de vida, a morte que elas carregam, a clausura em que é colocada a vida, impulsionaram para dizer de outra forma as relações vividas por certas pessoas. A emoção, a sensibilidade, o intuitivo compõem os temperos, convida a aparar as distâncias entre ciência e poesia, entre ciência e magia, arte e simbólico. Ler e escrever a partir de uma razão sensível, feminina foi o esforço que pareceu mais justo, melhor. Embora sob muitos riscos, valeu à pena a empreitada de exercitar a emoção, a sensibilidade, sobretudo quando se concebe que o próprio das imagens, do simbólico é a sua capacidade de voar e fazer voar a imaginação. É a possibilidade de despertar a insatisfação, a dúvida, a certeza da incompletude sempre, do aberto, do ambíguo que liberta. Mais uma vez, uma metodologia vem embutida numa forma de escrita, a que se preocupa com a riqueza, a exuberância, a profundidade contidas no poético, no alegórico. De outra feita, trata-se de sensibilizar a razão também na fala.

Algumas idéias perpassam todo o trabalho. Dentre elas, a de que há uma presença que se coloca aparentemente ausente da vida de um grupo diferenciado, a presença da primitividade, do elo que liga no reconhecimento o humano, da lenda das eras, da universalidade no seio da diversidade, trançada entre as tranças da multiplicidade. Está também entre os suportes da escrita, a idéia de que as coisas, os espaços, os gestos, os elementos da natureza compõem com as pessoas e seus fazeres e afazeres um ambiente. Por outro lado há uma aura banhando tudo, uma alma coletiva construída, tramada, vivida pelas pessoas da Coroa de São Benedito. Um gênio interior confere ao terno o caráter de entidade e a dimensão de casa, de lugar de uma comunidade de destino.

Na Dissertação a preferência recaiu sobre a dimensão de pessoas do Congo, desfocando assim certas categorias usualmente privilegiadas, como as de sujeito, indivíduo, cidadão. A pessoa é considerada como uma unidade múltipla, marcada por uma complexidade

que estabelece a sinergia entre objetividades e subjetividades, que viaja na contra-mão da identidade, em direção à identificação, ao ego como um compósito de ego-alter.

Consideramos ainda, que o trabalho em si massacra os homens, as pessoas Congo pela dureza, pela vida em minguados dotes a que o labor sujeita, por todo um corpo de humilhações sofridas concretamente. Ponderamos que um tipo de ciência segue empenhada nesse massacre, na medida em que reduz as pessoas a só dançadores, seres exauridos, de feição única, solitária, amarga e pobre. Essa ciência peca por deixar de ir além dessa figura reduzida. O ser dançante apenas, não consegue apreender universos tão complexos. As figuras que os olhos aqui tentaram ver são arlequins, vestes coloridas, diversas, superpostas. As imagens que procuramos reter são a de seres trágicos e líricos, que a objetividade marca, mas que a presença vai além. Exuberantes, densos, coloridos, ambíguos, contraditórios, riso fácil, sangue à flor da pele, os homens e mulheres do terno da Coroa de São Benedito são dançarinos do espaço da morte, figuras surreais, gente desafiadora, articulista do enfrentamento do destino. A opção passa pelo narcísico do grupo, no sentido primeiro, forte daquele que se oferece e doa ao outro, daquele que clama por falar, comunicar com o corpo e a alma, aquele que objetiva ser visto, se dispõe ao tato, daquele que não se contenta com o estreito das paredes do eu e se coloca para fora. Narciso é aquele que opta pelo aberto, pelo que recebe e concebe, por tudo o que é dado à orgia, à relação com que abraça e clama o abraço.

O surrealismo matiza o semblante do terno, sinala seus passos, modela seu modo de ser, de pensar e de fazer. A virtualidade apresenta, baila à frente do observador, desafia, convida, seduz.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. **Complexidade e cosmologias da tradição**. Belém,Pa: EDUEPA : UFRN/PPGCS, 2001.

ANDRADE, M. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo: Martins, 1966.

AUGÉ, M. **O sentido dos outros: atualidade da antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BACHELLARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989b.

\_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BOURDIEU, P. A gênese social do olho. In: \_\_\_\_\_. **As regras da arte gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRANDÃO, C. R. **A festa do santo de preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE ; Goiânia: Ed. UFGO, 1985.

CALAFIORI, L. F. **São Sebastião do Paraíso histórias e tradições**. São Sebastião do Paraíso: Prefeitura Municipal, 1996.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2001.

CARDOSO, H. F. **O gesto, o canto, o riso**: história viva na memória. 1990. 216 f. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

CARVALHO, E. A. (Org.). **Ensaaios de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. **Enigmas da cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.

CONGO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia viva. Disponível em:  
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Congo>>. Acesso em: 9 maio 2007.

CONSULADO DE PORTUGAL (Belo Horizonte). **Minas Gerais**: bases de dados: perfil do estado: sul de Minas. Disponível em:  
<<http://www.consuladoporlugalmg.org.br/regiao%20sul%20de%20minas.htm>>. Acesso em: 9 maio 2007.

DORNAS FILHO, J. **Itaúna**: contribuição para a história do município. [s.l. : s.n.], 1936.

DURAND, G. **A fé do sapateiro**. Brasília, DF: Ed. UnB, 1995.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio. Zahar E., 2001.

GINZBURG, C. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. **Negras raízes mineiras**: os arturos. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

GREENE, B. **O universo elegante**: subcordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ISABEBO, I. **À descoberta da África**. Lisboa: Editorial Satampa, 1995.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1985. (Coleção tendências, v. 7).

\_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento do cotidiano**: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Veja, 1993.

MAIA, M. L. S. **Álbum de Passos de 1920**: monografia do município de Passos. Passos: [s.n.], 1984.

MOÇAMBIQUE. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia viva. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mo%C3%A7ambique>>. Acesso em: 9 maio 2007.

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX**: o espírito do tempo: necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massa no século XX**: o espírito do tempo: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Enigma do homem**: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.

\_\_\_\_\_. **O método 1**: a natureza da natureza. Lisboa: Europa-América, 1997b.

\_\_\_\_\_. **O método 2**: a vida da vida. Lisboa: Europa-América, 1980.

\_\_\_\_\_. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

\_\_\_\_\_. **O método 4**: as idéias: habitat, vida, costumes, organização. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. **O método 5**: a humanidade da humanidade: a identidade humana. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

\_\_\_\_\_. **O paradigma perdido**. Lisboa: Europa-América, 1975.

\_\_\_\_\_. **Os meus demônios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

\_\_\_\_\_. **Problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Europa-América, 2002.

\_\_\_\_\_.; CIURANA, E. R., MOTTA, R. D. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília : UNESCO, 2003.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociedade contra natureza**. Petrópolis: Vozes, 1975.

NORONHA, W. A. **Livro história de Passos**. Passos: [s.n.], 1969.

PENA-VEGA, A. et al.. **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

PREFEITURA DE ITAÚNA. Departamento de Cultura. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário. **Via Fanzine: um jornal original**. Disponível em: <<http://www.viafanzine.jor.br/geleia.htm>>. Acesso em: 23 set. 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSOS. Disponível em: <<https://www.passos.mg.gov.br/>>. Acesso em: 9 maio 2007.

QUINTANA, A. M. **A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru: EDUSC, 1999.

RABAÇAL, A. J. **As congadas no Brasil**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

RIMBAUD, J.-A. **Uma temporada no inferno e iluminações**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

SANTOS, B. S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática: a crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002. v. 1.

SCORZA, M. **Garambombo: o invisível**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SERRES, M. **O incandescente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SERRES, M. **O começo de uma outra humanidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SILVA, J. J. **Tratado de geographia descriptiva especial da Provincia de Minas-Geraes.** Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1878. Disponível em: <<http://www.geocities.com>>. Acesso em: 13 maio 2007.

SODRÉ, N. W. **Fundamentos do materialismo dialético.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SONTAG, S. **Ensaio sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

STRAUS, C. L. **Mitos e significados.** Lisboa: Edições 70, 1978.

TAUSSIG, M. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem:** um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

WULF, C.; MORIN, E. **Planeta:** uma aventura desconhecida. São Paulo: Ed. Unesp, 2003

## **APÊNDICE**

**APÊNDICE A - UM PEDACINHO DE MIM**

*por Adriana de Oliveira Dias*



**Andoni Gabriel de Oliveira Madeira aos três anos demonstrando sua primeira incursão no Congo.**

Primeira filha de um jovem casal apaixonado, nasci sob os encantos de um momento especial – o ano de 1970. Nestes tempos vários acontecimentos importantes sacudiam a mundialidade e aqui, o apoio do verde e amarelo descia sob os olhos do Brasil, impelindo-o para a Copa do Mundo, realizada no México.

Da fazenda chamada Limeira, na Mata do Alvim - que tem esse nome porque na época era comum que as localidades recebessem os nomes dos donos das terras mais próximas - no caso a fazenda era de propriedade de Alvim Lemos -, minha mãe, Divina Maria de Oliveira Dias, saiu para dar à luz a pequena e forte Adriana de Oliveira Dias. A mata é uma das últimas áreas remanescentes da Mata Atlântica na região; fica cerca de 13 quilômetros de Passos-MG.

Tão forte nasci, com quase três quilos. Dizem a meu respeito ter sido um bebê lindo, mas não existem fotos para confirmar, pois meus pais eram bastante humildes e não dispunham de recursos financeiros para fotografias, fato é, que na primeira tenho três anos. Como primogênita vim ao mundo para conquistar espaços, claro, sempre com muita dificuldade, enfrentando diversos obstáculos.

O primeiro foi devido a uma promessa feita por minha mãe: se eu fosse uma criança perfeita – em 1970 os recursos da medicina ainda eram precários e não havia ultrassonografia, pelo menos acessível aos mais pobres -, ela me batizaria no primeiro domingo. Como nasci numa quinta-feira, às 10h da manhã, fui levada à Igreja de Santo Antônio, que hoje não existe mais. Na volta à Santa Casa de Misericórdia de Passos, não pude ficar no berçário com os outros bebês, mas tive que ficar com minha mãe, que havia feito cesariana e, naquela época, exigia vários dias no hospital. Minha mãe e eu ficamos 10 dias internadas. Foi um ciúme só, por parte das outras mães.

Criou assim uma forte e intensa relação entre minha mãe e eu. Passamos a ser unidas, como nos nove meses em que estivemos juntas: eu dentro dela e é assim até hoje. Minha mãe, guerreira por natureza e Divina como meus avós preconizaram ao dar-lhe este nome, sempre foi meu esteio, minha luz, meu guia, meu escudo e minha força. Em todos os obstáculos pelos quais eu passei e ainda passo, ela sempre esteve ao meu lado.

Fui uma criança medrosa. Tinha medo de tudo. As minhas primeiras memórias (eu deveria ter uns quatro ou cinco anos) são lembranças de choro e medo. Eu conseguia ter medo de ter medo. E aí me vem à mente, ao escrever este texto, a voz sempre firme e doce de minha orientadora-guru-mãe-amiga-mestra, a professora doutora Eliana Amábile Dancini, com Edgar Morin e o livro “Meus Demônios”. Em várias aulas, tanto da disciplina Antropologia Contemporânea: Desafios e Contribuições, Representações, Imaginário, Ecologia e Cotidiano

do Trabalho, quanto das orientações, ela sempre dizia que temos de aprender a lidar com nossos demônios, trabalhar com eles e resolvê-los. Hoje este problema é conhecido e estudado pela medicina como “pânico”. Não consigo entender de onde vinha esse medo, mas sei, era algo assustador e me deixava em frangalhos. Mas, minha mãe sempre esteve presente para me acalantar.

Recordo com clareza alguns fatos como a chegada de Companhias de Reis na fazenda que me apavoravam. As folias de Reis me pareciam a cada dia piores, pois tinham palhaços com suas caras encobertas por máscaras horríveis. Eu sempre chorava. As máscaras eram por certo os demônios, cujas imagens me acompanharam por longos anos.

Hoje tenho muito claro, por estar mais amadurecida pela vida e pelo conhecimento acadêmico, da razão do meu medo: medo do desconhecido. As máscaras ao mesmo tempo me atraíam, pois eu não deixava, mesmo de longe de olhá-las, mas também me amedrontavam porque não tinha noção do que poderia estar por baixo daquilo.

Quando ouvia os batuques, desatava a chorar. Sem contar as vezes as quais subia em alguma árvore para não ver aquelas pessoas mascaradas. Creio ter a noção de ser gente, ali debaixo das máscaras. No meu íntimo poderia imaginar qualquer coisa, menos pessoas dançando.

As teclas do computador parecem não querer escrever sobre isso, mas como diz Morin em ‘Meus Demônios’, “exige-me que não dissimule a subjetividade nos meus escritos, que não me arvore em proprietário da verdade objetiva, que deixe que o leitor me veja, incluindo as fraquezas e mesquinhas, mesmo correndo o risco de dar aos meus adversários motivos para me ridicularizarem”.

Na época, não gostava de quando alguém ria do meu medo e do meu choro. Ainda hoje é difícil falar, mas aprendi a conviver com isso e por incrível que pareça, como dizia a Profa. Dra. Helen Barbosa Raiz Engler, do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – UNESP - disciplina Seminário da Dissertação, em aula “não é o pesquisador que escolhe o tema, mas sim o tema que nos escolhe”, fui escolhida justamente pelo tema: Congada, manifestação cultural realizada pelos mesmos dançantes da Folia de Reis (aqueles mascarados que amedrontaram minha infância).

Entre as casas onde morava e a de meus avós tinha uma plantação de café. Aquele era o lugar ideal para minha imaginação aflorar e pensar em mil coisas. Tinha um medo enorme do cafezal. Um primo muito malvado, também criança, da mesma idade que eu, sabia dos meus medos e me dizia: “Adriana, olhe o cafezinho”. Isto de preferência ao cair da tarde, quando a penumbra deixava mais a desejar o que poderia haver naquele lugar. Claro que não

havia nada, mas para imaginação fértil e medrosa, tinha de tudo.

A Adriana, chorona, chorava e chorava. Todos já sabiam, quando ouviam um choro (e éramos várias crianças na mesma fazenda) só poderia ser a Adriana. Era a minha forma de tentar explicar que eu estava com medo, mas ninguém me entendia. Até hoje ninguém entende e confesso que nem eu.

Mesmo com toda a choradeira, que era um elemento de articulação, tive uma infância feliz. Era cercada de carinho e de pessoas que gostavam de festas, de comer bem, de se divertir, do jeito que se diverte em roça, mas era prazeroso. As melhores recordações das festas são os chás de alfavaca com biscoito e bolo de fubá da Dona Fia, já falecida. Na casa dela, as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro, eram as mais famosas da colônia.

A religiosidade sempre esteve muito forte e presente em toda minha infância, adolescência e vida adulta. E a religiosidade é também presente na cultura popular, especialmente nesta época, por volta de 1977. As pessoas voltam seus pensamentos ao Divino, pois precisam de um mínimo de certeza, neste mundo cheio de incertezas. E foi exatamente este o tema que veio a ser pano de fundo do meu projeto de pesquisa do Mestrado.

Nós íamos sob a luz da lua, pois a fazenda, nesta época, não contava com energia elétrica. Eu, para variar, tinha medo de sapo, de fantasma, de monstros, então me colava à minha mãe e ficava olhando para os lados, quando não fechava os olhos. Com os desdobramentos da modernidade, vieram as cidades dizimando parte dos 'medos' do escuro de muita gente. Mas acabou também com a fértil imaginação, uma pena.

Bom, do meu pai, tenho poucas lembranças, mas ele foi fundamental para a formação da minha identidade. Sei que era carinhoso comigo e me ajudava muito com trabalhos escolares. Fui até campeã na primeira série do ensino fundamental - na época, era feito em sala multiseriada na roça -, trabalho este orientado pela professora Márcia Feliciano Silveira. Venci vários trabalhos artesanais de toda a rede municipal, com a ajuda dele, José Luciano Dias.

Meu pai era pescador profissional e carpinteiro e às vezes eu ia pescar com ele, de canoa. Em uma dessas pescarias ele me ajudou a montar um arranjo natural com folhas e flores secas. Usamos como base para o arranjo uma casca de coqueiro seca. Ficou belíssimo e venci o concurso entre todas as escolas da zona rural e da cidade. Só tenho isso em minha memória, pois fotos, não existem.

Claro que a vida não foi só choros, nem só flores. Contei com alguns obstáculos. Um dos primeiros que passei foi quando, aos nove anos, já morando em Passos, meu pai resolveu fazer um novo 'arranjo' familiar e ir morar com uma amante. Aí as aulas do Prof. Dr. Mário

José Filho foram primorosas para trazer à tona um outro 'demônio' – minha relação ou não-relação com meu pai.

Minha mãe, uma mulher guerreira, como muitas outras brasileiras, cuidou de mim e de meus dois irmãos: Dener, então com seis anos e Cristina com um ano e oito meses. Sempre com muita bravura e decência, mas infelizmente teve que dar uma 'distribuída nos filhos'. Eu fui trabalhar em casa de família como babá com pouco mais de 10 anos – onde aprendi muita coisa boa com a dona da casa, a professora Léa Bogleux de Andrade Hadad, que muito me incentivou a estudar. Primeiro incentivo acadêmico de minha vida.

Meu irmão ficava num semi-internato e minha irmãzinha ficava na casa de uma tia, a Ti Lú, viúva e mãe de duas meninas, Eliana e Sandra. Tudo isso para que nossa mãe pudesse trabalhar, também em casa de família como empregada doméstica.

Em meio a várias crises de amigdalite, das quais até hoje tenho seqüelas, fui crescendo magrela e dentuça. Eu tinha um grande problema na formação da arcada dentária, o que me rendeu, graças à maldade humana, vários apelidos, como dentinho, Mônica, escavadeira e tantos outros, superados, também por força da minha postura de nunca deixar que nada me atrapalhasse e muito pelo esforço honroso de minha mãe. Ela batalhou e conseguiu, quando ainda nem era moda, que eu colocasse aparelho nos dentes. Fui a terceira cliente deste tipo de intervenção em Passos, como paciente do Dr. Edivar Batista Andrade.

A minha infância, no que diz respeito ao lazer, foi muito feliz, pois meus avós maternos, Benedito Barbosa de Oliveira e Sebastiana Maria de Jesus, continuaram morando na fazenda Limeira, onde eram colonos, e nós, cerca de 15 meninos e meninas, quase todos primos, brincávamos de muitas coisas divertidas e algumas perigosas. Pulávamos de cipó na mata, fazíamos pique-nique de verdade sem que nenhum adulto soubesse onde estávamos. Mas claro que nesta época não havia tanto perigo como tem nos dias de hoje. Andávamos a cavalo sem os equipamentos, porque meu avô Benedito, o vô Dito – homem das melhores qualidades e inesquecível -, sempre dizia que os cavalos estavam cansados. Então 'roubávamos' o cavalo ali no pasto e segurávamos na crina para não cair. Às vezes até caíamos.

Todos os finais de semana, até eu completar 15 anos, minha infância foi divertida e em Limeira, porque íamos passar sábados e domingos com meus avós. As idas e vindas eram feitas de ônibus ou de caminhão leiteiro. Isso dependia - e hoje eu entendo -, das condições financeiras da minha mãe no dia de ir ou de voltar. Na volta eu me lembro que minha mãe trazia sacolas cheias de frutas, legumes, frango, tudo o que tinha em fartura na roça. Lá na fazenda, nossas mães, creio, nem se lembravam de que tinham filhos porque sumíamos e só

voltávamos no final da tarde, depois de ter feito bastante arte. Às vezes nem voltávamos para comer. Satisfazíamos-nos com frutas da estação, como manga, goiaba. Tomávamos leite no curral, garapa de cana. Nesta época, seguíamos o tempo e o ritmo da natureza. A naturalização da cultura não era por divisão, mas sim linear, seguindo o tempo cíclico daqueles e daquilo que vivem. Hoje temos todas as frutas já apanhadas, prontas para serem adquiridas nos supermercados, e todos os produtos parecem ter o sabor igual um do outro. Vemos o homem do século XXI se deixar engolir pelo tempo do trabalho, pelo lucro, deixando de lado as coisas boas e saborosas da vida.

Ah! E tinha o Pomar da Vita, um lugar fantástico com goiabeiras que produziam frutos dignos de exportação. Era uma época de solidariedade. Ali nos fartávamos. E não posso me esquecer de compartilhar de uma divertida brincadeira: nadar no Clube da Xandoca. Era um pequeno riacho ou córrego com uma bica de água onde passávamos tardes nos molhando, pois era impossível nadar em tão pouca água.

Quando queríamos nadar de verdade, íamos à lagoa, mas era muito funda e portanto perigosa. Entretanto, foi neste lugar que aprendi a dar minhas braçadas e a mergulhar. Quando nadávamos na lagoa, podíamos esperar que viria bronca e das grossas.

Foi assim que minha relação com a natureza nasceu: naturalmente. Por isso a disciplina cursada com a orientadora Eliana Amábile Dancini e a escolha dela para me orientar não foi por acaso. Como a doutora é mestre no conhecimento da natureza, do bio, do cosmo, do planeta, natural que tenha havido uma química, uma sinergia, que tenha nos unido, ou talvez uma física e por que não uma física quântica?

Minha mãe nunca me bateu, mas meu irmão apanhava de um primo, o Isaías. Ah! esse primo era alvo da ira dos pais. Afinal, filho único, tudo sobrava para ele. Fazíamos muita aventura e ele sempre apanhava. Um dia nós pintamos o corpo dele (Isaías) com caldo de amora e pedimos que se deitasse sobre as raízes expostas da velha amoreira. Ele fez como pedimos. Subimos todos, eu, Sandra, Eliana, Dener, Edson, Eduardo, Valdir, Gilson e começamos a gritar que o Isaías havia caído e se machucado. A mãe dele, tia Irene, veio e viu-o todo 'ensangüentado' e achou que ele havia se machucado muito. Ficou apavorada, mas quando descobriu que era brincadeira, o pobre menino, com uns nove anos na época, apanhou de sandálias Havaianas que deixaram a marca em suas costas. Havaianas também educam, ou agridem.

Bom, com esta infância feliz fui crescendo e estudando. Gostava de descobrir coisas novas do mundo, mas devido à questão financeira, que não ajudava muito, estudei em escolas estaduais que não tinham muitos recursos, mas eu aproveitava o máximo que podia aprender.

Eu gostava muito de romances. Essas leituras me ajudaram muito na escolha da minha profissão. Como minha mãe só havia cursado até a quarta série do ensino fundamental, ela não tinha muita experiência para me ajudar, mas sempre dizia que era importante que eu estudasse. Sempre me considerei uma pessoa com inteligência mediana, mas com uma força de vontade para aprender ao que me proponho - esta sim está acima da média. E foi com esta força de vontade e ajuda de algumas pessoas que foram 'chaves' para minha carreira acadêmica, que fui traçando uma trajetória tanto pessoal como profissional.

Morin diz em seu livro "Meus demônios" que é impossível dissociar o pesquisador do homem. Faço dele minhas palavras, não consigo dizer qual é a Adriana profissional e a Adriana pessoa.

E minha carreira profissional teve início aproximadamente aos 10 anos. Foi quando comecei a trabalhar como babá, como já contei. Depois, fui repositora de materiais de supermercados, promovida à caixa aos 15 anos. Trabalhei como balconista em lojas de calçados, de roupas e de utensílios domésticos. E estudava.

Minha mãe tem o nome que merece: Divina. E por ser divina e batalhadora conseguiu emprego num colégio particular, o Colégio Imaculada Conceição, onde muitos sonham estudar. Ela começou como servente e saiu, 14 anos depois, como dona de cantina. A trajetória profissional de minha mãe foi importante e decisória para a minha. Pude cursar Contabilidade ao invés de fazer o ensino médio. A nossa perspectiva era de estudar para conseguir um bom emprego a curto prazo ou até mesmo na própria escola.

Foi o que ocorreu, pois uma daquelas pessoas iluminadas, com nome e sobrenome: madre Renata Rovay, disse que eu tinha potencial para cursar uma faculdade. Que era para eu prestar vestibular. Isto para mim era um sonho. Eu, prestando vestibular? Novamente alguém ajudando a construir minha identidade, minha dignidade e a auto-estima.

Como a perspectiva era trabalhar, eu não havia sequer pensado em qual seria a minha profissão favorita. Se não fosse num escritório, decidiram por mim, que eu faria Odontologia. Prestei o vestibular e, claro, não passei, pois fui prestar na EFOA (Escola Federal de Odontologia de Alfenas), uma das faculdades mais concorridas do país e eu não tinha a mínima bagagem para ser aprovada.

Mas valeu, pois fiz cursinho naquela cidade durante um ano - a propósito, o melhor ano do resto da minha vida (as minhas férias na terra das grandes e boas descobertas, afinal foi o único ano em que não trabalhei) -, e durante este tempo descobri que não poderia ser outra coisa senão jornalista. Quatro anos depois: sonho realizado. Formei-me pela UNAERP (Universidade de Ribeirão Preto).

Durante o curso, alguns professores, como Elivanete Zupolini Barbi e Coriolano José Neves, diziam que eu tinha o dom de ensinar e que deveria seguir carreira acadêmica, mas eu queria trabalhar em redação de jornal impresso. Fiz carreira sim, pois trabalhei em vários jornais como os de Ribeirão Preto: Enfim, Folha de São Paulo, assessoria de imprensa do Sindicato da Saúde, JornalCana e em Passos, no jornal Folha da Manhã. Todos me serviram como escola e pude colocar em prática tudo o que aprendi na faculdade.

Durante todo o curso trabalhei muito. Fui balconista de loja, contato comercial de rádio, do Sistema Clube de Comunicação – uma escola a parte. Aprendi muito sobre o mundo do marketing com José Roberto Vilela e Máximo. Foi importante para meu crescimento profissional, pois aprendi a lidar com grandes empresários ribeirãopretanos.

Voltando ao medo, não faz muito tempo que o perdi. Aconteceu quando eu já estava com 26 anos e, acreditem ou não, eu prefiro acreditar, pois deu certo, fiz um pedido para meu avô Benedito – que morreu com 80 anos. Pedi-lhe que levasse meu medo para onde ele fosse. Foi uma ruptura com o desconhecido.

O fato de ter tido um pai que abandonou a família acarretou-me grandes problemas com relação aos meus próprios relacionamentos. Nunca fui de entregar-me completamente a nenhum romance. Sempre ficava com os dois pés atrás. Meus namoros não passavam de meses. Tinha um receio terrível de que algum dos possíveis namorados pudesse querer me impedir de estudar, mas foi justamente com um colega de faculdade que eu me envolvi e tive meu maior e mais duradouro romance.

Meu melhor amigo de classe, Romilson de Castro Madeira, foi o homem com quem, depois de muitos atropelos, resolvi ter filhos e me casar. Sim, exatamente nesta mesma ordem. Começamos o namoro alguns dias depois da formatura da faculdade. Tínhamos já uma bela amizade, que eu cheguei a preconizar não passaríamos de ‘bons amigos’. Mas passamos. Temos dois filhos maravilhosos, frutos do nosso relacionamento, que já dura 11 anos. Publicitário e jornalista, meu marido seguiu a carreira acadêmica e, de certa forma, me incentivou a fazer mestrado. Claro que primeiro cuidei dos filhos até que não fossem mais tão bebês para que eu pudesse deixá-los e me embrenhar na louca correria que é a de pesquisador.

Bom, a carreira de magistério para mim nasceu dentro da redação do jornal Folha da Manhã, em Passos-MG. A coordenadora de projetos da Fesp (Fundação de Ensino Superior de Passos), durante uma entrevista por telefone me disse que iria montar o curso de Jornalismo e que eu deveria enviar meu curriculum. Feito. Enviei e participei de todo o processo para a preparação do curso. Nessa época foi aberta a faculdade de Moda na mesma instituição de ensino e meu marido Romilson foi convidado para dar a disciplina

Comunicação na Moda. Meses depois ele teve que se desligar da faculdade e me indicou, meu nome foi aceito, então comecei a dar aulas no curso de Moda. No ano seguinte surgiu uma vaga na faculdade de Guaxupé, no curso de Publicidade e Propaganda.

Com relação ao tema para o mestrado, como dizia a professora Helen, “é o tema que nos escolhe”. Em 2000, já morando outra vez em Passos-MG, depois de longos anos em Ribeirão Preto-SP, tive a oportunidade de reencontrar a Congada (manifestação cultural) e 'brotou' a necessidade de voltar a estudar.

E tudo começou com a congada porque nos mudamos para uma casa, na Rua Caiapós, vizinha do endereço do Terno de Congo da Coroa de São Benedito (Tijolinho). Fui praticamente "obrigada" a conviver com a manifestação, uma vez que meu filho, na época com dois anos (hoje tem oito anos), se apaixonou pela festa e quis participar. Desde os quatro meses de vida, ele, Andoni Gabriel de Oliveira Madeira, gosta de bater latas e fazer "batuque". A oportunidade de participar das Congadas lhe caiu como 'uma luva' e eu deixei, fazendo-me acompanhar a quase todas as saídas do Terno de Congo nos últimos anos.

A partir desta convivência delineou-se, para mim, a necessidade de estudar mais intensamente sobre as suas origens e, principalmente como toda esta bela dinâmica cultural se mantém viva nos dias de hoje. Propus-me a fazer uma análise de como uma riqueza de outro povo veio e aqui ficou. Claro que com várias transformações, mas que consegue resistir (permanecer) até hoje.

Então, procurei ajuda na Unesp de Franca para fazer o curso de mestrado. Tinha pensado em História. Quem me levou de carro, pois era a primeira vez que ia a Franca, foi Isaías, aquele que apanhava por tudo, com sandálias havaianas. Nós procuramos o professor Ivan Aparecido Manoel – o homem que só tem nome próprio no nome. Ele nos atendeu muito bem, disse que meu projeto era ótimo, mas que só teria vaga para o processo seletivo em 2005. Eu estava ansiosa demais para esperar cinco anos. Então Ivan me disse que a Unesp estava contratando uma antropóloga, a professora doutora Eliana Amábile Dancini e que meu projeto daria certo com sua linha de pesquisa, mas que dependeria do meu desempenho para passar pelo processo seletivo.

Eu a procurei e disse-lhe que me propunha a estudar o que fosse necessário para passar nas provas. Porém, o curso ao qual a professora foi vinculada era o de Serviço Social e não de História. Então tive que repensar a proposta do trabalho de um curso para o outro. Não vi problemas: o Serviço Social trabalha com as questões sociais e os ternos de Congo são representantes legítimos de questões como de gênero, de raça, de marginalização, todos intimamente ligadas ao Serviço Social.

Debrucei-me sobre livros, sobre teorias de que nunca tinha ouvido falar, fiz várias discussões para entender o processo todo. Estudei espanhol. Fui aluna especial. Li uma vasta bibliografia indicada pela professora e nisto, o tempo foi passando. Acabei burlando minha ansiedade com leituras e em 2005 ingressei no programa de Pós-graduação da Unesp, em Serviço Social, com Eliana Amábile Dancini, minha orientadora. Consegui convencer a todos de que meu esforço não seria em vão. Outro obstáculo vencido.

Fiz todas as disciplinas com muita dificuldade, afinal viajar toda semana para Franca e sem deixar de trabalhar não foi uma tarefa fácil. Tive muita ajuda, como a da historiadora Cíntia Rosa Oliveira, que me acolheu por um semestre todas as terças-feiras para dormir em sua casa (agradeço também às colegas de república de Cíntia).

Não poderia deixar de me lembrar das amigas do carro. Viagens engraçadas, viagens filosóficas. Viagens tristes, jamais. A aula inaugural com a palestra de Carmelita Yasbeck foi fundamental para a união das outras cinco amigas do carro, as passenses: Camilla Silva Machado, Thabata Lemos Lavoura, Carla Alessandra Pimenta Caixeta e Sandra Eliane Silva e eu claro. Estudamos juntas, contamos nossas vidas, nossas angústias, porque vai ter angústia assim lá longe, quando se está no mestrado.

Foram viagens que ensinaram a mudar muitas coisas importantes em minha vida, conversas que colaboraram para o meu crescimento pessoal e profissional. Dizia ao final do ano que já quase era uma Assistente Social, de tanto ouvir as histórias e vivências da profissão. Somente eu e Camilla não éramos assistentes. Eu jornalista e Camilla advogada. Era o verdadeiro carro da transdisciplinaridade.

Outras amigas importantes foram Tânia Aguila Silveira (psicóloga) e Adriana Regina de Almeida (assistente social), acho que posso nos nominar como “quarteto fantástico”. As quatro orientandas da Eliana. Conseguimos publicar vários artigos juntas e estudamos muito em parceria. Um desses artigos fez com que eu pudesse participar do 2º Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, que aconteceu em Vitória-ES em setembro de 2005. Foi uma experiência enriquecedora. Só me entristeceu o fato de ter sido divulgada a presença de Edgar Morin e ele não ter podido vir da França para o evento, por motivos de saúde de sua esposa.

A participação no congresso foi tão interessante, afinal de contas eu era a única pós-graduanda do mestrado no evento. Os outros cerca de 300 participantes eram doutores e pós-doutores de vários países compartilhando suas experiências e eu pude estar lá, para passar a nossa experiência da Unesp de Franca e sorver todas as informações possíveis. Foram dias maravilhosos e inesquecíveis.

Com todas as participações em seminários, congressos, semanas de Serviço Social e

artigos publicados, tive a felicidade de ser beneficiada com a bolsa do Programa de Demanda Social – DS, com acompanhamento e avaliação coordenado pela CAPES – ingressante em maio de 2006. Além de dar mais oportunidade de poder desenvolver a pesquisa com mais tranquilidade, a bolsa possibilita reforçar a auto-estima e ver que meu esforço tem sido valorizado. Ainda redigindo esse material soube que fui contemplada com outra bolsa. Desta vez foi a agência de fomento Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais) quem me concedeu a bolsa por intermédio da Fesp (Fundação de Ensino Superior de Passos), onde sou docente.

Entretanto, nada disso seria possível se não fosse a fiel escudeira Maria Luzia Cardoso Silva, que soube cuidar com carinho, presteza e dedicação dos meus filhos. Eu sempre saí de casa para estudar tendo a certeza de que com ela em casa tudo daria certo. Posso afirmar: ela foi mãe dos meus filhos nas horas em que eu não pude estar presente.

Bem, agora o próximo passo está aí para ser dado e quem pode me ajudar na caminhada são os senhores professores desta banca. Obrigada.

## **PROSA POÉTICA**

Escrevo hoje para o vento, para as folhas, para os verdes e flores que estão à minha volta. Tudo é extraordinariamente desarranjado, sem o cuidado das simetrias, do ordenadamente separado. Um conjunto, que é quase convulsão, oferece aos olhos que observa, um trançado de folhas talhadas pelo vivido. O misturado, ao sabor do que o crescimento permite, traz um encanto singular. À minha volta, tudo o que foi plantado com a lógica do separado, de uma idéia, uma performance, deságua-se e torna formas libertinas às intenções dos progressistas. Uma brisa leve ensaiaria um balé de folhas sem a preocupação da distonia dos passos. Mesmo sonoras, dialetos próprios, o silêncio parece a natureza do momento. Viva entre vivos, minha alma parece mergulhada em profundo não dizer. É um silêncio que emudece o silêncio; grita desordenado um turbilhão de dialetos, sob uma aparência exageradamente calma, tranquila como a dor que dilacera. O desalento, a tristeza que agora se apodera do meu corpo, dos meus sentidos, da minha cabeça desafina da vida que insiste em se mostrar viva. Meus olhos olham a beleza, a vida e o desalento; demoram fixos em um ponto qualquer. Com grande esforço deixa por um instante de ser vago. Parecem olhar, mas só recair sobre um ponto ou outro. O jardim resplandece em beleza e vida, eu sou quase morte e só. Consigo ver a vida e seus matizes de encantos, consigo ouvir suas falas, os sons destoantes das batidas do meu coração e, no entanto, pareço fora de tudo isso. Pareço zumbi em meio à clara e contundente vida que se manifesta.

Eliana Amábile Dancini, 09 de maio de 2008.



**Eliana lê, estuda, busca, procura e o gato espreita, sem entender nada...**



**...e em alguns momentos até nós mesmas. Como é árdua e doce a ciência.**



**Eliana e Adriana: será que vão recriar a origem do mundo?**



**Ericléa: “pode revisar, pode formatar nos padrões Unesp, mas caladinha”**



**Ricardo também fez a sua parte, transpôs nossas idéias em tela**

## **APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS (BÁSICO)**

### **I IDENTIFICAÇÃO**

#### **A. Quanto à residência – trajetória**

1. Há quanto tempo mora neste bairro? Já morou em outro lugar da cidade ou da região de Passos? Neste caso, por que veio para o bairro?
2. Onde nasceu? Em que lugar já viveu? Qual sua idade, estado civil?
3. Sua família mora em Passos também? No mesmo bairro? Tem filhos?
4. A casa onde mora é alugada? Quantas pessoas moram na casa? São seus parentes? Todos trabalham? Em quê?

### **II PRODUÇÃO/ REPRODUÇÃO**

1. Você trabalha atualmente? Em quê? Faz serviço há muito tempo? Já fez outros? Quais?
2. Além desse serviço você tem outra atividade? Qual? (Descrição).
3. Quais as suas obrigações dentro do trabalho? Quem determina, no trabalho, as suas obrigações? Poderia ser diferente?
4. Os direitos que você tem no trabalho e fora dele podem ser tirados? Quais são eles? Quem pode tirar?
5. Como é seu dia? (Dentro e fora do trabalho).
6. Com quantos anos você começou a trabalhar?
7. Depois que a Usina Açucareira Passos começou a funcionar na região, a cidade mudou muito? Em quê? Quais as vantagens e desvantagens de ter Usina na região?
8. Na época da safra a cidade muda muito? Em quê? Estas mudanças são boas ou ruins para a cidade, para as pessoas? Em quê?
9. Antigamente a região não plantava e não vivia praticamente da cana. Qual a diferença daquele tempo com esse?
10. Pelo que sei, a senhor cumpre uma missão, tem um dom especial na parte espiritual. Como (caso de videntes, mãe-de-santo, para-normais) explica essa parte da vida do senhor?
11. Nessa parte espiritual, qual o dom que o senhor tem? Considera que veio ao mundo com uma missão? Por quê? Quem determina isso?

12. O senhor acredita em destino? Como é isso para o senhor? Tudo que a pessoa vai passar na vida já está escrito, determinado desde que ela nasce?
13. Se isso é verdade, o que as pessoas deveriam fazer? É preciso cada um saber do seu destino, da sua missão na terra?
14. O senhor acredita em vida após a morte do corpo físico? Acredita que eles se comunicam conosco. Como? Por intermédio de alguma pessoa, por meio de sinais? Como interpretar esses sinais?
15. O senhor acredita em presságio, premonição? Em que situações? Já aconteceu com o senhor?
16. O que é sonho para o senhor? O que acontece com as pessoas quando estão dormindo?
17. Às vezes a pessoa sonha coisas esquisitas, aparentemente sem pé nem cabeça. Por quê? Tem algum significado? Quando isso acontece o que as pessoas deveriam fazer?
18. Às vezes tem pessoas e lugares que a gente nunca viu, mas parecem conhecidos. Como se explica isso? O que se deve fazer quando isso ocorre?
19. O senhor acredita em anjo-da-guarda? Como ele se manifesta? Como as pessoas devem fazer para conhecer o seu anjo-da-guarda? Quando acontece alguma coisa de mal para a pessoa por que o anjo-da-guarda não protegeu? Por quê?
20. O que é a morte para o senhor? Como a gente deve lidar com ela? É possível a pessoa enganar a morte? Tem vida no mundo dos mortos?
21. Existe mundo dos mortos? É diferente do nosso? Como ele é em sua opinião? Tem gente que tem o dom de ir, viajar pelo mundo dos mortos e voltar para o mundo dos vivos?
22. Há alguma comunicação entre os dois mundos? Como é? Tem algum lugar onde se pode dizer que os dois mundos se comunicam?
23. Há espíritos do mal e do bem? Onde eles ficam? Eles interferem, influenciam na vida dos vivos? Como? Como a gente sabe que algum espírito está interferindo na nossa vida? Quais são os sinais?
24. Há algum lugar do bairro, ou por perto que o povo comenta que aparecem ou se manifestam espíritos? Como isso acontece? O senhor já teve oportunidade de ver, ouvir ou sentir alguma coisa nesses lugares?
25. Tem algum lugar do bairro que as pessoas têm medo de ir ou passar? Por quê?

26. E na roça, tem algum lugar que as pessoas dizem que é mal assombrado? O que acontece lá? Por que esse lugar ficou assim?
27. As pessoas dizem que nos lugares onde morreu alguém de forma violenta, ficam mal-assombrados. O que o senhor acha disso? Tem algum lugar aqui no bairro, ou na roça que o povo diz que isso acontece?
28. Em sua opinião há lugares que são sagrados? Para ir ou passar por esses lugares o que as pessoas devem fazer? O que acontece com a pessoa que não respeita esses lugares, ou que não sabe que esses lugares são sagrados?
29. Até onde o senhor sabe, os espíritos, os seres de outro mundo aparecem, ou se comunicam com os vivos mais durante a noite ou durante o dia? Por quê?
30. Tem muita gente que diz que a meia-noite é uma hora perigosa. Por quê?
31. Dizem que há dias da semana, do mês e do ano, que são diferentes dos outros. São épocas que coisas mais estranhas acontecem. Por quê? O que o senhor sabe sobre isso?
32. Se a gente quer rezar, pedir alguma coisa para nós vivos, tem alguma hora melhor, algum dia? Tem reza certa para cada tipo de coisa que se quer, ou se pede?
33. O senhor conhece alguma simpatia, alguma reza que considera infalível? (Descrição).
34. O senhor acredita em mau-olhado? Tem gente que tem olho ruim? Conhece algum caso? (Descrever).
35. O senhor acredita em sorte? Há pessoas que têm mais sorte do que outras? Por quê? Em sua opinião essa pessoa tem parte com Deus ou com o demônio? O que é preciso fazer para ter sorte? Tem alguma coisa, planta, animal, que dá sorte?
36. Tem alguma planta, animal, coisa, que é sinal de coisa ruim? De mau agouro? Quais não se deve ter em casa?
37. Há pessoas que dizem que a coruja, por exemplo, é ave de mau agouro? Por quê?
38. Há pessoas que dizem que certos animais e crianças têm o poder de ver as coisas. O que você acha disso? Conhece algum caso na família ou aqui no bairro?
39. Há quem diga que certos casos de doenças, principalmente da cabeça, é sina. O que o senhor acha disso? Conhece algum caso que o pessoal do bairro comenta?
40. Em sua opinião, as pessoas viciadas em bebida ou em drogas é doença, fraqueza de idéia, coisa feita, influência de coisa ruim? Conhece algum caso aqui no bairro? Como a pessoa pode se livrar desse mal? É coisa do destino? É possível mudar o destino das pessoas? Por quê?

41. Há pessoas aqui no bairro que tudo que elas pedem, toda reza que elas fazem é atendida, dá resultado? As pessoas do bairro recorrem a ela? Em sua opinião por que isso acontece? O que elas têm mais que as outras? A gente pode adquirir esse dom? Como? Isso se aprende ou nasce com? Por que alguns têm e outros não?
42. O senhor tem algum santo ou imagem de devoção? Qual? O que ela significa para o senhor? Qual é a história dessa imagem? O senhor coloca em que lugar da casa? Por quê? Não pode colocar em qualquer lugar?
43. Na sua casa o senhor coloca as coisas (objetos, imagens, amuletos, retratos de santos, de pessoas vivas e mortas, plantas) em qualquer lugar? Por quê? Onde deve estar cada coisa?
44. No Congo tem o cajado. Qual é a função dele? Tem que ficar num lugar específico?
45. É verdade que se outra pessoa tirá-lo do lugar ele volta sozinho?
46. Como o senhor explica isso?
47. Na casa do senhor cada cômodo tem uma função? O que pode e o que não pode fazer em cada cômodo?
48. Quando há alguma coisa mais secreta, que nem todos podem saber ou ver, qual o lugar da casa que o senhor escolhe? Por quê?
49. Pode acender vela dentro de casa? Pode acender em qualquer lugar ou tem lugar mais indicado?
50. E para rezar terço, fazer novena pode ser também em qualquer lugar? Por quê?
51. Qual o lugar da casa que o senhor mais enfeita? Onde coloca o que o senhor tem de mais bonito? Por quê?
52. Os instrumentos do Congo têm que ficar todos num mesmo cômodo? Quem pode entrar neste cômodo?
53. Além dos instrumentos o que mais tem no local?
54. Antes de sair com os congadeiros é preciso rezar? O que reza?
55. Onde o senhor coloca o que tem mais válido em termos sentimentais? Por quê?
56. Onde recebe visitas?
57. As pessoas mais conhecidas, que o senhor tem maior intimidade, são recebidas nos mesmos lugares que visitas de primeiro conhecimento?
58. Inimigo, amigo, gente desconhecida, gente muito importante socialmente, gente rica, quem o senhor levaria para a cozinha, para o seu quarto? Por quê? Qual a diferença?
59. Que tipo de pessoa deixaria entrar no seu quarto? Por quê?
60. Onde são feitos ou comemorados casamentos, batizados, nascimentos? Por quê?

61. São os mesmos lugares de velar defunto? Por quê? Onde se lava e veste os defuntos?  
No mesmo lugar que se vela? Por quê?
62. Velório é lugar de festa? O que é lugar de festa e lugar de respeito? O que é motivo (data, ocasião) de festa e o que é motivo de respeito? Há dias na semana, no mês, no ano, na vida das pessoas que é motivo de festejos e outros não?
63. O que é sinal de festa em uma casa ou em qualquer outro lugar?
64. Há alguma data, alguma situação que é o contrário da festa? Qual? Quais os sinais de que não está acontecendo uma festa?
65. Numa cerimônia religiosa, num enterro, numa reza, numa novena pode haver também festa? As pessoas podem estar alegres? Pode colocar música? De que tipo? Pode contar piada? Pode falar mal dos outros? O que pode e o que não pode fazer?
66. O dia de finados é um dia de festa ou de tristeza?
67. Pode-se brincar com a morte? Por quê? O que é e quais as conseqüências de se brincar com a morte?
68. Há santos, espíritos do mal, demônios que às vezes agem como mortais? Tem alguma coisa que eles fazem que parece coisa de gente viva? Quais? Nas suas histórias eles viveram defeitos e virtudes de qualquer mortal? Que casos você conhece?
69. O senhor conhece a Reza para as Almas? Tem nome específico? Já viu ou já participou? Como é e para quê? (descrever gestos, cânticos – caminhos, objetos, significado). Aqui no bairro tem alguém que já participou; costuma-se fazer; é tradição de alguma família?
70. As histórias das vidas dos santos, demônios e de outras entidades contadas pelas igrejas, nos livros, são as mesmas contadas pelo povo? Há diferença? Quais?
71. As histórias contadas antigamente são as mesmas de hoje? O povo faz mudanças? Adapta para os tempos de agora? Exemplos.
72. De um lugar para o outro a história de um mesmo santo, demônio, ou de uma aparição sofre mudanças? Sabe de alguma história assim? Por que muda?
73. O povo diz que quem conta um conto aumenta um ponto. Com as histórias de coisas, entidades, seres sagrados, também é assim?
74. Qual o santo de maior devoção do pessoal daqui do bairro? Por quê? Qual a história dele?
75. De que, de qual entidade ou espírito as pessoas mais têm medo? Por quê? Qual a história dele? Tem alguém do bairro que já teve contato, já passou por alguma

experiência com essas entidades? O que elas contam? Trouxe atraso de vida para elas ou o contrário?

76. Em sua opinião, quem faz pacto com o demônio, tem parte com ele ou com algum espírito ruim, sobe na vida? Por quê?
77. Conhece no bairro alguém que o povo diz que tem parte com o demônio, trabalha com ele, vendeu a alma a ele? O que acha disso?
78. E o contrário, tem gente que é abençoada por Deus? Alguém está sob a proteção Dele, é guiado por ele ou por um santo, ou espírito do bem?
79. Há algum sinal que indica quando a pessoa é guiada por um espírito do bem ou do mal?
80. Há espíritos, seres, entidades, deuses do mal e do bem ou depende da natureza da pessoa que trabalha com eles?
81. Há coisas, objetos, palavras, gestos, pensamentos, ações que chamam coisa ruim? Quais?
82. Tem também o contrário, o que chama coisas boas, positivas? Quais? O que se deve fazer para isso? Todo mundo sabe dessas coisas ou só pessoas especiais, aquelas que têm certo dom?
83. O senhor acredita em pensamento positivo? Já aconteceu algum fato em que o pensamento positivo ajudou? O que é fazer pensamento positivo? Isto vale só para coisas espirituais, de crença, de religião ou serve também para a vida do dia-a-dia, para o trabalho, por exemplo?
84. Tem gente que o senhor conhece que subiu na vida fazendo mal para os outros, chamando as forças, os poderes do mau? (Descrever).
85. Há lugares aqui no bairro que as pessoas não devem passar sem proteção?Quais? Por quê?
86. Quando a gente quer se proteger de alguma coisa ruim, má, o que se deve fazer?
87. O senhor já escutou algum barulho, ou viu alguma coisa que tem certeza que não é desse mundo? Quando isso acontece o que se deve fazer?
88. Quem não se protege ou porque não acredita ou porque não sabe ou quem debocha dessas coisas o que acontece? Sabe de algum caso contado pelo povo aqui do bairro? (Descrever)
89. Que tipo de pessoa pega coisa ruim, mau-olhado? O que elas devem fazer?

90. Tem gente que tudo na vida dá errado. Em sua opinião, por que isso acontece? O que elas deveriam fazer para isso não acontecer? Tem algum caso aqui no bairro que o senhor conhece?
91. O senhor já ouviu falar em vampiro? Tem alguma história que o povo conta aqui no bairro?
92. Muita gente nunca viu ou encontrou um vampiro, mas tem medo de vampiros. Por quê? Como explica isso? O que é vampiro?
93. Existe monstro? Todo mundo tem medo de monstro. Por quê? Tem alguma história de monstro que o povo aqui do bairro conta? (Descrever). O que é um monstro?
94. O senhor sabe de alguma história de aparição aqui no bairro? (Descrever). O que pensa disso? É sempre a mesma história que é contada ou cada um conta a sua versão? Por que isso ocorre?
95. No canavial ou nas estradas que dão acesso aos canaviais, há algum lugar que o povo diz que acontecem coisas estranhas, aparecem ou se escutam coisas? (Descrição).
96. Já ouviu falar de algum fato estranho que aconteceu nos últimos tempos no corte da cana?(Descrição).
97. O senhor trabalha em cemitério? Já ouviu falar de algum fato estranho que aconteceu?
98. O pessoal costuma rezar, fazer algum tipo de prece antes de começar a cortar cana? Qual? Por quê?
99. Tem reza forte para afastar espírito ruim? O senhor pode dizer? (Qual significado da simbologia).
100. Costuma haver benzeção do facão, missa ou outro tipo de cerimônia religiosa? (Descrição).
101. Nos altares que as pessoas têm dentro de casa, quais objetos sagrados são colocados? Tem alguma imagem de santo ou de alguma entidade forte? Qual? O que ela significa? Que outras coisas se devem colocar num altar? Por quê? Qual o significado? O que não pode ser colocado num altar? É sacrilégio? Por quê?
102. Nas capelinhas, cruzeiros que existem na beira das estradas, que tipo de coisas são colocadas? Qual o significado? Por que se erguem capelinhas e outros lugares de adoração?

103. Deus, demônios, espíritos, podem influenciar no trabalho das pessoas? Como? E na vida em família? Como? O que se pode fazer para viver em paz? Nos negócios, na diversão, também essas entidades podem influir? Como?
104. Existe festa santa? Quais? Por que são consideradas santas? Existe festa que não é santa? Quais? Por quê?
105. Qual a diferença entre a Festa de Reis, Congada, Moçambique e Carnaval? O que acontece em uma e em outra? As mesmas pessoas que fazem uma podem fazer a outra? Como as pessoas ficam em uma e na outra? O que diferencia o carnaval de outros tipos de festas?
106. Tem alguma cerimônia que só se faz na rua? (Descrição) Que tipo de cerimônia não pode ser feita na rua?
107. Há cerimônias religiosas, rezas, cultos, que não podem ser vistos por todo mundo? Que são reservados? Quem pode e quem não pode participar? Por quê?
108. Há cerimônias religiosas que crianças não podem participar? Por quê? Há lugares que crianças não podem ir? Por quê?
109. As pessoas que benzem, sabem fazer a reza, tem o dom da vidência, tem o dom da cura, sabem mexer com raiz, a maior parte é mulher. Por quê? Tem diferença entre homem e mulher?
110. Na parte da vidência dizem que as crianças, certos animais e pessoas com algum problema de cabeça têm mais condições. Por quê? Isso é verdade? Conhece algum caso aqui no bairro que o povo conta que o aconteceu? (Descrição)
111. Há lugares proibidos de ir aqui no bairro? Quais? Por quê? Quem pode ir? Por quê? Para ir nesses lugares o que precisa ter ou saber? Eu poderia ir?
112. As coisas que o senhor sabe todos sabem? Por quê? O que é necessário para aprender? Tem coisas que não tem jeito de aprender? Quem ensinou o senhor? Como o senhor ficou sabendo que tem esse dom? O que tem é um dom, um poder ou um saber? Sabe qual é a diferença?
113. Na parte da espiritualidade, da reza, do poder de cura, de benzeção, o que se pode aprender e o que já vem de nascimento? Como é a natureza de quem tem esse dom? É fácil conhecer quem tem certos poderes? Como?
114. O que acontece com aquelas pessoas que nascem com certo dom, poder de espiritualidade e não sabe? O senhor conhece gente assim?
115. Além dos objetos sagrados, tem coisa que o senhor guarda com cuidado porque tem muito significado para o senhor? O quê? Qual o significado? O senhor põe esse

objeto em qualquer lugar? Qualquer um pode ver e pegar? Quem não pode ver e pegar? Por quê?

116. Tem algum lugar da casa que o senhor prefere quando quer rezar? Tem algum lugar onde o senhor se sente melhor? Por quê?
117. Na hora de dormir, de levantar, costuma rezar? O senhor prepara o quarto antes de dormir ou cada um prepara o seu e vai dormir sozinho a hora que quiser? E antigamente como era? Qual a diferença?
118. Tem algum dia ou alguma comemoração ou celebração que se usa dançar? Que tipo de dança? Qual significado? Quem dança? Por quê?
119. Numa comemoração festiva tem lugar e papel (função) que são dos mais velhos, dos homens, das mulheres, das crianças, dos de fora da família e dos que fazem parte da família? É tudo misturado? Batizado, casamento, Festa de Reis, Congado, de Santo Antônio/ São João, etc?
120. Na família, quem sabe mais sobre as histórias dos antepassados? Quem conhece mais sobre remédio de raiz, remédio caseiro? Quem conhece, sabe rezar, tirar o terço, fazer benzeção? Quem é escolhido para ensinar, ou não se ensina, morre com a pessoa que sabe?
121. O senhor sabe se tem alguma ligação com os negros do Congo na África?
122. O que sabe sobre o Congo, o país?
123. O senhor costuma fazer alguma coisa para limpeza da casa de maus fluídos? Chama alguma pessoa especial para benzer a casa?
124. Qual o significado das cores para o senhor (o que representa cada cor)?
125. Por que a maioria das rezas, novenas, terços, trabalhos espirituais são feitos à noite? O que tem na noite que não tem no dia?
126. As pessoas costumam agradecer uma graça concedida? Como?
127. Quem são os responsáveis por guardar esses ensinamentos (da reza, da cura, dos malefícios, das benzeções) na família e na vila? Há aqui na vila alguma pessoa que quando se quer algum ensinamento nessa parte espiritual a gente possa recorrer?
128. Quais são os lugares mais conhecidos e respeitados pelas pessoas aqui do bairro? Por quê?
129. Há palavras, coisas, gestos que não se deve fazer, falar ou ter que chama coisa ruim? O quê? Por quê?
130. O que protege de mau-olhado? O que cura mau-olhado?

131. Quem reza, cuida e dá importância a essa parte espiritual da vida, vive melhor ou pior? Isso é importante? Por quê? Há pessoas que não ligam para essa parte? O que acontece com elas?
132. Santo combina com bar? Por que as pessoas colocam imagens de santos em bares?
133. Em sua opinião, por que certas pessoas são dependentes da bebida, são alcoólatras como se diz? O que leva uma pessoa ao alcoolismo?
134. O senhor acredita em destino, em sina? Acha que essas pessoas que bebem muito é porque têm sina?
135. Há pessoas que dizem que bar é coisa do capeta, que só se aprende coisa ruim. O que o senhor acha disso?
136. Conversa-se também sobre religião em um bar?
137. Os congadeiros passam nos bares durante as andanças pelas ruas da cidade. O que eles fazem? Param para beber pinga? O que o senhor acha disso?
138. Para colocar uma imagem, um objeto ou planta que dê sorte ou espante coisa ruim é preciso escolher o lugar certo? Por quê?
139. Há alguma parte da casa que é praticamente de responsabilidade e que a dona da casa praticamente manda? Por quê?
140. O que é a cozinha numa casa? Como o senhor usa o espaço da cozinha? É o senhor ou sua mulher que arruma? Onde coloca os utensílios, os mantimentos? O senhor tem uma forma de arrumar as coisas? Todo mundo pode mexer na sua arrumação? Por quê?
141. Na sua casa há hora e lugar certo para fazer as refeições? A família toda deve estar junta em alguma refeição? E antigamente como era?
142. Como no café, no almoço, no jantar, nos dias de semana, nos domingos, quando tem visita, quando tem alguma comemoração (dia importante), costuma preparar a mesa ou cada um pega o seu alimento no fogão e come onde quer?
143. O senhor costuma pendurar objetos nas paredes internas da casa? Que tipo de coisas?
144. Que lugar da casa as paredes são mais enfeitadas? Por quê? Significado das coisas.
145. Por que não se põe imagem de santo, fotografia de gente, flor na cozinha, no banheiro?
146. O senhor tem coisas, imagens, fotografias que mesmo quebradas ou rasgadas guarda? Por quê? (Se eu posso ver).

147. Tem alguma coisa na sua cozinha ou em outra parte da casa que para os outros não tem valor, mas que para o senhor é sagrado, não deixa qualquer um por a mão, brincar? Por quê?
148. Que dias o senhor e sua família guardam, comemoram? O que fazem nesse dias? Os mais novos e os mais velhos guardam e comemoram do mesmo jeito?
149. Nesses dias comem alguma coisa especial, se vestem diferente dos outros dias? (descrição – atentar para o cerimonial e para lugares da casa que são usados e re-significados). Em alguns desses dias o senhor arruma a casa diferente, faz alguma coisa especial, faz uma reza diferente, faz festa, usa objetos especiais para aquele dia, põe música (que tipo?), cantam?
150. O senhor gosta de ouvir música? Qual tipo? Música de festa é igual a música de celebração religiosa?
151. O que se canta em festa, se canta em cerimônia religiosa, em dias e rezas para defunto, por exemplo? Por quê? E nos dias normais, comuns, o que se canta, ouve, dança?
152. O senhor sabe o que é um ritual? Quando se faz um ritual? (descrever). O que se faz (comportamentos, gestos), o que se usa, o que se fala, o que dança, que objetos são usados e qual o significado; quem participa; quem comanda e o que representam; o que pode fazer e o que não pode? Onde não pode tocar (por a mão); que lugares são de celebração e se há cantos, espaços que as pessoas não podem ir ou pisar (espaços interditos).
153. Além das obrigações/afazeres que tem em casa e no trabalho fora, o senhor tem outros na parte espiritual? Quais? Em que horas faz ou cumpre essas obrigações? Não interfere, atrapalha o trabalho e as tarefas de casa?
154. Como é o dia de finados para o senhor e aqui no bairro? O que as pessoas fazem? Como ficam as ruas que dão acesso ao cemitério? O que as pessoas levam para o cemitério, o que colocam nos túmulos? E em volta do cemitério como fica?
155. Tem algum lugar, além do cemitério que as pessoas costumam ir nesse dia?
156. No dia de finados o que as pessoas fazem durante dia, o que fazem à noite?
157. Na casa, as pessoas fazem algum tipo de celebração, reza, etc ? Por quê?
158. Aqui no bairro tem Companhia de Reis? Quantas? Por que o pessoal chama Folia de Reis? É um ato religioso, de fé? É uma festa?
159. E a Congada?

160. Que outras festas costumam fazer no bairro, são de tradição? Quem participa? Quem faz?
161. As roupas usadas pelas pessoas em velório são as mesmas que se usam em comemorações de batizado e casamento? Por quê?
162. Como guarda e que lembranças de pessoa/ dia de falecimento e de nascimento / casamento / batizado? Faz-se alguma reza nesses dias? Qual a diferença? A casa é preparada diferente; as pessoas se comportam igual nos dois tipos de dias? Por quê?
163. No dia-a-dia a família sempre faz questão de se lembrar dos mortos de alguma forma (uma reza, missa, terço, preces)?
164. Quando se quer fazer um pão, bolo ou outro quitute, a quem se deve recorrer para fazer ou ensinar como faz?
165. Tem alguém que sabe fazer simpatia? Que tipo? Tem resultado positivo?
166. Tem algum livro de simpatias, ou é coisa de memória? Como e com quem se aprende a fazer simpatia?
167. Ainda se usa muito fazer simpatia, benzer, aqui no bairro? Que tipo? É gente mais velha que vai atrás ou gente nova também?
168. O senhor costuma fazer promessas? Que tipo é mais comum? Para quem faz o pedido?
169. Tem promessa que dá mais resultado do que outras? Se a pessoa atingir a graça, mas não cumprir a promessa o que acontece?
170. Dizem que os pecados, os erros dos pais recaem sobre as crianças; que o castigo geralmente vem nos filhos. Isso é verdade? Por que isso acontece? Conhece algum caso?
171. Tem caso de criança sair, nascer defeituosa por causa de pecado cometido pelos pais ou outro membro da família?
172. Os inocentes pagam pelos pecadores mesmo? Tem dívida que é feita em vida que depois morto vem cobrar? Sabe de algum caso?
173. Quando veio morar nesta casa fez algum tipo de benzeção, missa, reza? Acha que isso é preciso? Por quê?
174. Que tipo de coisas, objetos, rezas, etc. as pessoas usam para fazer a limpeza da casa? De quando em quando isso precisa ser feito? Os objetos usados nesse tipo de cerimônia depois o pessoal faz o quê? Guarda, joga fora? Põe em qualquer lugar? (explicar o significado).

175. E as pessoas, de tempos em tempos também precisam se benzer? Por quê? O pessoal do bairro usa fazer o quê? A quem recorre? Por quê?
176. Dizem que em certos lugares sagrados nunca se pode dar as costas? Já ouviu falar disso? Em que lugares não se deve dar as costas? Por quê? Tem também certas cores de roupas que não se deve usar em determinadas ocasiões? Por quê?
177. Tem algum vizinho que se dá melhor e algum que não se dá? Por quê?
178. O senhor tem compadres / comadres? Tem algum que considera como se fosse da família? Por quê? E amigos, costuma gostar de fazer muita amizade?
179. Tem pessoas que fazem poucos amigos. Em sua opinião por que isso acontece? Aqui no bairro todo mundo é amigo de todo mundo? Todas as pessoas se conhecem?
180. Costuma freqüentar um a casa do outro, ajudar um ao outro? Como é o costume do pessoal nesse particular? Isso traz melhoria ou dificulta a vida das pessoas? Por quê?
181. Há aqui no bairro algum personagem tipo? Alguma pessoa, homem, mulher, criança que todo mundo conhece, brinca (andarilho, pessoa com algum problema, bêbado, figura engraçada, etc....)? Por que ele é assim? Qual é a história de vida dele? Tem família?
182. O que se pode e não pode fazer na rua? Por quê? Qual a diferença com a casa? Para ir para a rua as pessoas se vestem como se vestem em casa?
183. O que se faz, fala em casa pode fazer / falar na rua? Por quê?
184. Tem alguma festa, celebração religiosa, comemoração que é própria da rua? Quem participa? Como é?
185. Onde as pessoas correm mais perigo, na rua ou em casa? No geral as ruas são perigosas? A partir de que hora ficam mais perigosas, de dar medo? Por quê?
186. Há algum lugar, algum entroncamento de rua aqui no bairro que é costume se encontrar trabalhos feitos (velas, etc....)? Onde fica? Qual o significado desses lugares?
187. Há no bairro algum lugar onde se faz festas religiosas ou não?
188. Tem algum salão de baile, de pular carnaval? Onde o pessoal comemora o carnaval aqui no bairro? Tem escola de samba? Quem gosta desse tipo de festa? O que mais acontece aqui na vila em época de carnaval? Que tipo de pessoa gosta de carnaval?
189. Há no bairro outro tipo de festa tão animada e diferente como o carnaval?

190. Aqui no bairro tem muita igreja, terreiro de santo, casa de pessoas que sabem benzer, curar, salão espírita?
191. Há lugares que as pessoas costumam ir rezar, acender vela, fazer alguma oferenda? Qual? Por quê? Que tipo de ato religioso vão fazer? Nesses lugares que tipo de coisas as pessoas costumam levar? (significado).
192. Quando as pessoas vão fazer algum tipo de oferenda, nas capelas, às vezes em algum lugar da estrada no cemitério, no cruzeiro, etc..., que tipo de coisas elas levam? O que a gente encontra nesses lugares? Qual o significado desses objetos?
193. As pessoas que sabem benzer/ curar usam o quê para isso? Só fazem um tipo de oração? Como é? Como é a casa dessas pessoas? Tem aqui pessoas que dizem fazer milagres, curas?
194. O que as rezadeiras, os curandeiros, os benzedores, pessoal que faz trabalhos, videntes, têm de diferente das outras pessoas? A gente deve ter medo dessas pessoas ou adorar? Por quê?
195. Para se obter uma graça, para que um desejo seja alcançado é preciso fazer alguns sacrifícios? De que tipo? Por quê?
196. Há pessoas que para conseguir alguma coisa sacrificam animais, plantas enfim fazem oferendas. O que o senhor acha disso? Quando se quer alcançar alguma coisa é preciso fazer oferendas? Por quê? Que tipo de oferenda?
197. Existe magia, gente que tem poderes mágicos? Já ouviu falar de alguma pessoa que faz magia?
198. Que tipo de pessoas os espíritos ruins mais atacam? Por quê? Todo mundo está sujeito a uma influência de espírito ruim? Por quê?
199. O que significa para o senhor a cana, a terra, o ar, a água, o trabalho no corte de cana?
200. Há alguma história, lenda, alguma figura lendária ligada ao canavial? Sabe de história de acontecimento estranho na roça?
201. O que não se deve fazer, falar ou usar quando se vai trabalhar que dá azar? Quando a gente sabe que aquele dia de trabalho não vai ser bom? Tem algum sinal? Por quê? Quem dá esses sinais? O que a pessoa deve fazer quando recebe um sinal?
202. Às vezes as pessoas encontram na roça uma cana em cruz ou dois pedaços de paus colocados em cruz. Tem gente que é supersticiosa e que vê nisso um sinal? O que essas pessoas fazem quando isso acontece?

203. O senhor acredita que as pessoas têm sempre o seu anjo-da-guarda cuidando, olhando para não acontecer nada ruim?
204. Na roça tem casos que o povo diz que a pessoa está com diabo no corpo? (descrever).
205. Aqui o povo usa fazer alguma festa ou cerimônia para comemorar o início ou o fim da safra? Faz algum tipo de prece, reza para que o ano seja bom?
206. Quando está muito ruim de serviço, o povo costuma rezar, fazer alguma promessa, novena, ou coisa parecida? Por quê?
207. Quando o pessoal faz novena, promessa, reza o terço, geralmente é com que finalidade? Para alcançar que tipo de graça? Muita gente costuma fazer isso?
208. Dizem que tudo o que a gente pega com Deus, a gente consegue. O que pensa disso? E o diabo também ajuda?
209. Dizem também que Deus ajuda a quem cedo madruga. O que acha disso?
210. Tem alguma coisa na vida que só apelando para os espíritos, para os deuses? O quê, por exemplo?
211. Na sua opinião, que tipo de poderes tem os seres de outro mundo? O que fazem, como vivem, como se manifestam, que tipo de bem ou de mal podem fazer com as pessoas? Que tipo de pessoas eles mais atingem? O que fazer para se livrar dessa influência? É preciso se livrar delas? Por quê?
212. Esses seres também podem exercer influência sobre a terra, sobre o que se planta e o que se faz na terra, sobre as chuvas, o tempo, o clima, etc... Como influenciam?
213. Que tipo de castigos as pessoas podem sofrer dependendo do que fazem? Que coisas as pessoas fazem para merecer castigo? Quem dá os castigos? Há outros atos que são recompensados por Deus? Quais? Que tipo de recompensas?
214. Há coisas nos deuses, santos, demônios, que são próprios dos mortais (dos vivos) e coisas nos vivos que são próprios dos seres do outro mundo?
215. Onde ficam os deuses e demônios, onde ficam os espíritos bons e ruins? O que é fantasma? Quando se sabe que um espírito é ruim? Há diferença entre demônio e espírito ruim?
216. Como é a natureza dos demônios? E dos deuses, santos, anjos? E dos espíritos? E dos vampiros? E dos outros monstros? Como é o lugar onde eles vivem? Eles podem habitar a cabeça das pessoas?
217. A ciência e a sabedoria dos homens têm a capacidade de mudar o destino?

218. Os castigos podem atingir a natureza em vez dos homens diretamente? Como isso acontece?
219. Quando se diz que uma pessoa morta ou viva precisa de oração? Que tipo?
220. As pessoas costumam agradecer uma graça concedida? Como?
221. Quais são as principais crendices do povo daqui? De onde trouxeram, de onde vêm essas crendices?
222. Por que as benzedoras, rezadeiras, curandeiros, não gostam de falar e ensinar o que sabem? Quem pode saber?
223. O senhor costuma fazer penitência? Que tipo? Para quê?
224. Já participou ou sabe de caso de gente que participa de jogo de azar? Quais as conseqüências dessas práticas?
225. Qual a importância das ervas nas cerimônias religiosas, nos trabalhos, nas novenas, nos atos de penitência, nos nascimentos, na morte, em situações que a pessoa precisa de proteção? Serve qualquer planta? Quais são as mais poderosas e as mais usadas? O que elas têm que as outras plantas não têm? Quem dá esses poderes a elas?
226. O conhecimento, os poderes que certas pessoas têm, são transmitidos como às outras pessoas? As tradições, as histórias de fantasma, de seres de outro mundo, como são passadas de época para época, de pessoa para pessoa?
227. Quem são os responsáveis por guardar esses ensinamentos (da reza, cura, malefício, benzeção) na família e no bairro? Há alguém aqui no bairro que quando se quer ensinamento nessa parte espiritual a gente possa recorrer?
228. Há no bairro alguma pessoa que o povo procura quando quer um conselho?
229. Quem? Por quê? O senhor é tido como conselheiro ou líder dos congadeiros?
230. Tem alguma coisa, pessoa que o pessoal venera como se fosse santo ou Deus? Tem alguma coisa, ou pessoa que o pessoal tem medo, como tem medo do demônio? Por quê?
231. Tem alguma coisa ou pessoa que o senhor admira, dá valor? Por quê?
232. Tem algum fato, pessoa, coisa que ficou na memória do povo do bairro e continua admirado / respeitado até hoje? Tem alguma coisa que é motivo de orgulho do povo aqui do bairro?
233. O que é importante o pessoal só guarda na memória ou tem outra forma de representar o acontecido, de se lembrar do acontecimento ou da pessoa?

234. Tem algum instrumento de trabalho que mesmo velho o senhor guarda com carinho? Por quê? Alguma roupa ou lembrança que o senhor guarda de algum acontecimento, alguma passagem da sua vida?
235. Tem algum lugar, objeto, etc..., que lembra um fato importante para o pessoal do bairro? É motivo de orgulho ou pesar? Por quê?

## APÊNDICE C – RETRATOS DO CONGO



**Tijolinho do barraco do Terno da Coroa de São Benedito**



**Zélia é uma das duas mulheres do terno do São Benedito**



**Murilo e Hebert, congadeiros desde os três anos no terno do “Tijolinho”**



**O Comandante Geral da Cavalhada, Sebastião Pedro no 36º Encontro de Congos e Moçambiques**

## APÊNDICE D – TERMOS DE CONSENTIMENTO


TABELOMUNDO MOVICOR  
Anexo-Programa de Iniciação em Serviço Social e Pastoral  
Jurídica ..... Passos ..... MG

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, BENEDITO DE SOUZA, portador de RG M-7716.934, abarco qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito da pesquisa, que me foi devidamente esclarecida, a qual tem por finalidade fornecer dados para a dissertação intitulada: **"O Terno de Congo da Coroa de São Benedito em Passos (MG): imaginários e representações dos congadoiros sob a perspectiva do Pensamento Complexo"**. trabalho este em processo de desenvolvimento pelas autoras ADRIANA DE OLIVEIRA DIAS e pela orientadora professora doutora ELIANA AMÁBILE DANCINI, na Área de Concentração – Serviço Social Trabalho e Sociedade, do curso de MESTRADO em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista, Unesp-campus de Franca, quanto aos seguintes aspectos:

- a. que a pesquisa objetiva levantar dados sobre a Congada em Passos para elaboração da Dissertação de Mestrado;
- b. que a coleta de informações da pesquisa é feita por meio de filmagem e de fotografia dos integrantes do Terno da Coroa de São Benedito, bem como por meio de uma entrevista que será gravada, cujo roteiro encontra-se anexado a este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também por mim lido;
- c. que estará a mim assegurada a disponibilidade para esclarecimentos sobre a metodologia aplicada na pesquisa;
- d. que para mais esclarecimentos posso contatar a autora pelo telefone (35) 3522-9207;
- e. que estará a mim garantida a total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo algum para mim;
- f. que o uso dos dados por mim fornecidos é reservado às autoras da dissertação, acima mencionadas, sendo autorizadas a utilizarem tanto meu nome completo, quanto codinome;
- g. que a informação sobre os dados da pesquisa podem ser divulgados e publicados desde que cumprido o disposto no item f.
- h. que tenho ciência de possíveis desconfortos, como, por exemplo, a apresentação e registro das informações, a minha disponibilidade de tempo para a entrevista, com duração de aproximadamente uma hora e meia e a marcação de outra entrevista, caso haja necessidade de complementação das informações coletadas.

DECLARO, portanto, que após convenientemente esclarecido pelas autoras e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

  
Passos, 28 de maio de 2007

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (frente)

Cartório do Registro de Títulos e Documentos.

Patroa — Minas Gerais  
Agência nº 27.835, em  
data de 29/04/2008 do protocolo,  
Registrado no nº 244V, em nº 20.309  
de Títulos do registro de Títulos e  
Documentos.  
Passou: 29 de abril de 2008  
O Oficial, Subsc. [assinatura]

Transferência Móvel  
1ª de Títulos e Documentos  
Patroa - Minas Gerais  
Endereço: Rua José Carlos  
Subscritor



SÃO TÍTULOS  
ENCAMINHADOS  
SITUAÇÃO Nº 542  
FOLHA Nº 477  
TOTAL (7/7) AS

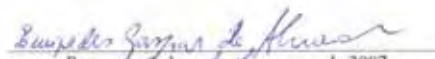
INSTRUMENTO PÚBLICO  
DE TÍTULOS E DOCUMENTOS  
PATROA - MG  
SOL: JUIZ MAURÍCIO DE SOUZA MACHADO  
SUBSCRITORES  
MARCIA DE SOUZA SOARES MACHADO  
JULIA MARCELA SOARES SOARES  
JULIA FÁBIO DE SOUZA SOARES  
MARCIA DE SOUZA SOARES  
MARCIA DE SOUZA SOARES

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, EURIPEDES GASPAS DE ALMEIDA, portador de RG M-13.092.237, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito da pesquisa, que me foi devidamente esclarecida, a qual tem por finalidade fornecer dados para a dissertação intitulada: **"O Terno de Coroa de São Benedito em Passos (MG): imaginários e representações dos congadeiros sob a perspectiva do Pensamento Complexo"**, trabalho este em processo de desenvolvimento pelas autoras ADRIANA DE OLIVEIRA DIAS e pela orientadora professora doutora ELIANA AMÁBILE DANCINI, na Área de Concentração – Serviço Social: Trabalho e Sociedade, do curso de MESTRADO em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista, Unesp-campus de Franca, quanto aos seguintes aspectos:

- a. que a pesquisa objetiva levantar dados sobre a Congada em Passos para elaboração da Dissertação de Mestrado;
- b. que a coleta de informações da pesquisa é feita por meio de filmagem e de fotografia dos integrantes do Terno da Coroa de São Benedito, bem como por meio de uma entrevista que será gravada, cujo roteiro encontra-se anexado a este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também por mim lido;
- c. que estará a mim assegurada a disponibilidade para esclarecimentos sobre a metodologia aplicada na pesquisa;
- d. que para mais esclarecimentos posso contatar a autora pelo telefone (35) 3522-9207;
- e. que estará a mim garantida a total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo algum para mim;
- f. que o uso dos dados por mim fornecidos é reservado às autoras da dissertação, acima mencionadas, sendo autorizadas a utilizarem tanto meu nome completo, quanto codnome;
- g. que a informação sobre os dados da pesquisa podem ser divulgados e publicados desde que cumprido o disposto no item f.
- h. que tenho ciência de possíveis desconfortos, como, por exemplo, a apresentação e registro das informações, a minha disponibilidade de tempo para a entrevista, com duração de aproximadamente uma hora e meia e a marcação de outra entrevista, caso haja necessidade de complementação das informações coletadas.

DECLARO, portanto, que após convenientemente esclarecido pelas autoras e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa

  
Passos, 28 de abril de 2007

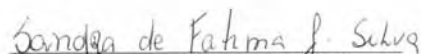
**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, SANDRA DE FÁTIMA JERONIMO SILVA, portador de RG M-9.237.081, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito da pesquisa, que me foi devidamente esclarecida, a qual tem por finalidade fornecer dados para a dissertação intitulada: **"O Terno de Congo da Coroa de São Benedito em Passos (MG): imaginários e representações dos congadeiros sob a perspectiva do Pensamento Complexo"**, trabalho este em processo de desenvolvimento pelas autoras ADRIANA DE OLIVEIRA DIAS e pela orientadora professora doutora ELIANA AMÁBILE DANCINI, na Área de Concentração – Serviço Social: Trabalho e Sociedade, do curso de MESTRADO em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista, Unesp-campus de Franca, quanto aos seguintes aspectos:

- a. que a pesquisa objetiva levantar dados sobre a Congada em Passos para elaboração da Dissertação de Mestrado;
- b. que a coleta de informações da pesquisa é feita por meio de filmagem e de fotografia dos integrantes do Terno da Coroa de São Benedito, bem como por meio de uma entrevista que será gravada, cujo roteiro encontra-se anexado a este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também por mim lido;
- c. que estará a mim assegurada a disponibilidade para esclarecimentos sobre a metodologia aplicada na pesquisa;
- d. que para mais esclarecimentos posso contatar a autora pelo telefone (35) 3522-9207;
- e. que estará a mim garantida a total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo algum para mim;
- f. que o uso dos dados por mim fornecidos é reservado às autoras da dissertação, acima mencionadas, sendo autorizadas a utilizarem tanto meu nome completo, quanto codnome;
- g. que a informação sobre os dados da pesquisa podem ser divulgados e publicados desde que cumprido o disposto no item f.
- h. que tenho ciência de possíveis desconfortos, como, por exemplo, a apresentação e registro das informações, a minha disponibilidade de tempo para a entrevista, com duração de aproximadamente uma hora e meia e a marcação de outra entrevista, caso haja necessidade de complementação das informações coletadas.

DECLARO, portanto, que após convenientemente esclarecido pelas autoras e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

  
Passos, de de 2007

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (Anverso)**

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências nele contidas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

Passos, 08 de outubro de 2007

  
Adriana de Oliveira Dias

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (Verso)**

## **ANEXOS**

ANEXO A – DOCUMENTOS: Atas

Em 2 de Julho de 1873, foi instituída a  
Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, nesta  
cidade de Passos, sob a presidência de Rui<sup>mo</sup> Gonçalo  
Francisco de Assis Simões Ulhoa Bispo Secretário.  
José Ferreira Primitivo, José Ferreira de Carvalho,  
Manoel José de Paiva, Joaquim Rodrigues de Vas-  
concelos, Antônio Bastião Machado, que nesta mes-  
ma data elegeram a primeira Mesa Administrativa  
da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, pelo modo  
seguinte: José Manoel José de Paiva, - Secre-  
tário. José Ferreira Primitivo, - Procurador. Anto-  
nio Bastião Machado, - Tesoureiro. José Ferreira  
de Carvalho, - Mesario. F. C. Cassiano José Lemos,  
Joaquim Rodrigues de Vasconcelos, Lucas de  
Vasconcelos e Manoel Narciso Ferreira de Brito.  
Além dos irmãos acima mencionados, foram  
fundadores, os seguintes: Leonel  
Garcabres Fornide, José Bastião Maciel, Antônio  
José de Lucena, Antônio Basílio de Sousa, An-  
tonio Ferreira de Carvalho, Antônio João dos Santos  
José Carrulo de Carvalho, Vicente Rodrigues da Traven-  
ça de, Dr. Saturnino Arnouco da Silva, José José  
de Araújo, Manoel Joaquim Bernardes, Dr. Francisco  
Augusto Pereira Lima, Lucas Pedrozo de Barros, Bal-  
dino José de Souza, Pedro Getúlio Monteiro de Mello  
Tomé, Carlos José Lemos, José Basílio Coelho, An-  
tonio de Paiva, Lourenço José de Andrade, Fran-  
cisco José Ribeiro, Cassiano Torquato da Silva, Di-  
mas Guedes Batista de Moraes, Joaquim Getúlio Montei-  
ro de Mendonça, Melchior Ferreira de Brito.

Ata de Instituição da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário

Com 25 de Junho de 1885 se estabeleceu  
 a Irmandade de São Benedito na Igreja de S.  
 da Senhora do Rosário nesta cidade de São  
 Paulo ficando a Mesa Administrativa const.  
 de seis membros seguintes:  
 Joaquim Felício Monteiro de Albuquerque - Juiz  
 Joaquim Lybca de Moura - Escrivão  
 Manoel Gomes de Medeiros - Escrivão  
 Vicente Rodrigues dos Santos - Escrivão  
 João Romão de Souza Lima - Escrivão  
 e Demas Pius Batista de Almeida - Mesaio  
 1.º José Esteves Pereira de Melo  
 2.º José Elias Ribeiro de Azevedo  
 3.º João Batista <sup>da Silva</sup> ~~de Azevedo~~  
 4.º Antônio Ferreira de Azevedo  
 5.º Manoel Feliciano Pereira  
 6.º Manoel Batista da Silveira  
 7.º Ora Jacarandá Carolina de Azevedo  
 8.º Mateo do Carmo Soares

Ata de Instituição da Irmandade de São Benedito

## **ANEXO B - PARA ENTENDER AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS**

**CONGADAS:** São autos populares brasileiros, de motivação africana, representados em várias regiões do Brasil. Esta dança simula a batalha entre cristãos e mouros, culminando com a coroação do rei Congo e a conversão dos Mouros em cristãos. No decorrer da festa são executados bailados, jogos de agilidade e simulação guerreira. A Congada é composta de música, encenação, dança e versos declamados. A festa tem um calendário ao longo do ano em datas como dia de São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e Natal.

**MOÇAMBIQUE:** É um bailado popular que acontece como evento religioso no período das festas de São Benedito e no Natal. Os dançantes usam túnicas e saias brancas, azuis ou vermelhas, gorro na cabeça e guizos nas canelas (gunga feita com latinhas e pedras), desenvolvem coreografia movimentada, em filas ou arabescos, entrechocando bastões de madeira em lutas simuladas. São considerados mágicos, por isso seus dançarinos são temidos, suas rezas são gemidas e não cantadas.

**FOLIA DE REIS:** É uma festa em louvor ao novo ano que chega. É formada por uma “companhia”, um grupo de pessoas que cantam e tocam, reunidas no geral no dia 25 de dezembro, podendo ocorrer em outras datas. Estes grupos saem pela redondeza cantando e louvando o ano bom até 06 de janeiro, “Dia de Reis”, o dia em que se acredita terem os Reis Magos entregado ofertas ao Menino Jesus. É costume parar em todas as casas e oferecer um canto de louvor para cada um, em troca de comidas e bebidas para a “companhia”, ou mesmo doações para a festa.

**PASTORINHAS:** O grupo realiza uma encenação do nascimento do menino Jesus, com música e gestos de 25 a 06 de janeiro. Participam da teatralização mulheres que representam o Anjo, a Estrela, as camponesas, um homem - que faz o papel de Pastor – e ainda a Banda da Polícia Militar. Em algumas apresentações a festividade conta com a presença dos três Reis Magos. A encenação teve origem em Portugal.

**CAVALHADA:** A Cavalhada Moriscana, realizada apenas no dia do Natal, conta com a participação de cavaleiros que se vestem com uniformes específicos e portam suas patentes (militares). Estes cavaleiros seguem um trajeto realizando visitas aos reis e capitães. São homenageados pelas embaixadas dos Ternos de Congo e Moçambique e também pelas Cortes

do Reinado. Simulam a batalha dos Mouros contra os Cristãos. Fazem o levantamento das bandeiras. Formam duas filas, correm, cruzando-se: mouros e cristãos. Com a vitória dos cristãos, os mouros vencidos são convertidos e batizados. Em seguida se procedem a bênção de Natal e a confraternização. Os sinos da igreja tocam anunciando a vitória dos cristãos, enquanto são levantados os mastros com as bandeiras de São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio de Catijeró e Menino Jesus.

**REISADO:** É uma dança popular profano-religiosa, de origem portuguesa, festejada no Dia de Reis - 06 de janeiro. Um grupo formado por músicos, cantores e dançadores vai de porta em porta anunciando a chegada do Messias e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam e dançam. Compõem-se de várias partes e têm diversos personagens como o rei, o mestre, contramestre, figuras e moleques. Os instrumentos que acompanham o grupo são violão, sanfona, ganzá, zabumba, triângulo e pandeiro.

**REINADO:** Representa os reis e rainhas retirados forçadamente de seus reinos na África e trazidos como escravos para o Brasil. Todos os reis e rainhas são homenageados no dia do Natal. Os representantes dos reinados de Nossa Senhora do Rosário, São Domingos, São José, São Benedito, Santo Antonio de Catijeró, Santa Efigênia e do Menino Jesus recebem a visita dos congadeiros e moçambiqueiros do dia 26 a 31 de dezembro.